



CICLO DE ESTUDO

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO

2º Mestrado em História Contemporânea

# Imagens do Oriente, em particular do Japão, na correspondência de Wenceslau de Moraes Ana Elisa Eirinha Martins Coelho

# M

2016



**Ana Elisa Eirinha Martins Coelho**

**Imagens do Oriente, em particular do Japão, na correspondência de  
Wenceslau de Moraes**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História Contemporânea orientada pelo Professor  
Doutor Luís Alberto Marques Alves

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Novembro de 2016



# Imagens do Oriente, em particular do Japão, na correspondência de Wenceslau de Moraes

Ana Elisa Eirinha Martins Coelho

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História Contemporânea orientada pelo Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

## Membros do Júri

Professor Doutor Jorge Fernandes Alves  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Conceição Meireles  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 15 valores



# Índice

Agradecimentos.....	9
Resumo .....	11
Abstract .....	12
Introdução.....	13
Estado da Arte .....	20
Capítulo 1 - Expectativas, inquietações, sugestões, desejos e frustrações – Wenceslau e a expressão de vontades relacionais. ....	28
1.1. Quem era Wenceslau de Moraes? .....	28
1.2. A epistolografia de Wenceslau de Moraes: razão para utilizar a sua correspondência como fonte histórica para conhecer a realidade do Japão e Portugal nos finais do século XIX e inícios do século XX .....	30
1.2.1. Expectativas, inquietações, sugestões, desejos e frustrações....	33
Capítulo 2 – O Japão e o Oriente na correspondência de Wenceslau de Moraes .....	41
2.1. Caracterização do Oriente e do Japão em particular no último quartel do século XIX as primeiras décadas do século XX (1868 – 1930) .....	41
2.2. Aspetos internos .....	43
2.2.1. Breve visão do Feudalismo da Era Tokugawa ou Edo, que se situa cronologicamente entre os anos 1600 a 1868 .....	44
2.2.2. A Era Meiji (1868 – 1930) e o nascimento de um novo Japão como forte potência imperialista.....	45
2.3. Aspetos externos .....	53
2.3.1. As relações com a Europa e os Estados Unidos da América....	56

2.3.2. As relações com a Rússia.....	66
Capítulo 3 – Representações escritas do Oriente e do Japão .....	70
3.1. Alterações na estrutura do Império Japonês .....	71
3.2. A Visão do Japonês e a Alma Japonesa .....	72
3.3. Apesar de tudo... uma alma aberta .....	74
3.3.1. Patriotismo .....	76
3.3.2. Imperialismo, Colonialismo, Militarismo e Nacionalismo.....	77
3.3.3. A Educação e a Religião .....	84
3.3.4. Processos de modernização (transportes, ciência e indústria) ..	87
Conclusão .....	91
Fontes e Bibliografia .....	97
Anexos.....	102

## **Índice dos Anexos**

<b>Anexo 1-</b> Principais datas e acontecimentos de Portugal entre (1890-1926) .....	102
<b>Anexo 2-</b> Cronologia do Japão dos Finais do Século XIX/Cronologia do Japão de 1800 a 1945.....	104





## **Agradecimentos**

Com a conclusão desta investigação termino mais uma fase do meu percurso académico com o Mestrado em História Contemporânea, complementando assim a minha Licenciatura em Turismo. Com a entrada, numa vertente de estudos diferente daquela que tinha na formação em Turismo, por um lado encontrei algumas dificuldades, por não ter as bases de um estudante de licenciatura em História mas, por outro lado, foi bastante gratificante e enriquecedor, porque pude explorar o campo da História que tanto me apaixona. Em relação à escolha da temática de investigação, também se apresentaram alguns obstáculos devido ao curto tempo e aos poucos recursos para a exploração do tema, no entanto o meu interesse e gosto pelo orientalismo, permitiu-me um tempo de experiências aliciantes, onde tomei conhecimento de assuntos que desconhecia e, apesar das dúvidas, isso garantiu-me prolongar os meus estudos neste campo.

Foi um percurso difícil porque parte do tempo tive que dedicar à investigação, e sacrificar momentos em família, amigos, um tempo desgastante e por vezes de desânimo, mas a força da minha ambição em relação a Ásia deu-me a energia para continuar.

Quero agradecer a todas as pessoas que fizeram parte deste meu percurso e que contribuíram para a sua realização. Em primeiro a minha família pelo apoio emocional e financeiro que suportaram para poder graduar-me no grau de mestre, investindo na minha educação.

Quero, também poder agradecer a todos os docentes do Mestrado em História Contemporânea, incluindo o meu Orientador, professor Luís Alberto Alves, pela força, apoio e acompanhamento durante o desenvolvimento da tese e ajuda a transformar este trabalho em realidade e aos meus colegas de curso.

Quero agradecer aos colegas desta universidade que fui conhecendo ao longo destes dois anos, tanto portugueses, como de Erasmus, neste caso estudantes japoneses, que me ajudaram a conhecer melhor uma realidade diferente de Portugal e me deram incentivos para continuar a minha caminhada. Quero também agradecer à professora Japonesa da FLUP, Reiko, que esteve sempre disponível para me fornecer informação sobre o seu país.

Devo ainda um agradecimento a todos que estiveram presentes neste percurso.

## **Resumo**

No âmbito do Mestrado em História Contemporânea, desenvolvemos o presente estudo, utilizando como fontes primordiais as Cartas de Wenceslau de Moraes. Pretendemos conhecer e aprofundar as relações entre Portugal e o Extremo-Oriente, neste caso o Japão, no período cronológico dos finais do século XIX aos inícios do século XX (1868-1930). As contextualizações que incluíram os períodos históricos anteriores tiveram apenas o objetivo de podermos compreender os acontecimentos que influenciaram as relações entre os dois países no período cronológico em estudo.

Com a análise e categorização das Cartas, visamos estruturar algumas comparações entre o Ocidente e o Oriente, destacando alguns estereótipos culturais, educacionais, civilizacionais, sociais, religiosos, filosóficos (ideologias/pensamentos), políticos e militares, com o objetivo de conhecer melhor o impacto que Portugal teve no Extremo-Oriente, principalmente o Japão, e qual o impacto que este causou em Wenceslau de Moraes e na sua epistolografia.

Esta tese incide nas vertentes culturais e no enlace cultural entre os dois países, no entanto também questionamos sobre algumas outras vertentes que nos ajudaram a responder a algumas curiosidades sobre o Japão e a sua civilização. Com base nalgumas questões de partida, foram apresentadas algumas comparações entre as distintas nações do Ocidente e do Oriente, algumas propostas possíveis que o povo português podia ter implementado mas também a renovação das suas ligações com a civilização japonesa, numa época que sofria transformações a nível global, onde o capitalismo imperava.

As imagens de Wenceslau de Moraes sobre o Oriente, são assim fruto de uma presença, de uma reflexão pessoal mas também da sua capacidade de transformar tudo em cartas que, agora analisadas, permitiram-me olhar com esse filtro, a imagem que o Oriente tinha no contexto europeu, num período de grandes mudanças, num e noutro espaço.

## **Palavras-Chave**

Wenceslau de Moraes; Japão; Oriente; Epistolografia; Cultura.

## **Abstract**

Under the Master in Contemporary History, develops the present study, using as primary sources the Wenceslau de Moraes Letters. We intend to know and deepen the relations between Portugal and the Far East, in this case Japan, the chronological period of the late nineteenth century to the early twentieth century (1868-1930).

With the analysis and categorization of Letters, we aim to structure some comparisons between the West and the East, highlighting some cultural stereotypes, educational, civilization, social, religious, philosophical (ideologies / thoughts), political and military, in order to know better impact that Portugal had in the Far East, especially Japan, and what impact this had on the period referred to by Wenceslau de Moraes in his epistolography.

This thesis focuses on cultural aspects and cultural enlace between the two countries, but also inquired about some other aspects that help us answer some curiosities about Japan and its culture. Based on some initial questions were presented some comparisons between the different nations of the West and the East, some possible proposals that the Portuguese people could be implemented but also the renewal of its links with the Japanese civilization, a time that suffered transformations level global, where capitalism prevailed.

The representations of Wenceslau de Moraes on the East, are thus the result of a presence, a personal reflection but also of its ability to turn everything into letters that now analyzed, allowed me to look through this filter, the image that the East had in the European context, a period of great change in either space.

**Keywords:** Wenceslau de Moraes; Japão; Oriente; Epistolografia; Cultura

## Introdução

A presente dissertação - Imagens do Oriente, em particular do Japão, na correspondência de Wenceslau de Moraes (1868-1930) – procura responder a uma motivação pessoal e à vontade de analisar com maior profundidade uma fonte epistolar. Portugal durante este período, encontrava-se na fase final do rotativismo incapaz de sustentar as dificuldades da Monarquia Constitucional e transitava para um novo regime que em 1910 se concretiza através da implantação da República. Durante este período, muitos portugueses abandonaram o país com um sentimento de desilusão e procurando melhores condições de vida, não só por parte das camadas mais baixas da população, como também das classes altas.

Os ideais nacionais como o patriotismo, o sentimento de nação heróica e o espírito de aventura de explorar o mundo, criaram raízes nos países que partilharam experiências com o povo português. O povo lusitano desde a época dos descobrimentos (séculos XV e XVI), e em particular figuras portuguesas como Fernão Mendes Pinto são mencionados nas cartas de Wenceslau de Moraes. Os descobridores são um exemplo para os novos “exploradores/heróis” portugueses da época contemporânea, pois estes queriam seguir o idealismo dos portugueses do século XVI.

No meu trabalho abordarei Wenceslau de Moraes, escritor português apaixonado pelo Oriente, principalmente pelo Japão, através das suas Cartas, mas também livros, que nos fazem viajar ao País do Sol Nascente. Seguindo o Prefácio de Bento Carqueja, no Volume de Cartas de antes da Guerra (1902-1904), e comentando o olhar e o relacionamento Japão e Portugal, ele afirma:

*“Desde os tempos das narrativas semifabulosas dos primeiros viajantes que visitaram o Japão –e Portugal reclama primasias n’essas visitas e n’essas narrativas –a Europa tem olhado para aquelle paiz com estranha curiosidade. De cada vez lhe parece o Japão mais extravagante e mais seductor, mais paradoxal e mais impenetrável.”<sup>1</sup>*

Na opinião de alguns escritores como William R. Nester ou Nelson Santos António Macau, «Do que a Europa precisa é de um conjunto de académicos que estudem

---

<sup>1</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, sem página.

*o Japão e a China e que recomendem políticas suportadas em bases objectivas e não em simbioses sentimentais»*<sup>2</sup>, ou seja, na Europa são necessários especialistas em estudos orientais, para estudar o Japão e a China ou a “Ásia no geral”, para que existam estudos de suporte a recomendações políticas mais fundamentadas.

O romancista mais famoso do período Meiji, Natsume Soseki -, na sua obra de 1909, *Sore Kara (E Depois)* no auge do seu prestígio internacional, escreveu:

*“Olhem para o Japão [...] Tenta fazer o seu caminho na companhia das potências de classe mundial [...] É como uma rã que tenta ser tão grande como uma vaca. É claro, não tarda, irá rebentar. A luta afecta-te a ti e a mim e a toda a gente. Devido à pressão da concorrência com o Ocidente, os japoneses não têm tempo para descontraír [...] Não admira que sejam todos neuróticos [...] Não senão em si mesmos e nas suas necessidades imediatas. Olhem para todo o Japão e não verão um centímetro quadrado onde brilhe a luz de uma esperança. As trevas cobrem-no totalmente.”*<sup>3</sup>

Nesta nova fase histórica também conhecida como a Época do “Poder do Iluminado” ou Meiji, o Japão nasce como um novo império e potência a nível mundial. O Japão ou País do Sol Nascente atravessava uma fase de profundas mudanças, após viver quase dois séculos fechado ao mundo e numa época restrita conhecida por Edo/Feudal, governada pelos Xogunato, Dáimos e Samurais. Com a visita dos americanos, o país foi obrigado a abrir os seus portos para a circulação comercial e o Japão transforma-se num país moderno, com influências ocidentais, mas ao *estilo japonês*. Estas mudanças levaram a conflitos internos/civis o que provocou uma Revolução que iria acabar com o velho regime e com o velho Japão, transformando-o numa nova e forte potência mundial. Este novo período é conhecido por “Meiji”, e neste a soberania é do imperador.

A superioridade do Japão perante a Ásia e o resto do mundo, acabará na Segunda Guerra Mundial. Numa fábula de Soseki «*uma rã que iria continuar a crescer até finalmente rebentar*».<sup>4</sup>

O interesse pelo estudo do Oriente, caso particular do Japão, surgiu da minha paixão e interesse que veio crescendo ao longo dos anos, nascendo também a curiosidade

---

<sup>2</sup> SAKAIYA, T. (1993). *Japão. As duas faces do gigante*. Lisboa: Difusão Cultural – Sociedade Editorial e Livraria, Lda, p.11

<sup>3</sup> HENSHALL; K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, p. 139 e 140

<sup>4</sup> Idem, p. 141

sobre alguns assuntos, os quais decidi explorar. Outra razão tem a ver com a falta de recursos sobre o tema, em particular na visão portuguesa e, através do meu estudo procurar modestamente contribuir para aumentar esses recursos relacionados com o Oriente. A última razão é saber como Portugal e Japão se relacionavam ao fim de dois séculos sem ligação. Para base da minha investigação utilizei as cartas e algumas obras de Wenceslau de Moraes, como embaixador de informações sobre o Japão, e em parte sobre o Oriente. As suas cartas revivem a grandeza de Portugal dos descobrimentos e dão-nos a conhecer uma realidade diferente.

No âmbito da elaboração desta dissertação traçámos as seguintes problemáticas: a caracterização do Oriente e do Japão em particular entre o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1868-1930). Aqui abordei o Japão como nova potência emergente a caminho do imperialismo, tanto no interior como no exterior, restringindo aos países de maior importância o acesso aos seus mercados e, em contrapartida, procurando conquistar outros no seu exterior. Através de alguns temas tratados nas cartas como guerra, conflitos internos, entre outros, procurarei dar expressão a essa vertente. Outra problemática residiu nas representações escritas do Oriente e do Japão nas Cartas de Wenceslau de Moraes. Aqui debrucei-me sobre a importância da sua correspondência, a visão do outro nas relações entre Japão e Portugal, em particular nas informações que nos ajudam a conhecer e compreender a terra nipónica: a cultura, o sistema estrutural do Império, visões, ideologias e pensamentos, entre outros. A última problemática incidiu sobre a visão de Wenceslau de Moraes e as “vontades relacionais”, isto é, quais as suas sugestões e desejos para que Portugal e Japão tenham um relacionamento com maior destaque.

No que respeita às fontes, usámos as cartas e obras de Wenceslau de Moraes, obras literárias gerais de outros autores e fontes hemerográficas, para alicerçar e justificar certos assuntos do tema.

Na primeira tipologia “Cartas e Obras de Wenceslau de Moraes”, recorreremos às seguintes correspondências epistolares: “Cartas do Japão Antes da Guerra (1902-1904)” e “Um ano da guerra (1904-1905)” escritas enquanto cônsul em Kobe, entre os anos de 1902 e 1913. Nas “Cartas”, Moraes informa sobre os principais acontecimentos que se passam no Japão, o desenvolvimento e a passagem de um país que era atrasado e fechado, para um país moderno, obrigado a abrir as portas passados dois séculos para os

Ocidentais, neste caso Americanos, para permitir as relações comerciais. Perante essas ameaças modernizou-se imitando o Ocidente, mas mantendo alguma identidade Japonesa. Esta marcou uma nova era chamada de Época “Meiji” ou “Poder Iluminado” e teve início no ano de 1868.

O volume de “Cartas do Extremo Oriente” informa-nos mais sobre a sua vida e obra, em particular as viagens de Wenceslau de Moraes, remetendo-nos sempre para comparações com a situação da história portuguesa. No último quartel do século XIX e inícios do século XX, Portugal também se encontrava numa fase de mudança - a passagem da Monarquia para a República. Em 1900 o governo disputava-se entre dois partidos o «Progressista» e o «Regenerador» mas era visível já a crescente votação republicana. Durante esse período houve alguns obstáculos, conflitos, tanto dentro como fora do país, que levaram à queda da Monarquia. Apesar de a República, a partir de 1910, trazer algumas coisas positivas, trouxe também algumas lacunas. Estas lacunas trouxeram algumas desilusões ao povo, como a algumas figuras eruditas portuguesas, a evidenciarem e descreverem o mal-estar. Alguns não se reviam no novo regime, ou pelo menos na forma como os republicanos governavam, e mostraram a sua desilusão. Wenceslau de Moraes, por exemplo, devido ao seu descontentamento em relação à situação de Portugal, cortou as suas raízes lusitanas e japonizou-se:

*“Não indiferente, mas de critério puramente negativista, descrente das boas intenções dos politicastes. Em política colonial indignava-o a sistemática espoliação do indígena e tinha por hipócritas todas as afirmações oficiais da pretendida assistência e igualização liberal. Quanto a formas de governo não se descosia, mas revelava-se céptico e sem simpatia alguma pelos homens do seu tempo que propagandeavam as ideias avançadas no sentido de substituir a República à Monarquia. Também não simpatizava com a realeza, de que ao contrário de muitos outros da sua classe, não procurava aproximar-se na intenção de melhorar a sua carreira, pois isso ser-lhe-ia facilitado pelas suas relações de família [...]. Era livre-pensador, imbuído das ideias dos filósofos enciclopedistas”.<sup>5</sup>*

Algumas das obras onde nos focamos para explicar os temas abordados nas cartas e obras de Wenceslau de Moraes e compreender melhor o período de coincidente com a

---

<sup>5</sup>MORAES, Wenceslau de (1993). *Cartas do Extremo Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente. p. 13.



nossa investigação, foram: *História do Japão*<sup>6</sup>; *Relance da Alma Japonesa*<sup>7</sup>; *Imperialismo Japonês*<sup>8</sup>; *The Japanese Colonial Empire, 1895-1945*<sup>9</sup>; *A educação do Japão*<sup>10</sup>; *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*<sup>11</sup>; *Cartas do Japão Um ano da Guerra (1904-1905)*<sup>12</sup>; *Sushi Bar Nós e os Japoneses*<sup>13</sup>; *O culto do chá*<sup>14</sup>; *As Grandes Religiões do Mundo*<sup>15</sup>; *HISTÓRIA DA COREIA*<sup>16</sup>; *Dai-Nippon (O Grande Japão)* Wenceslau de Moraes<sup>17</sup>, com Introdução de Celina Silva; e também alguns excertos de obras sobre os assuntos estudados colocadas na Webgrafia como por exemplo: *História e Cultura (A China e Macau na obra de Wenceslau de Moraes)*<sup>18</sup>; *Wenceslau de Moraes e a Guerra Russo Japonesa de 1904-1905*<sup>19</sup>.

Obras mais genéricas de enquadramento mundial foram ainda incluídas nas leituras de referência para o meu trabalho. Destaco a *História do Século XIX/XX* (Gispert<sup>20</sup>, Parker<sup>21</sup>, William Keylor<sup>22</sup>) que relata factos históricos relacionados com o império japonês e vividos durante estes dois séculos, não só no Japão onde houve mudanças a nível cultural, político, económico, religião, cultural, mental, pensamento, e onde novas potências mundiais emergem e provam o seu poder a nível militar e colonial. Estas obras globais, no nosso trabalho, serviram como ponte de justificação para a ligação do Japão com outros países, neste caso as potências mundiais - Inglaterra, América, Rússia, Alemanha, França - mas também com outros continentes como por exemplo a

---

<sup>6</sup> HENSHALL, K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70.

<sup>7</sup> MORAES, Wenceslau de (1999). *Relance da alma japonesa*. Lisboa: Edição de Daniel Pires.

<sup>8</sup> FREITAS, J.D. (s.d.). *O Imperialismo Japonês*. Lisboa: Edições Cosmos.

<sup>9</sup> PEATTIE, E.H. (1984). *The Japanese Colonial Empire, 1895-1945*. New Jersey: Princeton University Press.

<sup>10</sup> MORAES, Wenceslau de (2005). *A Educação no Japão*. Lisboa: Editora Nova Ática.

<sup>11</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz.

<sup>12</sup> MORAES, Wenceslau de (1905). *Cartas do Japão: uma anno da Guerra (1904-1905)* Prefácio de Vicente de Almeida d'Eça. Porto: Livraria Magalhães& Moniz.

<sup>13</sup> CARVALHO, E. K. (2004). *Sushi nós e os Japoneses*. Dafundo: Editorial Tágide.

<sup>14</sup> MORAES, Wenceslau de. (2005). *O Culto do Chá*. Lisboa: Sem indicação de editor.

<sup>15</sup> DELUMEAU, J. (1997). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença.

<sup>16</sup> SYSTEM, C.P. (1995). *História de Coreia*. Séul, República de Coreia: Editado y produzido por World Compugraphic.

<sup>17</sup> MORAES, Wenceslau de. (1983). *DAI-NIPPON (O Grande Japão)*. Introdução de Celina Silva. Barcelos: Colecção: "Cem anos de Literatura em Língua Portuguesa", Composto e Impresso na Campanha. Editora do Minho-Barcelos.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, C.V. (1994). *História e Cultura, a China e Macau na obra de Wenceslau de Moraes*. In: [file:///C:/Users/Lisinha/Downloads/A%20China%20e%20Macau%20na%20obra%20de%20Wenceslau%20de%20Moraes%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lisinha/Downloads/A%20China%20e%20Macau%20na%20obra%20de%20Wenceslau%20de%20Moraes%20(1).pdf), Disponível em 29 de setembro de 2015.

<sup>19</sup> SILVA, J.J.(s.d). *Wenceslau de Moraes e a Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905*. Lisboa <http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/lh/article/view/1525/1638>, disponível em 30 de setembro de 2015.

<sup>20</sup> GISPERT, C (s.d.). *História Universal*. Lisboa: Oceano Grupo Editorial. Vol.16

<sup>21</sup> PARKER, G. (1995). *Atlas Verbo de História Universal*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.

<sup>22</sup> KEYLOR, W.R. (2001). *História do século XX*. Mem Martins: Publicações Europa América.

África já que este continente começava a revelar a sua importância para o mundo como ficou bem visível na Conferência de Berlim. Na Primeira Guerra Mundial vai ser alvo da “cobiça dos Europeus” e também de países dentro da Ásia como a China ou a Coreia.

A nível de obras como base para relatar os acontecimentos de Portugal e nosso relacionamento com a Ásia, neste caso o Japão, lemos: *Cartas do Extremo Oriente*<sup>23</sup>; *História das Colonizações das Conquistas às Independências séc. XII – XX*<sup>24</sup>; *Um Olhar para Portugal no Mundo*<sup>25</sup> e *História de Portugal*<sup>26</sup>. Usamos também alguns excertos de obras retirados da web, servindo como apoio complementar ao nosso estudo abordando partes da situação de Portugal e a sua relação com o Oriente, neste caso o Japão, como por exemplo: obras de Armando Martins Janeira como *A Construção de um País Moderno*<sup>27</sup>, *Portugal e o Japão*<sup>28</sup> e a obra *Figuras de Silêncio- A Tradição Cultural No Japão de Hoje*. No nosso entender, Armando Martins Janeira é o melhor escritor português para nos dar a conhecer Wenceslau de Moraes e as suas obras e descrever o Japão e Portugal nos finais dos séculos XIX e inícios do século XX.

Outras fontes utilizadas ao longo da investigação, como obras literárias, dicionários com vocabulário específico, hemerografia, entre outros serviram, sobretudo, para complementar o nosso estudo: *Dicionário de Conceitos Históricos*<sup>29</sup>; *Entre duas Civilizações: o Universo de Leituras em Wenceslau de Moraes*<sup>30</sup>

As fontes primárias que consultei são maioritariamente epistolares, obras bibliográficas do autor em estudo, neste caso Wenceslau de Moraes, fonte principal para conhecer e entender a relação de Portugal e Japão, ao fim de mais de dois séculos. Também recorri a recursos hemerográficos, cinematográficos (sobretudo documentários,

---

<sup>23</sup> MORAES, Wenceslau de (1993). *Cartas do Extremo Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente.

<sup>24</sup> FERRO, M. (1995). *História das Colonizações das conquistas às independências – século XII-XX*. Lisboa: Editorial Estampa.

<sup>25</sup> BOLÉO-ROMÉ (1929). *Um Olhar para Portugal no Mundo*. Lisboa: Edições Colibri.

<sup>26</sup> SERRÃO, J. V. (1989). *História de Portugal (1910-1926)* (XI), Lisboa: Verbo: Verbo.

<sup>27</sup> JANEIRA, A. M. (1985). *A Construção de um país moderno*. Lisboa: Editorial Inquérito. <http://www.armandomartinsjaneira.net/obra/japao-a-construcao-de-um-pais-moderno/>. Disponível em 1 de outubro de 2015.

<sup>28</sup> JANEIRA, A. M. (1955). *Portugal e o Japão – Subsídios para a História Diplomática*. [Portugal and Japan – A Contribution to Diplomatic history.] Lisbon: Agência Geral do Ultramar [http://armandomartinsjaneira.net/downloads/Armando\\_Martins-Portugal\\_e\\_o\\_Japao-excertos.pdf](http://armandomartinsjaneira.net/downloads/Armando_Martins-Portugal_e_o_Japao-excertos.pdf). Disponível em 1 de outubro de 2015.

<sup>29</sup> SILVA, K. V. (2005). *Dicionário de Conceitos Históricos* (2.ed). São Paulo: Editora Contexto. [https://moodle1315.up.pt/pluginfile.php/151384/mod\\_resource/content/1/dicionario%20de%20conceitos%20hist%C3%B3ricos.pdf](https://moodle1315.up.pt/pluginfile.php/151384/mod_resource/content/1/dicionario%20de%20conceitos%20hist%C3%B3ricos.pdf) Disponível em 2 de Outubro de 2015.

<sup>30</sup> CAPITÃO, M. M. (2012). *Entre duas Civilizações: o Universo de Leituras em Wenceslau de Moraes*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

relacionados com o tema), obras sobre o Japão, algumas conversações com pessoas japonesas e relacionadas com o tema. Estes interlocutores serviram para colmatar alguma ausência ou escassez de informação. Aquando da seleção dos temas investigados em partes das Cartas mais importantes, tive necessidade de decifrar alguns dos acontecimentos abordados pelo autor, procurando informação específica

## Estado da Arte

A atenção dedicada à História Oriental, no caso particular ao Japão, e à sua relação com o Ocidente, principalmente Portugal, embora possa ser identificada em períodos anteriores é sobretudo no século XIX que as primeiras investigações e publicações sobre o Oriente/Japão têm lugar.

A curiosidade pela história do Japão surge sobretudo quando este país se converte numa nova e forte potência a nível mundial nos finais do século XIX, numa altura em que um país feudal isolado do mundo começa a modernizar-se rapidamente. O estudo leva ao conhecimento e aproximações das relações entre o Oriente e o Ocidente.

No primeiro volume das cartas de Wenceslau de Moraes, *Cartas do Japão antes da guerra (1902-1904)*, Bento Carqueja no seu prólogo de abertura, faz uma pequena introdução ao estudo do Japão justificando o interesse europeu pelo *País do Sol Nascente*, comentando que desde as primeiras viagens ao Japão, Portugal narra e reclama direitos, sobre um espaço onde a cada visita torna-se [o Japão] mais “extravagante, sedutor, incoerente e impenetrável, tanto ao herói lusitano, como ao resto da Europa e do Mundo”. Também afirmou que apesar das informações veiculadas, ainda não se conseguiu penetrar na misteriosa psicologia nipónica, mente e coração do povo Japonês e “não sabe se algum dia iríamos conseguir penetrar”. Afirma:

*“ Desde os tempos das narrativas semi-fabulosas dos primeiros viajantes que visitaram o Japão – Portugal reclama primasias n’essas visitas e n’essas narrativas – a Europa tem olhado para aquelle paiz com estranha curiosidade. De cada vez lhe parece o Japão mais extravagante e mais seductor, mais paradoxal e mais impenetravel. [...]”*

*Apesar de todas as investigações feitas, não se conseguiu ainda penetrar inteiramente o mysterio da psychologia nipponica; escapa-nos o que se passa no fundo do cérebro e do coração d’esse singularissimo povo japonéz.*

*O correspondente para um jornal parisiense ainda ha pouco levantava a hypothese de que o mecanismo mental do japonéz seja tão complexo, que não possamos penetrar todas as molas sobre que se move.*”<sup>31</sup>

A crescente popularidade do Japão despertou algum interesse tanto no mundo académico, como fora deste, devido ao poder que a Ásia escondia, sobressaindo ao mesmo tempo, o que deveria ser mudado, porque o Oriente escondia muitos temas que necessitavam de ser explorados, tanto no contexto do Oriente como do Ocidente. Na obra de Robert Gerwarth Erez Manela (org.) *“Impérios em Guerra 1911/1923 uma perspectiva inteiramente nova da primeira Guerra Mundial”*, no capítulo “O Japão Imperial e a Grande Guerra”, Frederik. R. Dickinson fala do Japão que esteve isolado do mundo, nascendo como nova potência mundial, e ganhando mais força no decorrer da primeira guerra, a par da perda de hegemonia da Europa, e cita:

*“O Presidente Americano Theodore Roosevelt, um amigo do Japão, receou, em 1904, a vitória japonesa sobre a Rússia [...]. No entanto, as potências facilitaram a expansão imperial japonesa e aplaudiram a incorporação de Taiwan e Coreia no Império Japonês como uma tentativa apropriada de uma potência «civilizada» para elevar a Ásia atrasada.”* <sup>32</sup>

Tsuda Sôkichi, produziu trabalhos nos domínios da história do direito, das instituições, da economia e da sociedade, dando-nos a conhecer o Japão de finais do século XIX, já liberal e burguês, após as alterações dos anos de 1860. Estes trabalhos vêm na sequência de outros que tinham influências marxistas, e que por isso marginalizou as fontes literárias e estudos historiográficos anteriores.

Para um conhecimento profundo do objecto do nosso estudo, consultei obras historiográficas sobre o período cronológico em estudo, bem como obras académicas/literárias: *“História Universal”* de Parker; *“História do Japão”* de Sakaiya; *“História do Século XIX”*, de Gisèle Berstein; *“História do Século XX”*, de Keylor, *“Impérios em Guerra 1911/1923 uma perspectiva inteiramente nova da Primeira Guerra Mundial* de Erez Manela (org.); *“A Nova História-dicionário”* da autoria de Jacques le Goff; *“História Universal”* de Carlos Gispert; *“Japanese Colonial Empire, 1895-1945”*

---

<sup>31</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão Antes da Guerra (1902-1904)*, prefácio de Bento Carqueja, p.15.

<sup>32</sup> MANELA, R.G. (org.), R.G. (1999). *Impérios em Guerra 1911/1923 uma perspectiva inteiramente nova da primeira Guerra Mundial*. Inclui Capítulo “O Império Português” por Filipe Ribeiro Marques. Havard University Center, Editora Ensaio, p. 364.

de Ramon H. Myers e Mark R. Peattie; “*Histórias das Colonizações, das conquistas às independências – sécs. XII-XX*” de Marc Ferro; *Edo Culture: Daily life and diversions in urban: Japan, 1600-1868/ Nishayama Matsunosuke*<sup>33</sup>; Wenceslau de Moraes, (1972), “*Relance da Alma Japonesa*”<sup>34</sup>; Wenceslau de Moraes, “*O Bom-dori em Tokushima – Caderno de Impressões Intimas*”<sup>35</sup>. Estas publicações ajudaram-nos também a revelar um novo Japão, com vontade de alargar as suas fronteiras tornando-se agressivo e imperialista.

Esta nova postura criou um ambiente de receio internacional que veio a revelar-se justificado aquando da 1ª Guerra Mundial. O Japão tornou-se um fenómeno de estudo, para historiadores, sociólogos, psicólogos, entre outros que explorando e enquadrando-o no orientalismo, devido à sua diferença de cultura, costumes, mentalidades, procuraram revelar-nos os factores que conduziram a uma mentalidade nipónica fechada e difícil de conhecer profundamente, indicando, a maioria desses estudos, a educação, a sua filosofia de vida, a religião e as ideologias (militares, políticas, entre outras), como factores justificativas dessa diferença.

No caso português, as publicações que abordam o universo nipónico apareceram pela primeira vez no século XVI com descobridores como Fernão Mendes Pinto e mais tarde com exploradores dos finais do século XIX, curiosos e apaixonados pelo exotismo oriental, como nos refere o autor José Freitas no livro “*Imperialismo Japonês*” dizendo-nos que o Japão de Wenceslau de Moraes tem jardins minúsculos, diferentes trajes e exotismo nas cerimónias religiosas e até alguma poesia.

A principal fonte de documentação na presente dissertação é o conjunto de obras de Wenceslau de Moraes que nos contextualiza as representações Japonesas na Cultura Portuguesa abrindo mais uma vez caminho para o Oriente e promovendo a relação Luso-Japonesa.

Para podermos perceber melhor Wenceslau de Moraes, usarei como exemplo outra documentação, como é o caso de um estudo de Armando Martins Janeira, autor

---

<sup>33</sup>MATSUNOSUKE, N. (1997). *Edo Culture: Daily life and diversions in urban: Japan, 1600-1868/ Nishayama Matsunosuke*; Translated and edited by Gerald Groemer (Vol. VIII). Honolulu: University of Hawai'i Press.

<sup>34</sup>MORAES, Wenceslau de (1999). *Relance da Alma Japonesa*. Lisboa: Edição de Daniel Pires.

<sup>35</sup>MORAES, Wenceslau de (1916). *O Bon-dori, em Tokushima – Caderno de Impressões Inteiras*. Porto: Livraria Magalhães e Moniz, p. 14.

interessado e também um apaixonado pelo universo nipónico. Usarei excertos dos seus livros para justificar temáticas, como é o caso de *“Figuras do Silêncio”*; *“Japão a construção de um país moderno”* ; *“Portugal e Japão”*. Armando Martins Janeira, no livro *“Figuras do Silêncio”*, comenta:

*“Existe ainda hoje no Japão uma valiosa herança cultural, deixada pelos Portugueses há mais de três séculos, que os Japoneses mantêm viva e cultivam com desvelo. E que os Portugueses ignoram.”*<sup>36</sup>

O que o autor quer dizer é que o povo luso deixou as marcas bem gravadas no Japão como cultura, monumentos, entre outros, por exemplo a pólvora e outros meios militares que, alguns autores, consideram o princípio da agressividade militar japonesa, visível nas guerras da primeira metade do século XX.

Outro autor português interessado no Japão foi Eduardo Kol de Carvalho que na obra *“Sushi Bar Nós e os Japoneses”*, dá uma pequena visão sobre o Ocidente e o Oriente, escrevendo sobre Wenceslau de Moraes e sobre as razões que o levaram ao Japão e a japonizar-se. Paulo Rocha no filme *“Ilha dos Amores”* retrata a vida de Wenceslau de Moraes e o seu contributo nas conexões entre Portugal e o Japão através das suas obras, o quotidiano e o seu trabalho como cônsul, contribuindo para fortalecer a aliança Luso-Nipónica. Nesta e noutras obras, verifica-se que o povo nipónico rememora e empenha-se em preservar a velha relação de amizade. Segundo grandes figuras portuguesas, que exploraram os estudos de historiadores da cultura nipónica, o País do Sol Nascente lembra e glorifica o povo navegador português do século XVI.

A obra *“Dai-Nippon”*, com Introdução de Celina Silva, é o primeiro livro de Wenceslau de Moraes, e será uma fonte documental importante na nossa dissertação. Nessa Introdução a escritora refere:

*“Este é o primeiro livro que Wenceslau escreve, ditado pela vivência apaixonada do Japão - «Dai-Nippon» (o grande Japão) - ressalta logo a afirmação da lusitanidade do escritor, estabelecendo ao mesmo tempo, e desde logo, um elo fortíssimo, que lembra filiação entre ele próprio e os aventureiros de Quinhentos.”*  
(Silva, 1983, p.7)<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> JANEIRA, A. M. (1981). *Figuras do Silêncio A Tradição Cultural Portuguesa no Japão de Hoje*. Lisboa: Junta de Investigação Científicas de Ultramar, p. 12.

<sup>37</sup> Idem, p. 7.

Wenceslau, tanto nesta obra literária, como nas outras, em particular as cartas, evoca antepassados de forma a homenagear Fernão Mendes Pinto - «o descobridor literário do Japão». No livro *Dai-Nippon*, Celina cita mais uma vez Wenceslau de Moraes dizendo-o «herdeiro literário de Fernão Mendes Pinto (cfr. Wenceslau de Moraes, p. 257-262), devido a retratar o Japão tradicional, que estava quase a extinguir-se, por influência do modernismo que trazia uma nova forma de vida e de pensar. Um país que esteve fechado ao mundo durante dois séculos e que foi obrigado a abrir-se devido às forças americanas. Entende-se de algumas destas leituras que as suas novas posturas de guerreiros vinham do povo português.

Wenceslau de Moraes tem sido um exemplo para muitos estudos e investigadores, tanto Portugueses como Japoneses, originando traduções e estudos conjuntos, sobre o autor e sobre a presença dos portugueses no Japão, e sobre o próprio Japão e o Oriente, testemunhos que nos historiadores do século XXI podemos ler e estudar. Há cada vez mais interessadas em estudar Wenceslau de Moraes e o Japão do seu tempo, que é descrito através das suas famosas cartas, principalmente as cartas íntimas que escrevia para as pessoas do seu meio, como amigos, família e também para figuras portuguesas de linhagem importante que tinham contribuído para a fortificação da aliança entre o Ocidente e o Oriente, como são os casos de Eça de Queirós, Sebastião Peres Rodrigues, Joaquim de Moraes Costa, Almeida d'Eça, Camilo Pessanha, entre outras. Estas figuras foram importantes para o nosso estudo e para termos um conhecimento profundo sobre Wenceslau de Moraes, o Japão e Portugal, dentro do período estipulado.

Não só figuras de linhagem como Eça de Queirós e Almeida de d'Eça tinham interesses de estudar Wenceslau de Moraes, como, já no nosso tempo temos um exemplo que será também uma fonte documental que dará suporte ao nosso estudo. Trata-se do trabalho académico, Dissertação de Mestrado de Maria Margarida da Silva Faria Capitão de 2011 “ *Entre duas civilizações: universo de leituras em Wenceslau de Moraes* ” da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. A autora da dissertação fez um estudo sobre a vida e obra de Wenceslau de Moraes, principalmente na área da literatura, ajudando-me a interpretar e refazer a Biografia de Wenceslau de Moraes e a conhecer melhor a História do Japão.

Na introdução à sua dissertação, a autora cita:



*“Wenceslau de Moraes, longe da figura do heróico marinheiro e conquistador vaidoso, é a imagem sublime do viajante humanista. Enquanto oficial da armada portuguesa passou por Moçambique, por Timor, leccionou no liceu em Macau e foi cônsul no Japão, onde viria a terminar os seus dias. As obras de Wenceslau de Moraes são de extrema importância a nível cultural e enquanto reflexo do pensamento português no mundo e sobre o mundo; encontramos em cada palavra sua o cruzamento de ideias e de História, de imaginário e realidade.”<sup>38</sup>.*

Maria Silva ao longo da sua dissertação, menciona Armando Martins Janeira, um famoso diplomata que representou Portugal no Japão e também ficou apaixonado pelos encantos do País do Sol Nascente, revelando o seu interesse por Wenceslau de Moraes, que o levou a estudar esta figura emblemática portuguesa e a trocar a sua nação pela japonesa. A autora da dissertação faz uma citação, comparando Wenceslau de Moraes e Armando Martins Janeira:

*“Foi Armando que trouxe Wenceslau de Moraes de novo à sua terra, mas nunca procurou ser um segundo Moraes. A comparação incomodava-o, [...], mas porque a sua atitude em relação ao Japão e à cultura oriental era bastante diferente. Dizia Janeira: «Quando chego a Tokushima, a minha primeira visita é sempre para ele. [...] Wenceslau de Moraes foi transformado pela maneira de viver japonesa; Martins procurou absorver a cultura japonesa e a cultura oriental, sem deixar de ser o que era: considerava-se um estudioso da sociologia da cultura japonesa que completava a sua cultura. [...] Wenceslau, por outro lado, era mais místico e portanto deixou-se encantar mais facilmente pelo Japão. A tragédia de Wenceslau de Moraes reside no facto de ele se ter negado a si mesmo, transformando-se para se moldar ao novo ambiente, e quando por fim se identifica com esse ambiente, a vertente humana repele-o. Não era já inteiramente português. No entanto, os japoneses também não o reconheciam como japonês. [...] Armando Martins Janeira deixa bem evidente, na sua prolífera bibliografia, que admirava a coragem de Wenceslau de Moraes por ter arriscado a vida inteira numa experiência em busca da felicidade.”<sup>39</sup>*

Segundo a autora Armando Martins Janeira ressuscitou Wenceslau de Moraes, quando o decidiu investigar, ou seja queria que Moraes fosse estudado e lembrado como figura portuguesa importante para o nosso país no restabelecer relações entre o Japão e

---

<sup>38</sup> Idem, p. 2.

<sup>39</sup> Idem, p. 9.

Portugal. Armando Martins Janeira comenta que a sua primeira vista é para Wenceslau de Moraes: «*Quando chego a Tokushima, a minha primeira visita é sempre para ele*»<sup>40</sup>. Armando Martins Janeira, durante o seu estudo procurou absorver a cultura japonesa e a cultura oriental, não querendo esquecer quem era, apesar de admirar Wenceslau de Moraes, por ter arriscado a vida em busca da felicidade. Wenceslau de Moraes tinha uma imagem mística, o que o levou apaixonar pelo Japão e a cortar as suas raízes lusitanas e a japonizar-se.

O Jornal “Diário de Lisboa”, de 10 de Fevereiro de 1966, brinda-nos com um artigo de duas páginas dedicado a Wenceslau de Moraes. Este artigo interpela pequenos aspetos importantes relativamente ao exílio de Moraes nas terras nipónicas (segundo o director do periódico, “de momento e no futuro não se saberá profundamente as verdadeiras razões que o levaram a cortar as raízes com Portugal e a japonizar-se”<sup>41</sup>), á sua vida familiar, aos últimos dias da sua vida e a uma pequena visão da literatura dos seus livros e obras abordando a veracidade da sua escrita, por outro lado, comenta que não se pode saber a verdade de Wenceslau de Moraes correndo o risco de extinguir a “Lenda de Moraes” conhecido como o “Exilado Tokushima” (o português que trocou a suas raízes lusitanas pelas nipónicas). Este artigo servirá de apoio no capítulo em que abordarei a relação entre Portugal e o Japão. No período do nosso de estudo Moraes exercia a função de Cônsul e Oficial da Marinha ou seja funções importantes no contacto entre os dois Países.<sup>42</sup>

Para finalizar o estado de arte centraremos a atenção na fonte principal desta dissertação, e viajaremos até ao Japão centrando-nos nas suas relações com Portugal no período através das cartas de Wenceslau de Moraes.

Abordando as cartas como fonte documental principal da investigação, uma das razões reside no facto de serem um universo de conteúdos diversificado, e poderem ser fonte para vários objetos de estudo. As suas cartas foram impressas em livros, permitindo que muitos investigadores, tanto no campo da historiografia como simples interessados pela cultura nipónica pudessem a elas ter acesso. Esses livros são vários destacando os

---

<sup>40</sup> CAPITÃO, M. M. (2012). *Entre duas Civilizações: o Universo de Leituras em Wenceslau de Moraes*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade de Lisboa, p. 9.

<sup>41</sup> *Diário de Lisboa*, nº 15500, Ano 45, Quinta, 10 de Fevereiro de 1966, “Casa Comum”. Disponível em: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_14080](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_14080) (2015-10-13), p. 21 e 22

<sup>42</sup> Idem.

seguintes: “Wenceslau de Moraes, Cartas do Extremo Oriente” (Lisboa,1993), “Cartas do Japão –Antes da Guerra (1902-1904)” – com um prefácio de Bento Carqueja (Porto, 1904), “Cartas do Japão: um ano da guerra (1904-1905)” Wenceslau de Moraes – prefácio de Vicente de Almeida D’Eça (Porto,1905), “Cartas do Japão”, Wenceslau de Moraes com prefácio Vicente de Almeida.

Estas cartas permitem-nos aceder a temáticas diversificadas: história, política, cultura, economia, ou novas representações que começam a nascer sobre o país e a região e a influência/relação entre o Japão e Portugal neste período de transição entre um país que estava fechado ao mundo, e era ainda um mundo primitivo, e um outro que surge com inúmeras mutações modernistas, conhecida como Meiji. Estas mutações levam o Japão a ser uma nova potência e com forte poder imperialista a nível mundial.

# **Capítulo 1 - Expectativas, inquietações, sugestões, desejos e frustrações – Wenceslau e a expressão de vontades relacionais.**

## **1.1. Quem era Wenceslau de Moraes?**

Wenceslau de Moraes nasceu em Lisboa no ano dia 30 de Maio de 1854 e morreu no ano de 1929 na Cidade de Tokushima, Japão. Viveu longe da sua pátria, família e amigos, devido à sua carreira de oficial da marinha portuguesa que obrigava-o a fazer missões entre vários países.

Os fatores que contribuiu para seguir a carreira da marinha, deve-se primeiro ao facto de aos 17 anos abandonar a formação académica e carreira da unidade de caçadores 5 legião do exército português, transferindo-se para a escola naval onde terminou a sua formação como marinheiro. Com apenas 27 anos alista-se na marinha portuguesa para completar a formação onde exerceu a função de médico naval. Outra razão que o levou a perseguir a carreira da marinha foi para fugir à realidade em que se encontrava a sua pátria. Os valores e direitos da sociedade liderada por um governo absolutista e corrupto, estavam em causa e isso criou em Wenceslau de Moraes, como em muito jovens, sentimentos contraditórios.

O idealismo e a revolta contra a situação atual de Portugal, criou em Wenceslau de Moraes a ambição de conhecer outras nações, incluindo o Extremo Oriente (ex: Macau e o Japão), principalmente o Japão que conheceu primeiro através dos comentários do seu amigo Vicente D'Almeida de Eça, mais tarde com a sua primeira visita as terras nipónicas, que, neste local, abriu uma embaixada de Portugal para poder restaurar as relações entre os dois Países.

Wenceslau de Moraes iniciou a sua primeira missão como Guarda da Marinha, com apenas 22 anos, nos territórios coloniais Africanos (Moçambique, Zanzibar, entre outras localidades africanas), nos quais o seu período de permanência foi entre 1876 até 1887. As suas principais deslocações, durante a sua missão em África, foram entre Moçambique e Timor, onde entre 1880 e 1886 foi promovido e desenvolveu o cargo como

Capitão Coronel. A sua estadia no território africano foi curta, devido a ter uma saúde débil por ordens médica foi obrigado a regressar.

No ano de 1888 e até 1897 partiu em missão para o Extremo-Oriente (colónia de Macau e territórios chineses Sião e Hong Kong), o local da sua estadia principal foi Macau com o cargo de capitão do Porto de Macau. Durante a sua estadia em Macau, além do cargo de Capitão do Porto de Macau, exerceu a função de professor de Matemática Elementar no liceu de Macau. Durante este período conheceu o seu amigo Camilo Pessanha, com o qual partilhava o mesmo idealismo e revolta em relação à sua pátria, já que este escritor também trocou Portugal para habitar Macau até ao dia da sua morte, mas, ao contrário de Moraes, não cortou raízes com o seu país.

No ano de 1889 casou-se com uma mulher chinesa Vong Ioc Chan, mais conhecida por Atchan e com a qual teve dois filhos. Nesse mesmo ano realizou a sua primeira viagem ao paraíso nipónico local que almejava conhecer. A primeira viagem foi como turista, e essa oportunidade ofereceu-lhe o privilégio de conhecer os primeiros locais como Nagasáqui, Kobe e Tokohama. Este primeiro contacto com o Japão fez aprofundar a atracção que sentia em relação a este país e entranhar nele o desejo de permanecer neste território.

Em 1898 mudou-se de Macau onde deixou a esposa e os filhos, para ir viver no Japão. Apesar de estar longe da família de berço e da família de lei continuou a contribuir com a ajuda financeira e educação, para além do contacto que manteve através de correspondências. No retorno e estadia definitiva nas terras nipónicas exerceu as funções, primeiro como oficial da armada e mais tarde com o cargo de cônsul da embaixada em portuguesa no Japão.

No retorno ao Japão teve o privilégio de contactar com uma cultura diferente da nossa, teve a oportunidade de conhecer outros locais como Osaka e Tokushima de onde teve dois tristes e especiais romances com duas mulheres japonesas. Wenceslau de Moraes tinha sido absorvido completamente por *Nipon* e o descontentamento em relação à nossa nação na qual não via solução para sair do buraco em que tinha caído, levou-o a cortar relações com Portugal, entregando-se radicalmente ao Japão onde permaneceu até ao ano do seu falecimento em 1929, sendo aí também enterrado.

O encontro com o Extremo-Oriente, principalmente Macau e Japão, permitiu-lhe encontrar temas de que deu conta nas suas primeiras obras literárias: a primeira foi em Macau (ex: Traços do Extremo-Oriente), e no encontro com o Japão escreveu dois volumes de cartas. Estas obras relatam a viagem e vida no Extremo-Oriente, sendo que através dos relatos que o autor escreve nas suas correspondências é possível conhecer realidades interculturais diferentes das dos Ocidentais.

## **1.2. A epistolografia de Wenceslau de Moraes: razão para utilizar a sua correspondência como fonte histórica para conhecer a realidade do Japão e Portugal nos finais do século XIX e inícios do século XX**

A obra literária de Wenceslau de Moraes insere-se dentro da literatura de viagens pois, por um lado relata aspetos diários da cultura, tradições, costumes quotidianos, por outro lado aproveita para realçar a vertente histórica (relata acontecimentos marcantes de um determinado período). A epistolografia do autor em estudo descreve diariamente o desenrolar dos acontecimentos mais marcantes a nível historiográfico e cultural entre o Ocidente e o Oriente, neste caso Portugal e o Japão.

O objetivo de um epistológrafo é expressar livremente as suas emoções e opiniões sobre fatos, a maioria negativos da época atual, com a esperança de mudanças positivas, neste caso Wenceslau de Moraes na sua correspondência fazia várias vezes referência a feitos do passado, para promover a restauração do relacionamento com o Japão.

Celina Silva na obra *Dai-Nippon* de Wenceslau de Moraes cita alguns pontos que caracteriza os livros e cartas do autor:

*“Assim a obra, mediante a dedicatória, se inscreve, «ab initio», no reino por mais efectivo da memória, da evocação que correspondem ao universo encantatório e quase mágico da cosmovisão mítica, característica da qual «Dai-Nippon» participa a vários títulos e em diversas ocorrências, a saber: o papel do mito na história e na vivência colectiva do Japão (vide capítulo primeiro de «Dai-Nippon»), o Japão como mito (óptica de Wenceslau de Moraes) e o mito do Japão (cfr. Final da obra e toda a componente futurologista que se nos depara nesta e noutras obras do mesmo autor).*

*Então e sempre por intermédio da dedicatória, a obra se manifesta vinculada, quer a uma nacionalidade – a portuguesa – quer a uma temática – o tratamento do Japão, mais precisamente ao asiatismo -, quer a um género – a literatura de viagens.*”<sup>43</sup>

Ao longo desta investigação fomos justificando as temáticas deste estudo com base na correspondência de Wenceslau de Moraes. A arte epistolográfica, é uma base documental para várias áreas de investigação, como é exemplo do campo da historiografia, pela razão de abordar aspetos e assuntos determinantes e marcantes no tempo e espaço em que se desenrola.

Os tópicos da correspondência abordam os eventos mais marcantes do relacionamento histórico e cultural entre o Ocidente e o Oriente entre os períodos dos finais do século do século XIX e inícios do século XX, referenciando prioritariamente Portugal e o Japão. Dirigindo-se, principalmente aos leitores portugueses, com a esperança que estes lessem as suas cartas, defende a reposição ou renegociação de novos tratados diplomáticos com os japoneses, sobretudo após estes reabrirem as portas aos Ocidentais, permitindo usufruir de uma maior intensificação das relações comerciais com naturais implicações económicas noutros sectores da economia.

Na introdução do volume de *Cartas do Extremo Oriente* de Wenceslau de Moraes, Eça de Queirós escreve um pequeno parágrafo sobre a importância do “mundo das cartas”, em referência a correspondência de Wenceslau de Moraes. Eça de Queirós, afirma:

“ A correspondência de um escritor, dado o seu carácter intimista confessional e introspectivo, faculta-nos frequentemente dados biográficos e psicológicos relevantes e constitui uma inesgotável fonte histórico-cultural. [...], uma Correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; uma obra nem sempre aumenta o pecúlio do saber humano, [...], reproduzindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar contemporâneo e ambiente, enriquece sempre o tesouro da documentação histórica. [...] as cartas sendo o produto quente e vibrante da sua vida, contêm mas ensino que a sua filosofia – que é apenas uma criação impessoal do seu espírito. Uma Filosofia oferece meramente uma conjectura mais que se vai juntar ao imenso montão das conjecturas; uma Vida que se confessa constitui o estudo duma

---

<sup>43</sup> MORAES, Wenceslau de (1983). *DAI-NIPPON (O Grande Japão)*. Introdução de Celina Silva. Barcelos: Colecção: Cem anos de Literatura em Língua Portuguesa, Composto e Impresso na Campanha. Editora do Minho-Barcelos, p. 7 e 8.

realidade humana, que, posta ao lado de outros estudos, alarga o nosso conhecimento do Homem.”<sup>44</sup>

Na perspetiva de Eça de Queirós a correspondência, apesar de ser um diário pessoal ou um feedback íntimo entre o remetente e o destinatário, numa carta fazemos o registo diário pessoal do estado emocional; eventos que vão marcando (políticos, civilizacionais, militares, religioso, entre outros); uma conceção entre história (passado e atualidade em que é escrita) e a cultura; é uma forma de manifestar o pensamento sancionados por regimes autoritários ou que proíbem a liberdade de expressão, por vezes dar solução a alguma insatisfação em relação à sociedade contemporânea.

“Escrever – livros e cartas – constituía para Wenceslau de Moraes um acto de cartarse, uma compensação para a extrema solidão que lhe alongava os dias, uma ponte erigida para o mundo<sup>45</sup>” comenta ainda Eça de Queirós. Afastado da sua pátria e do seu povo; envolvido por sentimentos conflituosos contra o mundo da sua época, incluindo Portugal e apesar de habitar apaixonado pelo Japão e com saúde frágil, a única companheira era a saudade e a solidão, encontrou nas cartas uma forma de se refugiar, procurando com convicção esclarecer e mobilizar para os seus sentimentos e para as suas perceções, o leitor português.

O descontentamento que sentia não só em relação à sua pátria, mas também ao mundo contemporâneo que se mostrava cada vez mais materialista eliminando valores históricos e costumes transmitidos por antepassados, transformando-o num mundo competitivo e individualista, no qual só «sobrevive» quem tiver mais poder económico, era visível na sua correspondência. Ao longo das suas cartas, Wenceslau de Moraes manifesta-se com persuasão contra a sociedade contemporânea, apresentando algumas soluções e considerações diretamente para a sua sociedade.

Eça de Queirós em continuação da análise que faz às cartas de Moraes, acrescenta:

*“ (...) A correspondência ora coligida é relevante pois pertence a três fases distintas e marcantes da vida do escritor: a sua vivência em Macau e em Kobe; o seu quotidiano em Tokushima, cidade do sul do Japão onde se homiziou, na sequência da sua demissão de Cônsul e de oficial da Marinha, em 1913, o desmoronamento físico e psíquico dos últimos e dramáticos anos da sua vida.*

---

<sup>44</sup> MORAES, Wenceslau de (1993). *Cartas do Extremo Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente, p. 11.

<sup>45</sup> Idem, p. 11.



*Revelam-nos estas cartas a depressão que sempre acompanhou Wenceslau de Moraes, as fracturas afectivas sucessivas, o relacionamento difícil com outro, a sua sensibilidade dorida, a insegurança que sentia relativamente à sua obra (...).*<sup>46</sup>

Moraes ao longo das cartas que escreve relata os episódios vividos durante a sua vivência em Macau e o Japão; redige sobre o Japão da transição da Era Feudal para a Era Meiji e sobre o processo de desenvolvimento a que os nipónicos submeteram o país desde o início desse período; o relacionamento entre o Ocidente e o Oriente (Portugal e Japão). Nelas temos ainda acesso aos eventos mais importantes da sua vida, desde a juventude até ao final da vida. A sua atenção, a sua perspicácia, o seu voluntarismo, a sua vontade de intervir, a sua simples opinião sobre a diversidade de temáticas que incluem, funcionam como um registo biográfico, histórico e sociológico que constituiu para nós uma fonte riquíssima em termos de informação.

### **1.2.1. Expectativas, inquietações, sugestões, desejos e frustrações**

As cartas apesar de serem uma forma íntima de escrita diarística, expressam sentimentos sobre temáticas e acontecimentos que mais inquietam dentro da sociedade em que se vive, e também são uma forma de expender sugestões ou apontar soluções para os problemas da sociedade ou, num outro sentido, podem ser uma forma de fomentar revoluções ou provocar conflitos.

Por tudo isso, constituem o meio escrito mais controlado pelas sociedades autoritárias, além da imprensa escrita dos jornais e obras literárias. Esse controle impedia que muitas cartas não chegassem ao receptor.

Na nossa atualidade as correspondências têm tido bastante atenção, sendo utilizadas como base de estudos para os mais variados campos de investigação. A epistolografia de Wenceslau de Moraes tem sido um grande exemplo de documentação histórico-cultural intemporal para muitos historiadores tanto portugueses, como estrangeiros, por exemplo os estudiosos Japoneses. O autor através das suas cartas dá-nos a conhecer duas realidades civilizações distintas.

Maria Margarida da Silva Faria Capitão na introdução ao seu trabalho de investigação, descreve as obras de Wenceslau de Moraes, em especial as Cartas, opinando

---

<sup>46</sup> Idem, p. 12.

que “As obras de Wenceslau de Moraes são de extrema importância a nível cultural e enquanto reflexo do pensamento português no mundo e sobre o mundo; encontramos em cada palavra sua o cruzamento de ideias e de História, de imaginário e realidade.”<sup>47</sup>

O próprio Wenceslau de Moraes tem consciência desta possível utilidade evidenciando as razões do registo diarístico das suas Cartas, afirmando:

*“No decorrer d’estas singelas correspondencias tenho seguido uma determinada orientação, um plano de desenvolvimento, que não devem ter escapado áquelles que as hajam benevolmente lido desde o seu inicio (...). Chamei a atenção dos negociantes portugueses para o Japão, no intuito do desenvolvimento das nossas relações mercantis com este imperio. Todas as vistas do mundo civilizado e grande parte da sua iniciativa, convergem presentemente para o Extremo-Oriente.”*<sup>48</sup>

Moraes nos primeiros pontos desta epistolografia descreve a razão pela qual optou como prioridade fazer um registo diário do quotidiano que acompanhou no Extremo-Oriente, neste caso o Japão: em primeiro lugar dirige as suas palavras ao leitor português, com o objetivo de incita-lo a estruturar um plano estratégico para reformar o país, em segundo lugar adverte para as restantes civilizações Europeias e Americanas estarem focados no retorno ao Extremo-Oriente para reabrir o continente asiático as trocas mercantis.

O Japão desde o retorno dos ocidentais e da reabertura das fronteiras marítimas e do seu território ao tráfego comercial, tem submetido o país a profundas reformas com técnicas ocidentais, primeiro para proteção do território contra a ameaça estrangeira e mais tarde como forma de garantir a evolução e transformar o Japão numa super potencia. Estes fatores fizeram com que todos os olhares ocidentais capitalistas, corressem para o oriente em busca de tratados diplomáticos relacionais com este país, criando uma forte disputa entre as nações ocidentalistas pelo território Japonês.

Em *Dai-Nippon* escreveu insistentemente e persuasivamente ao longo da correspondência para aproveitar esta oportunidade de restabelecer relações mercantis, não

---

<sup>47</sup> MORAES, Wenceslau de (1974). *Traços do Extremo Oriente*, Lisboa: Círculo de Leitores, p. 29. Retirado da Dissertação de Mestrado em Ensino Português de Maria Margarida da Silva Faria Capitão “Entre duas civilizações: O Universo de Leituras em Wenceslau de Moraes”, pequeno excerto de uma carta da obra “Traços do Extremo Oriente” de Wenceslau de Moraes, como ele descreveu o Japão na sua primeira visita, p. 1

<sup>48</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*, p. 113 a 119 - [Carta de 21 de janeiro de 1903].

só com o Japão, mas com todas as civilizações do Extremo-Oriente como era o exemplo da China. Margarida Capitão caracteriza esta fase como: “exotismo orientalista da moda da época”. Ela visava aumentar a concorrência entre as melhores empresas, num diálogo comercial capitalista entre o Japão ou a China, países que nos últimos tempos estavam a mostrar um lado surpreendente através da sua evolução, aos povos Ocidentais que, antes, os chamavam de bárbaros, devido ao seu atraso e forma de vida civilizacional, mas que agora podiam significar excelentes oportunidades de negócio.

Wenceslau de Moraes descontente com a situação em que se encontrava mergulhado o seu país, relembra várias vezes os Portugueses do século XVI, a florescente época dos navegadores portugueses e o período do Marquês de Pombal, como aqueles que deviam constituir referência para o reatar de relações entre Portugal e o Extremo Oriente.

*“Portugal, nação de antigos navegadores e de antigos commerciantes em longínquas regiões, parece ter esquecido desde ha muito a sua gloriosa tradição, passando a viver da monotonia caseira, desinteressando-se de tudo o que se passa para além das suas fronteiras, desinteressando-se dos centros de riqueza estranhos, que estão hoje attrahindo as actividades do mundo inteiro. [...]. Como consequencia d’este estado apathico, aconteceu fatalmente que tambem o mundo inteiro se desinteressou de Portugal; recordam-se ainda nos livros de história os nomes dos nossos heroes; mas na vida prática; tratando-se principalmente de paizes distantes, como este d’onde escrevo, mal se figura onde fica a patria de Vasco da Gama, qual é a sua organização politica, que lingua se falla ahi, a que se entregam os seus habitantes, se são brancos, se são negros, que productos dá o sólo. Isto é lamentavel, mas é assim; e não póde continuar assim, sob pena das mais amargas desillusões para a nação portugueza.”*<sup>49</sup>

E reitera o possível interesse do seu trabalho epistolográfico:

*“É por estas razões que eu persisto em não julgar completamente inuteis as minhas correspondencias; e começarei fallando-vos, esgotado o assumpto principal a que me devotei, das flôres das ameixeiras do Japão, dos vestidos das meninas, dos assucares hollandezes, da seda exportada para a Italia... Se, como é possível (...), estas modestas cartas, traçadas com o sincero desejo de concorrerem para o desenvolvimento do commercio do meu paiz com o Japão, servirem apenas para que um commerciante qualquer nosso, beliscado de pruridos aventureiros, se resolva a vir vender alguns barris de Collares em Zanzibar ou em Madrasta...”*<sup>50</sup>

Mais uma vez o epistológrafo português, na sua correspondência recua aos antepassados Portugueses do século XVI, neste caso mostra na sua escrita um sentimento

---

<sup>49</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*, p. 117 e 118 - [Carta de 21 de janeiro de 1903]

<sup>50</sup> Idem, p. 119 - [Carta de 21 de janeiro de 1903]

de frustração e ao mesmo de esperança para que os Portugueses contemporâneos voltassem a levantar a pátria lusitana, a qual tinham perdido o interesse e tinha encerrado ao mundo.

O autor afirma que a sociedade Lusitana é a civilização mais antiga e a primeira Ocidental de navegadores e comerciais a enfrentar mares desconhecidos com o objetivo de explorar territórios longínquos, procurar recursos para a subsistência da sua própria nação e tomar domínio desses territórios. O mundo recorda os Heróis Portugueses, através das pegadas que deixou nos seus territórios (língua, cultura, organização política, económica, a religião, entre outros), arquivadas nos registos diários destes marinheiros e comerciantes gravados em livros até hoje procurados, como é o exemplo de Vasco da Gama. No seu entender, após a morte de Marquês de Pombal, os governantes descontrolaram-se nos gastos do ouro e das riquezas trazidas das colónias, bem como de outros países pelos quais passou durante o período das descobertas; esqueceu as glórias do passado e os seus heróis; não investiu no contínuo desenvolvimento do país; desinteressou-se das colónias e países com os quais tinha relacionamentos importantes para a sustentação da sua própria sociedade; alterou políticas e estilos de vidas encerrando o país num regime absoluto, corrupto e atrasado. Este período negativo centra-se entre os finais dos séculos XIX e inícios do século XX com a crise política que leva ao fim da monarquia e ao início da 1ª República (durante o período da 1ª república, Portugal voltou a apostar no desenvolvimento e no crescimento da nação, mas devido a alguns interesses mais particulares no desenrolar desta época e a falta de estratégia, não conseguiu recuperar a supremacia).

O mundo tanto Ocidental, como Oriental tinha ainda a imagem do Velho Império Português como um exemplo de supremacia desenvolvida, e um modelo a seguir para desenvolver os seus territórios. Era preciso reavivar essa imagem e para isso o seu contributo.

O autor afirma que continua a persistir em abordar o mesmo assunto porque, na sua opinião, acredita que apesar de serem modestas e pouco exaustivas, podem ser proveitosas para incentivar pelo menos um comerciante ou empresa mercantil a dar o primeiro paço para desenvolver relações com o Japão:

*“Eu não nutro nem sombras de pretensão de querer por estas singelas cartas orientar a opinião dos meus patrícios em favor dos japonezes. [...]. É lamentável que a grande*

*maioria, [...], mas de todos os europeus, conheçam tão mal o Dai-Nippon, encantador pelas suas paizagens, pelos aspectos, e o seu povo, adorável pela arte, pelos costumes, e dotado de qualidades brilhantes, que o tornam um dos mais estimáveis povos do mundo inteiro.[...]. Terminado este assumpto, que as photographias, as gravuras, as estampas sobretudo, abundantes e baratíssimas no Japão, prestarão aos curiosos um valiosíssimo auxilio no estudo dos aspectos do paiz e dos costumes d'este povo.*<sup>51</sup>

Moraes nesta correspondência faz referência aos vizinhos europeus, em especial à aliada Inglaterra, acrescentando que apesar da sua paixão pelo Japão, não queria tomar o partido dos Japoneses mas, prioritariamente, guiar a sua pátria de regresso para o caminho glorioso que os seus antepassados tinham conquistado e que tristemente se deixou cair, mas modernamente evoluída.

No que diz respeito ao Japão, o propósito ao longo das suas “modestas cartas” (como ele várias vezes refere), é dirigido em particular a todas as civilizações Europeias, mas também Americanas, para não ocidentalizarem de forma extrema o território nipónico a favor dos seus caprichos, impondo uma racionalidade baseada na superioridade de raça, de cor e de fatores culturais. Sugere antes que se esforcem a conhecer primeiro este povo e preservem a naturalidade da sociedade nipónica, que ainda existe – «o Dai-Nippon, [...], é dotado de qualidades brilhantes, que o tornam um dos mais estimáveis povos do mundo inteiro»<sup>52</sup>. Neste comentário Moraes funde a realidade com a fantasia Japonesa que atrai vários orientalistas ao paraíso nipónico, atraídos não só pela cultura, costumes, arte, mas especialmente pelo exotismo das paisagens e pela feminilidade Japonesa, especialmente as musumés e as Geishas (várias vezes referidas com admiração na sua correspondência).

O desejo tanto de Portugueses, como de alguns Japoneses em restaurar as relações luso-nipónicas que perduram há mais de duas décadas, apesar de terem sido as civilizações Inglesas (Inglaterra e Americana), a reabrir as portas de Nipon ao Ocidente, deve-se ainda às boas lembranças existentes dos feitos dos Portugueses, os primeiros abrir caminho para o Extremo-Oriente e para as restantes civilizações Ocidentais, deixando-lhes os primeiros legados culturais e civilizacionais ocidentalistas.

Ao longo da correspondência, Wenceslau de Moraes descreve o desejo de reatar as ligações entre os dois países, insistindo que os portugueses teriam todas as vantagens

---

<sup>51</sup> MORAES, Wenceslau de (1905). *Cartas do Japão: uma anno da Guerra (1904-1905)* Prefácio de Vicente de Almeida d'Eça. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 50 a 57 - [Carta de 5 de abril de 1904]

<sup>52</sup> Idem, p. 57.

em restabelecer relações diplomáticas e mercantis. O autor menciona muitos momentos que podem proporcionar reaproximação como é o exemplo dos dois primeiros conflitos bélicos, primeiro contra a China e o segundo contra a Rússia (nestes dois conflitos o mundo teve a noção da magnífica evolução japonesa, principalmente a nível militar). Outro acontecimento que no seu entender deveria ter sido também melhor aproveitado foi a Exposição Industrial Nacional de Osaka. Nesta o mundo pôde visualizar presencialmente a evolução da sociedade nipónica a nível técnico e industrial, para além de muitos outros sectores que contribuíram para o desenvolvimento deste território.

O autor refere estes eventos prioritariamente ao longo dos dois volumes de cartas, por um lado por terem sido os acontecimentos que mais marcaram, no seu entender, o Japão contemporâneo, permitindo aferir a sua capacidade competitiva e económica junto das potências europeias e americanas, por outro lado, devido ao escritor os ter acompanhado diariamente e sentir que podiam ser uma janela de oportunidades para a sua própria pátria estabelecer relações diplomáticas e económicas.

Podemos visualizar em algumas partes da epistolografia e obras de Wenceslau de Moraes que selecionamos, para além de obras de outros orientistas que procuramos cruzar com o seu pensamento, o mesmo sentimento e algumas considerações sobre o interesse em serem elaborados tratados diplomáticos que aproximassem as várias civilizações.

Mesmo inquieto com a situação que se abateu sobre a sua nação, onde a instabilidade política de finais do século XIX e inícios do XX provoca em Wenceslau várias manifestações de desânimo, ainda mantém a esperança ao longo das suas cartas, no aproveitamento desta “oportunidade japonesa” fornecendo alguns conselhos e tecendo algumas considerações, tendo em vista a *restauração* da nação Portuguesa. Para a transmissão destas inquietações, utiliza sobretudo a imprensa, e em particular *O Comércio do Porto*, já que o considera o jornal que mais divulga e difunde as notícias dos feitos que se têm realizado no Extremo-Oriente, em particular sobre a nossa colónia de Macau e do Japão:

*“O commercio do Porto é o jornal portuguez mais vulgarizador de cousas japonezas, ou antes o único vulgarizador de taes cousas; porque a verdade é esta: emquanto que na França e na Inglaterra, para não irmos mais longe, a imprensa e a litteratura tanto se vão occupando actualmente de assumptos do Japão, entre nós, que fomos os primeiros a visitar o Japão, e possuímos uma colonia visinha d’elle, guarda-se sobre taes assumptos*

*o mais indifferente silencio. É o Commercio do Porto que chama frequentemente a atenção dos negociantes portuguezes para o commercio muito florescente d'este imperio. E'elle que publica, com benevolente regularidade, estas modestas carta.*"<sup>53</sup>

Nos períodos em que Wenceslau de Moraes redige os dois primeiros volumes de cartas sobre o Japão, Portugal atravessa uma fase conflituosa que levou à queda da monarquia e à instauração da 1ª república. Na opinião de muitos portugueses, apesar da mudança, não se alterou muito o estilo de vida dos últimos anos do estado monárquico, incluindo a ausência de visão diplomática para intensificar as relações com o Oriente.

O negativismo de certas personalidades portuguesas, levando-as abandonar a sua pátria por vezes integrando-se noutras, incentivou a criação de meios escritos como forma de se manifestar, como é o exemplo de Wenceslau de Moraes que se refugiou nas terras nipónicas dececionado com a sua pátria e usou a arte epistolográfica com o objetivo de restaurar um Portugal que estava adormecido.

Do ponto de vista do escritor, Portugal deveria considerar primeiro investir nas reformas necessárias ao País para que possa prosperar. Moraes, nesta correspondência escreve algumas sugestões que deviam seguir, como: reestruturar e reformular a administração (política, militar, educacional, entre outros); elaborar uma boa estratégia financeira; apostar no desenvolvimento do comércio livre (a criação de um plano de negócio desenvolvido focado no bom relacionamento entre as nossas empresas e as empresas parceiras nacionais e internacionais) e por último melhorar as condições sociais no continente português, como na colónia de Macau. O escritor alerta os leitores portugueses, de forma mais generalizada para reestruturar o ensino/educação, tornando o ensino público obrigatório para toda a população, sugerindo essa alteração como tendo um grande benefício para o desenvolvimento da nossa sociedade e para alargar conhecimentos literários.

Wenceslau de Moraes ao longo das obras que vai redigindo, tanto livros como correspondência, no diz respeito à vontade de restabelecer relações entre Portugal e o Japão, evidencia comentários sentimentais, frustrações, amarguras, inquietações, justificando assim a sua decisão de abandonar o país onde nasceu e entregar-se ao japão de corpo e alma.

---

<sup>53</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*, p. 306 - [Carta de 18 de fevereiro de 1904].

Desse Japão que o convence, que ele admira, onde ele vê potencialidades enormes, escreve-nos, deixando o seu pulsar de sentimentos por vezes ambíguos ou contraditórios, mas onde fica sempre presente a impossibilidade de cortar o cordão que o liga à sua Pátria.



## **Capítulo 2 – O Japão e o Oriente na correspondência de Wenceslau de Moraes**

### **2.1. Caracterização do Oriente e do Japão em particular no último quartel do século XIX as primeiras décadas do século XX (1868 – 1930)**

No período entre o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o mundo tanto Ocidental, como Oriental, atravessava mutações grandes na política, economia, história, quotidiano, filosofias, mentalidades, entre outros. Neste caso temos o exemplo do Japão que, entre 1868 e 1930, período conhecido como Era Meiji, após estar fechado mais de dois séculos ao mundo, vivendo no feudalismo, atravessava uma rápida e perigosa fase de mudanças de forma a proteger-se, a igualizar-se e ultrapassar as grandes potências ocidentais, transformando-se numa forte, invejável, temível e perigosa potência imperialista a nível internacional. No mundo, principalmente investigadores/estudiosos orientalistas, previam e receavam uma guerra mundial feroz. Neste segundo capítulo, vamos abordar desde o despertar do Japão e as relações internacionais com os países vizinhos e o Ocidente.

Wenceslau de Moraes, um escritor-viajante, como Oficial da Marinha Portuguesa, desde a juventude, viajou pelos sete cantos do Mundo: Estados-Unidos, Médio Oriente, Moçambique, Timor, Macau, China e Japão. Wenceslau de Moraes tinha um encanto pelo Oriente, especialmente pelo Japão. A primeira vez que teve o seu contacto com o Oriente, neste caso inicialmente com Macau, a 7 de Julho de 1888, onde se casa com uma chinesa e da qual tem dois filhos, exerceu as funções da Marinha e Professor no Liceu de Macau. Na consequência da tempestuosa relação com a chinesa e nas suas viagens entre Macau e o Japão, teve os primeiros contactos com o País do Sol Nascente, começando a escrever as suas primeiras obras “Traços do Extremo Oriente” e “Cartas do Extremo Oriente” onde narra a sua circulação entre Macau e Japão. Através destas primeiras viagens nasceu a forte paixão pelas terras nipónicas. Oficialmente instalou-se no Japão, abraçou-o e entregou-se inteiramente ao Paraíso Nipónico, vivendo como japonês.

Na obra “Cartas do Extremo Oriente”, dá a conhecer uma das razões que o levava ao Japão, exibindo a sua crescente afeição à medida que visitava o paraíso nipónico. Devido a essa paixão, a sua ambição de se tornar cônsul do Japão torna-se cada vez maior a cada visita, elucidando que trabalhava para obter o cargo, embora só lhe tem sido permitido ser oficial de Macau.

Na sua outra obra “Traços do Extremo Oriente”, escreve a sua primeira descrição do Japão, numa carta dirigida à sua irmã Emília, completamente extasiado, numa escrita reveladora:

*“Estou n’um país delicioso, o Japão. Era aqui, em Nagasáqui, que eu desejaria passar o resto da minha vida, à sombra d’estas árvores que não têm parceiras no Mundo. [...] Deixo com saudade este torrão abençoado por Deus, cheio de paisagens adoráveis, cheio de flores, cheio de sorrisos; terra feita para a alma se recolher em doces pensamentos, e para o espírito cansado da vida poder ainda purificar-se e elevar à Providência um agradecimento.”*<sup>54</sup>

Uma outra razão das viagens de Wenceslau de Moraes para o Oriente, neste caso o Japão, é a fuga à desilusão que sentia em relação ao seu país, que durante o decorrer deste período dos finais do século XIX aos inícios do século XX, também atravessava uma fase decisiva de mutações políticas, económicas, filosóficas, educativas.

Na obra de Wenceslau de Moraes “Dai-Nippon” com Introdução de Celina Silva, esta autora comenta:

*“ «Dai-Nippon», memória-evocação, tentativa de captar, de estabilizar o que de perpetuamente fugidio existe nas vivências, nas percepções, nas paixões onde, consubstanciando saudade, sujeito e objeto amado se cria uma ilusão de eternidade. Wenceslau de Moraes surge-nos como herdeiro de Fernão Mendes Pinto.”*<sup>55</sup>

Celina Silva quer afirmar que Fernão Mendes Pinto, para Wenceslau de Moraes, era um exemplo como explorador do mundo e escritor literário de viagens, principalmente nas viagens ao Japão. Portugal representa o primeiro país europeu e ocidental com quem

---

<sup>54</sup> MORAES, Wenceslau de (1974). *Traços do Extremo Oriente*, Lisboa: Círculo de Leitores, p.21. Retirado da Dissertação de Mestrado em Ensino Português de Maria Margarida da Silva Faria Capitão - “*Entre duas civilizações: O Universo de Leituras em Wenceslau de Moraes*”, pequeno excerto de uma carta da obra “Traços do Extremo Oriente” de Wenceslau de Moraes, como ele descreveu o Japão na sua primeira visita, p. 12.

<sup>55</sup> MORAES, Wenceslau de (1983). *DAI-NIPPON (O Grande Japão)*. Introdução de Celina Silva. Barcelos Editora do Minho-Barcelos, p. 7 e 8

o povo nipónico teve contacto há mais de dois séculos, antes de se isolar do mundo, devido ao excesso de poder que o Ocidente queria exercer sobre o território nipónico. Este povo até finais do século XIX viveu na época feudal, na qual o poder do país pertencia a Xogunato, Dáimos, Samurais, tinha o Imperador como o poder e símbolo. Durante a Era Feudal, também conhecida como período Edo, a nação japonesa estava centrada num conjunto de códigos éticos e regras, estás influenciada pela religião budista e pela educação tradicionalista. Vivia da agricultura e da pesca; vestia-se de forma tradicional “Kimono”; era conhecido pelo exotismo das belas paisagens que deslumbram na passagem de cada estação, principalmente a primavera; também pela beleza das mulheres japonesas, principalmente musumés e Geishas, bonitas, puras e inocentes, Wenceslau de Moraes ainda encontrou vestígios dessa época feudal. Ao longo das suas cartas e obras aborda sempre a era do feudalismo Japonês, comparando com a Era Meiji. Moraes tinha uma personalidade um pouco exótica, e esse lado exótico levou-o a sentir fascínio por esse período da História do Japão. Em relação ao facto de ele ter vivido e abraçado o Japão, Celina Silva, comenta:

*“Se a melhor forma de viajar é sentir, como já foi dito, a viagem de Wenceslau de Moraes ao Japão foi sem dúvida profícua. Este escritor «sentiu» o Japão na sua totalidade e como totalidade. O afastamento. A fuga através da vida do exotismo, do misticismo, do esoterismo, da sublimação do prazer, da receptividade, do amor”* <sup>56</sup>

Wenceslau de Moraes acompanhou os conflitos internos entre os tradicionalistas e os modernistas bem como acontecimentos da Guerra Sino-Japonesa. Tendo vivido no Japão até 1930 acompanhou e relatou nas suas cartas vários acontecimentos como a Guerra Russo-Japonesa, a Exposição Universal de Osaka, o domínio sobre a Coreia, o fim do Imperador e da era Meiji e o início da Taisho.

## **2.2. Aspetos internos**

*“Os olhos dos Europeus não apreciaram o Japão como era e é, o mundo conheceu-o através da sua política de agressão (Imperialistas/Patriótica), mostrando poder aos*

---

<sup>56</sup> MORAES, Wenceslau de (1983). *DAI-NIPPON (O Grande Japão)*. Introdução de Celina Silva. Barcelos: Colecção: “Cem anos de Literatura em Língua Portuguesa”, Composto e Impresso na Editora do Minho-Barcelos, p. 8

*povos fracos e militarmente mal preparados. O Japão das lendas, (...) dá lugar a um Japão que quer dominar o Mundo.*”<sup>57</sup>

O Japão que nós conhecemos nem sempre foi uma superpotência e aberto ao mundo como o conhecemos no século XXI. O Japão que conhecemos nos dias de hoje passou por uma mudança muito grande e por grandes transformações repentinas entre 1867 e 1868, também conhecidas como a Era Edo e Era Meiji.

### **2.2.1. Breve visão do Feudalismo da Era Tokugawa ou Edo, que se situa cronologicamente entre os anos 1600 a 1868**

O Período Edo ou Época Feudal que manteve o Japão fechado ao mundo desde o século XVI até ao final do século XIX tinha como figura representativa o Imperador, mas era governado pelo poder do Xogunato e dos Daimios e protegida militarmente pelos Samurais. Uma das características deste período era o controlo religioso que seguia as crenças budistas e respeitava determinados códigos. Era um país com uma população que vivia do tear, agricultura e pesca. O choque civilizacional e a diferença de interesses provocaram grandes conflitos originando a expulsão dos ocidentais e a justificação para um isolamento.

Nos finais do século XVIII os Ocidentais regressaram pressionando o Japão a reabrir as portas, em particular para a circulação do comércio, desembarcando no território sem a autorização do povo nativo. Em meados do século XIX, como consequência da pressão ocidental e influências vindas da China, induzidos pela guerra do ópio ocidental, alguns japoneses começaram a equacionar a necessidade de colocar um ponto final neste distanciamento do mundo. Paralelamente, a partir dos anos 1830, o Xogunato estava a perder o poder e com isso veio a falta de respeito, deixando de responder às dificuldades do país. Entre 1837 a 1867 houve uma sequência de rebeliões entre os tradicionalistas e os imperialistas. Estes revolucionários estavam indignados com a ineficiência e a corrupção da administração. A maioria dos revolucionários que iriam originar mudanças de ordem social e preocupações com o desenvolvimento

---

<sup>57</sup> FREITAS, J.D. (s.d.). *O Imperialismo Japonês*. Lisboa: Edições Cosmos, p 34.

socioeconómico defendem o fortalecimento do Japão, até para evitar ser dominado pelo Ocidente. A facção revolucionária imperialista pertencia a classe mercantil poderosa, fonte dos novos burocratas, os novos senhores poderosos do povo Japonês, ou seja emergindo, agentes de uma nova cultura burguesa.

Esta facção recebe o apoio externo americano, concretizado através da Marinha e do comandante Matthew Perry que, em Julho de 1853, entra na baía de Edo, hoje a cidade de Tokyo e capital Japonesa, com quatro navios a vapor. Perry estava disposto a usar a força e teve o cuidado de se certificar que os japoneses estavam cientes da sua determinação e do potencial de armamento. No ano seguinte Perry regressa com uma frota de navios, acabando o Xogunato por ceder às ameaças dos americanos, devido a não estarem ao mesmo nível de armamento. Ainda em 1854, no mesmo ano da instalação dos Norte-Americanos, começaram a chegar outras potências como a Grã-Bretanha e a Rússia, e no ano seguinte a França e a Holanda, procurando todas elas, beneficiar do estatuto de “nação mais favorecida”.

Como consequência desta pressão externa agravada pelos conflitos internos, o Xogunato foi derrubado, tendo sido extinto no início de 1868. Em 1895, Brooks Adams, historiador e neto do presidente americano, afirmava que: “*a Ásia Oriental é o que todas as nações enérgicas procuram alcançar [...], para o oriente, para a nova arena das oportunidades imperiais*”<sup>58</sup>. O que o historiador queria dizer era que a Ásia Oriental, neste caso o Japão, era um palco de oportunidades tanto para as velhas potências europeias, como para novas potências que começavam a surgir como era o exemplo dos Estados-Unidos que, apesar de ser um país bastante avançado, era uma nova e forte potência.

### **2.2.2. A Era Meiji (1868 – 1930) e o nascimento de um novo Japão como forte potência imperialista.**

*“ Se o bom senso administrativo dos seus governantes o fôr salvando, como é de crêr, dos diferentes escolhos que poderão ameaçal-o; se estes governantes forem compreendendo, como até aqui as tendências da época, a orientação do progresso; então, o*

---

<sup>58</sup> MANELA, R.G. (org.), R.G. (1999). *Impérios em Guerra 1911/1923 uma perspectiva inteiramente nova da primeira Guerra Mundial*. Inclui Capítulo “O Império Português” por Filipe Ribeiro Marques. Havard University Center, Editora Ensaio, p. 361.

*desenvolvimento da nação japonesa poderá atingir um grau de um grau de prosperidade culminante, cujo alcance nem hoje é dado avaliar.*”<sup>59</sup>

A nova fase do Japão, conhecida por Era Meiji inicia-se oficialmente no ano de 1868, com o poder centralizado na figura do Imperador Mutsuhito que tinha apenas 15 anos. Exercia um “*Poder Iluminado*”<sup>60</sup> (Divino), ao qual a sociedade japonesa devia respeito e obediência absoluta, morrendo por ele se necessário e pela nação. Isto “era um código de honra” que tinha o apoio dos líderes samurais, embora na realidade este poder do Imperador fosse mais simbólico, pois só o Partido eleito pelo povo para constituição do governo podia exercê-lo.

A formação do governo passou por algumas fases, e sucessão de governantes, muitos deles pertencendo à classe de samurais. Temos como exemplo Ito Hirobumi antigo samurai de classe pobre, do *nada*, que se tornou uma das figuras dominantes do período Meiji, chegando a primeiro-ministro nesse período e tendo ficado conhecido como príncipe. Este novo nascer do Japão tinha surgido com espírito nacionalista puro, com o objetivo de o país resistir face à ameaça estrangeira, desejo esse negado no período do Feudalismo.

Na Carta XIII 6 de Novembro de 1902 – ano antes da guerra (1902-1904), já instalado nas terras nipónicas, Wenceslau de Moraes faz um retrato da entrada do Japão na modernização, descrevendo algumas transformações e comentando:

*“O impulso de vida moderna que dirige presentemente o povo japonês no caminho dos seus progressos, obriga-o fatalmente a mudar de hábitos, de trajes. [...] a política moderna dirige presentemente o povo japonês no caminho dos seus progressos e obriga-o fatalmente a mudar de hábitos, de trajes, de mobiliário, de alimentação; crescem e modificam-se as suas necessidades; o que é mais uma garantia de que muitos productos estranhos, até começarão a ser procurados e em breve constituirão um factor importante no jogo das importações.*”<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz. Carta XIV 26 de novembro de 1902, p. 80

<sup>60</sup> HENSHALL, K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, p. 107.

<sup>61</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz. Carta XIV 26 de novembro de 1902, p. 68.

Segundo a carta de Moraes, o novo governo que se erguia, nesta nova fase tinha um forte espírito patriótico, nacionalista e imperialista e tinha como objetivos a transformação: altear a bandeira imperial; toda a nação devia participar na administração do país; o povo tinha o direito de realizar os seus desejos e poder trabalhar no que ambicionavam livremente; era obrigatório abandonar algumas condutas do passado; era importante viajar pelos diferentes cantos do mundo, de forma a conhecer e a enriquecer o conhecimento, para poderem fortificar o país, de forma de protege-lo do domínio das potências ocidentais, imitando-as, mas modernizar o país ao estilo nipónico, utilizando o passado - substituindo o velho lema do império «*Sonno joi*» (“*Reverenciemos o imperador, expulsemos os bárbaros*”), por outro como “*Wakon Yosai*” (“*Espírito Japonês, Ensino Ocidental*”), o passado era uma Lição útil para os tempos modernos»<sup>62</sup>; outra mudança era o poder superior pertencer ao Imperador, mas este poder era só uma representação, porque a chefia do poder era do governo.

A primeira etapa da era Meiji passou por criar uma campanha de veneração ao imperador e fazer deste o símbolo do Japão, todos os que viviam em Nippon deviam-lhe obediência. A restauração do poder do Imperador como símbolo do Japão, tinha como finalidade ser uma presença forte para os estrangeiros. Após a entrada da nova fase do Japão e a restauração do poder do imperador, criaram a Carta de Juramento ou constituição de 1868, mais tarde substituída pela conhecida Constituição Meiji estabelecendo uma Assembleia Nacional, sufrágio público e um Grande Conselho de Estado, órgão que acolhia vários ministérios e serviços e revelando uma particular atenção aos jovens, para liderarem a governação do país.

A primeira meta do Novo Grande Governo foi voltar a instituir práticas do antigo governo de Yamata-Nara, germinar uma capital única nacionalizar a terra, forte poder centralizado, transferindo a Capital de Quioto para a cidade de Edo a qual rebatizaram com o nome Tóquio. Entre os anos de 1868 e 1870 o governo liderado por Satsuma-Choshu reestruturou as divisões da sociedade que até ao final da era Edo estava dividida por castas: guerreiros, camponeses, artesãos e comerciais. “Xogunato, Dáimios, Samurais” eram o principal suporte do poder governamental do feudalismo”. Esta sociedade é substituída por uma outra dividida por classes: a nobreza - os aristocratas da corte e antigos senhores feudais (dáimios “ o xogunato foi extinto), os guerreiros de

---

<sup>62</sup> HENSHALL, K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, p.109.

categoria superior “os samurais”, guerreiros de categoria inferior e por último o povo. A partir de 1870 foi autorizado o casamento entre classes que até agora era proibido, porque só podiam casar dentro da própria casta. A partir de 1873 todos os homens, tanto de classe alta como de classe baixa, eram obrigados a listar-se no serviço militar e participar em guerras, alterando o praticado até aí, já que só era permitido participar os representantes das classes altas (ex: samurais). Em julho de 1873 os terrenos produtivos passaram a ser trabalhados pelos camponeses agora chefiados pelo chefe de família, o que levou a um melhor incentivo para melhorar a produtividade.

Apesar do desejo forte de mudança e de modernização do país, também existia quem se oponha contra a reestruturação do sistema, principalmente em relação ao serviço militar em que obrigava os camponeses a participar em instrução militar e na guerra. HENSHALL em relação às reformas comenta sobre a insatisfação de alguns setores japoneses:

*“Estas várias reformas foram substanciais, mas, apesar de serem sinal de uma confiança e de uma autoridade tranquilizadoras por parte do governo, a verdade é que não foram sempre bem recebidas. Muitos camponeses opunham-se fortemente ao recrutamento militar, conhecido como “imposto de sangue”, e ao novo imposto sobre a terra. Em muitas ocasiões, expressaram a sua posição em manifestações violentas. A expressão mais grave de insatisfação, [...] veio de antigos samurais, não dos camponeses”*<sup>63</sup>

Outra insatisfação era o relacionamento amigável com as potências mundiais, principalmente os Estados Unidos da América e as potências europeias mais industrializadas, promovendo o contacto com os ocidentais através dos seus conhecimentos militares, políticos, comerciais; económicas e promovendo viagens pelo ocidente de forma a conhecer melhor os processos de desenvolvimento moderno, para no regresso poderem enriquecer e ocidentalizar as terras nipónicas de forma a protege-las contras os “Diabos estrangeiros”, mais uma vez Henshall na sua obra História do Japão comenta:

*“A ocidentalização tornaria o Japão mais forte, mais capaz de competir com as potências estrangeiras e, talvez, de se equiparar a elas ou de suplantar. [...]. Um Japão ocidentalizado seria levado a sério. Não gostara da humilhação dos “Tratados*

---

<sup>63</sup> HENSHALL, K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, p.112 e 113



*desiguais” assinados durante a agonia do xogunato e tinha uma grande vontade de que fossem revistos. Queria ser tratado como igual ou, idealmente, como superior”<sup>64</sup>*

No seu entender, o relacionamento entre o Japão e o Ocidente leva a uma insatisfação do povo nipónico, principalmente, os Dáimios a segunda hierarquia da sociedade Japonesas com mais poder e mais antiga a seguir aos Xoguns.

Celina Silva no Livro *Dai-Nippon* de Wenceslau de Moraes em relação à ocidentalização do Japão e como ele era desenhado pela escrita de Moraes comenta:

*“O Dai-Nippon lentamente se extinguia à medida que se ocidentalizava. O materialismo utilitário e o pragmatismo ocidentais originaram uma dessacralização vertiginosa do real, quebrando o encanto que envolvia de beleza e mistério a vida, o quotidiano, os hábitos, os costumes e sabedorias nipónicas, dos quais Wenceslau de Moraes foi uma admirável, profundo conhecedor e entusiasta admirador”<sup>65</sup>*

O que Celina Silva quer afirmar é que o Japão que Wenceslau descreve, o típico Japão das Geishas, belas paisagens, com os nipónicos a exibirem os seus Kimonos; samurais; entre outros aspectos caraterísticos desapareciam à medida que se deixava influenciar pela ocidentalização e se modernizava o país, apagando os estereótipos Japoneses.

Na Carta XIII 6 de Novembro de 1902 – ano antes da guerra (1902-1904), Wenceslau de Moraes escreveu sobre o processo de modernização e das reformas que o novo governo englobava com o objetivo de torná-lo forte e superior contra outras potências dominantes a nível mundial.

*-“Taes vistas não são unanimemente aceites pela nação, e um dos maiores vultos políticos, o marquez Ito, combate-as energicamente; na sua auctorisadissima opinião, não é do engrandecimento da esquadra que se deve agora cuidar, mas sim de regularizar as questões financeiras e de promover o maior desenvolvimento da industria e do commercio do paiz”*

*“Á já muito real importancia mercantil do imperio japonéz e ao florescente futuro que se lhe deve atribuir, devido, por um lado, aos seus proprios recursos e á índole do seu povo, por outro lado ás causas exteriores, á influencia fatal dos paizes visinhos,*

---

<sup>64</sup> Idem, p. 114.

<sup>65</sup>MORAES, Wenceslau de (1983). *DAI-NIPPON (O Grande Japão)*. Introdução de Celina Silva. Barcelos: Colecção: “Cem anos de Literatura em Língua Portuguesa”. Editora do Minho-Barcelos, p. 42.

*destinados dentro em pouco a soffrerem transformações radicaes, que envolverão todo este Extremo-Oriente n'uma nova existencia prodigiosas*''<sup>66</sup>

Moraes comenta que no início do processo da modernização, mesmo já institucionalizados na era Meiji existiram inúmeros conflitos entre os tradicionalistas (antigas castas Dáimios e Samurais) e os imperialistas, devido à modernização ser centrada no ocidente e estar a acabar com estereótipos da sociedade nipónica. Este era um grande problema no desenvolvimento do país, combatido fortemente pelo Marquez Ito antigo Samurai convertendo-se chefe do governo no início da era Meiji, e que marcou o florescimento tornando o império Japonês numa potência mercantil muito importante. Moraes também comenta que apesar de os Japoneses imitarem os Ocidentais, usavam métodos japoneses seguindo ensinamento da sua história como modelo para o progresso do país.

As últimas décadas do século XIX do Japão, foram de grande estabilidade civil, ultrapassados os conflitos e as resistências iniciais. Segundo alguns orientalistas estudados (ex: Henshall, Keylor, e Gisèle), as transformações modernistas, a evolução da democratização do Japão que andaram lentas nos inícios da restauração Meiji, resultaram sobretudo de uma sociedade naturalmente dividida entre tradicionalistas e imperialistas. Do lado dos tradicionalistas as revoltas dos antigos clãs Dáimios (resistências senhoriais) e Samurais contra a extinção dos privilégios senhoriais, a reestruturação de classes e a proibição do porte de sabre (espada que os samurais transportavam), e outras tradições próprias da nação nipónica, a revolta contra as novas leis desenhadas pelo novo governo (por exemplo os camponeses/povo que a partir da era Meiji ganham o direito de se poderem expressar), o descontentamento contra as novas medidas constitucionais institucionalizadas, foram as principais razões desse clima de tensão. Este descontentamento levou inclusivamente ao surgimento de ideologias perigosas contra os direitos humanos e a democracia que podiam dificultar o progresso da nação japonesa no sentido ambicionado.

Estas tensões provocaram também o aparecimento de alguns movimentos e partidos mais organizados que procuraram fazer valer as suas ideias e opiniões. Em 1875 surge o «Movimento para a liberdade e os Direitos do Povo», com o objetivo de

---

<sup>66</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 81 a 88

revolucionar o direito e a liberdade do povo. Em 1881 é fundado o Partido Liberal (Jiyuto), criado por Itagaki Taisuke e surgindo como o primeiro partido moderno fundado na época Meiji. Os objetivos deste partido passavam por: rever os tratados desiguais, promover a Ocidentalização do Japão, mas ao “estilo nipónico” com base nos seus próprios princípios políticos e respeitando a história japonesa; eliminar o cristianismo, visto como um obstáculo na democracia, fundar um “*Sistema Eleitoral Dieta*”,<sup>67</sup> que permitisse o direito de eleição sem restrições. Em 1882 fundou-se o Partido da Reforma Constitucional ou Partido Constitucional da Reforma e do Progresso criado por Rikken Kaishin, grupo político influenciado pelas ideias modernistas ocidentais, via o passado como obstáculo, instalou o sistema bicameral, com um sistema de eleição limitado (nem toda a sociedade nipónica podia votar e tenham que pagar impostos para poderem exercer esse direito); voltaram a instalar o cristianismo entendido como fator positivo no processo de modernização e criaram uma democratização com liberdade de expressão embora com limites de forma a poderem controlar as propagandas antigovernamentais. A responsabilidade por este partido e mais tarde pelo governo da nação, era do general Ito. Ito com a autorização do governo em 1889 decreta uma nova Constituição Meiji não inspirada no modelo inglês, mas sim no modelo germano-prussiano. A aposta no sistema bicameral não impedia no entanto a preservação de uma forte “centralização” alicerçada na importância do imperador.

Henshall na sua obra caracteriza o poderio do imperador, comentando:

*“O respeito pelo imperador era vital neste projecto. [...], não só o primeiro artigo constitucional destacava os direitos soberanos imutáveis do imperador, como a*

---

<sup>67</sup> A Dieta é o único poder legislativo do país, compondo o mais alto órgão do poder estatal. Dela deriva o Primeiro-ministro, que é eleito pelos próprios membros. A Dieta, que tem seus membros eleitos pela população japonesa, consiste em duas câmaras: a Câmara dos Deputados, com 480 lugares. Um projeto que passa por uma das câmaras deve passar exatamente pelo mesmo processo deliberativo na outra para ser aprovado. Os membros da Dieta são eleitos por voto popular não obrigatório. Os Deputados têm um mandato de quatro anos, sendo que a câmara pode ser dissolvida pelo Primeiro-Ministro. Os membros da Câmara dos Conselheiros são eleitos para um período de seis anos, sendo que metade deles é renovada a cada três anos. O voto não é obrigatório e concedido a partir dos 20 anos de idade. Os eleitores devem escolher seus representantes entre partidos políticos diversos. O voto acontece através de um sistema misto, de eleições diretas e representação proporcional. Eleitores vão às urnas duas vezes: uma para escolher um candidato específico e outra para votar em um partido político, na eleição de representação proporcional. O Supremo Tribunal é composto por um Presidente, nomeado pelo Imperador, após a designação do Gabinete do Primeiro Ministro e por catorze magistrados nomeados pelo próprio Gabinete. In. CASTRO, L. F. (2007). *Sistema do Governo Japonês*. Minas: Cenários PUC Minas Conjuntura Internacional.

Disponível em: [http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CES\\_ARQ\\_DESCR20070411125859.pdf](http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CES_ARQ_DESCR20070411125859.pdf), Consultado em 18 de julho de 2016, p. 2 e 3.

*constituição era apresentada como uma dádiva do imperador ao seu povo. Um juramento imperial que acompanhava a promulgação salientava que a linhagem do documento remontava à própria deusa solar Amaterasu e que a constituição era apenas a reiteração, em formas modernas, de preceitos que sempre haviam sido pelo menos governantes imperiais do país junto. Embora fosse manifestada uma grande reverência exterior pelo imperador, um olhar mais atento revelava que a sua posição era de facto ambivalente. Todos os imperiais necessitavam da assinatura ratificadora de um ministro de Estado. Afinal, o governo tinha de governar e não podia arriscar a que o imperador se lhe atravessasse no caminho*“<sup>68</sup>.

Os direitos de poder do governo e do controlo mais uma vez estavam sob a responsabilidade de Ito Hirobumi. Este em 1885 substituiu o senado por um executivo, onde estavam inseridos alguns titulares do ministério, os próprios oligarcas. Em 1888 criou um Conselho Privado Supragovernamental para poder analisar e aprovar em nome do imperador o que entendesse adequado. No dia 11 de fevereiro de 1889 foi, como tinha escrito em parágrafos anteriores, criada uma nova constituição. Esta é a primeira constituição ao estilo japonês, sem influências Ocidentais, e foi decidido aceitar esta como a data do nascimento da Nação Japonesa (Esta data correspondia à que se afirmava ser a da fundação de criar mitos modernos para o Japão).<sup>69</sup>

Wenceslau de Moraes cita na Carta XII 26 de outubro de 1902:

*“Para isto eram-lhe necesarios um imponente exercito e uma poderosa armada, e foi o que conseguiu, alargando immensamente todos os ramos de serviço publico. [...] Mas para isto que não chegava o dinheiro do paiz, que é no fim de contas um paiz pobre, de agricultura quasi no seu auge, mas que ainda assim não chega para o sustento da população; de industria antiga primorosíssima, mas de mui limitada acceitação nos estranhos; de industria moderna incipiente, posto que muito esperançosa; tendo minas quasi exaustas; e, sobretudo, com um povo ainda muito sóbrio; sem necessidades de luxo, escassamente remunerado no seu trabalho, vivendo de um punhado de arroz; e não é um povo tal que póde dar muito, quando espremido na prensa dos impostos”*<sup>70</sup>

Moraes nesta carta descreve o nascimento do Japão para o mundo moderno. Descreve o território nipónico, como sendo um país pobre com baixos recursos; industria

---

<sup>68</sup> HENSHALL, K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, p. 126.

<sup>69</sup> Idem: P. 126

<sup>70</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 58 e 59

ainda muito limitada; povo sem luxos e primitivo; baixa remuneração no trabalho que sustentam a nação Japonesa, que se vê obrigada a pagar altos impostos para a ambição dos seus governantes que tem a ambição de se tornar uma superpotência e uma grande nação a nível mundial.

Armando Martins Janeira numa das suas obras comenta:

*“ Até 1854, ano em que o comodoro americano Perry forçou o país a entreabrir as portas ao Ocidente, o Japão vivia no regime de país fechado, sakoku, num isolamento absoluto. Passado um século, de um país velho e feudal, dominado por uma nobreza despótica e uma oligarquia militar fanática, de um país retrógrado dividido política, a igualdade social e a cultura de todo o povo são os factores predominantes.”<sup>71</sup>*

Janeira faz completar a descrição feita por Wenceslau de Moraes e outros orientalistas que estudaram o Japão da era Meiji, comentando que após a forçosa abertura do Japão para o Ocidente, saindo do isolamento, tinha sofrido mutações modernistas, imitações das potências ocidentais mas que se revelaram fatores importantes para o povo e para o progresso do país.

### **2.3. Aspetos externos**

Nesta parte procuraremos evidenciar alguns contornos e influências externas no processo de construção do “novo Japão”, insistindo na utilidade da correspondência de Wenceslau de Moraes para dar consistência às representações que, de todo este processo, ele tinha enquanto analista, mas também em dados momentos como protagonista.

A rápida ocidentalização japonesa, tinha atraído os olhares de todo o mundo, tanto do Ocidente, como do Oriente. O novo Japão tinha despertado interesses relacionais e diplomáticos, mas também o seu rápido desenvolvimento tinha causado desentendimentos e preocupações.

Em contextualização com as ligações relacionais e diplomáticas, Wenceslau de Moraes e alguns estudiosos orientalistas descrevem-nos alguns dos acontecimentos que marcaram de forma positiva e negativa essas relações, abordando nas suas

---

<sup>71</sup> JANEIRA, A. M. (1985). *A Construção de um país moderno*. Lisboa: Editorial Inquérito, p. 4.

correspondências e obras literárias alguns dos países com maior contacto: no Ocidente temos o exemplo de Portugal, Inglaterra, Rússia, EUA e no Oriente/Ásia temos o exemplo da China e da Coreia, entre outros países de maior interesse para a civilização nipónica.

Na correspondência seguinte, Wenceslau de Moraes enumera muito resumidamente quais os campos dos progressos dos nipónicos que maior influência têm e em que pretendem apostar. O escritor afirma que os progressos que os japoneses têm lucrado das mutações submetidas no campo militar; finanças, comércio, indústria, entre outros, é uma junção da ocidentalização dos mestres europeus com as influências da educação da China, fazendo uma advertência às influências educacionais adaptadas da mesma, ao estilo nipónico não iriam ser vantajosas para os povos ocidentais.

Henshall em relação a chegada e ao domínio das potências ocidentais não só no Japão, mas no continente asiático comenta:

*“Quando os assuntos internos se tornam preocupantes, é útil, [...], dirigir as atenções para o exterior. Na década de 90 do século XIX, há a ameaça de colonização pelas potências ocidentais [...]. Essas potências estavam ainda a expandir-se activamente no continente asiático [...]. O governo japonês [...] usando a mesma “diplomacia de canhoeira” que o Ocidente usara com o Japão, conseguiu o seu próprio “tratado desigual” sob a forma do tratado de Kangwha, que em 1876 concedeu privilégios de comércio e o direito de extraterritorialidade”<sup>72</sup>*

Em 1895 o historiador e neto do presidente Americano Brooks Adams faz uma afirmação sobre as relações oriente e ocidente: *«a Ásia Oriental é o prémio que todas as nações enérgicas procuram alcançar [...], todos os olhares se voltaram para o oriente, para a nova arena das oportunidades imperiais»<sup>73</sup>*

Em pequenos tópicos das citações dos escritores mencionados, lembrava mais uma vez, de forma breve o assunto da Ocidentalização do Japão, inserindo-o como uma nova e forte potência capitalista, mas desta vez vamos abordando-o como um fator com consequências, tanto para os restantes países do Extremo-Oriente, como para o próprio Ocidente.

---

<sup>72</sup> HENSHALL, K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, p.128

<sup>73</sup> MANELA. (org.), R. G. (S.d.). *Impérios em Guerra 1911/1923 uma perspectiva inteiramente nova da Primeira Guerra Mundial*. Inclui capítulo “O Império Português” por Filipe Ribeiro Marques. Harvard University Center, Editora Ensaio, p.128.

O escritor da correspondência teme que a semente da educação do ocidente, introduzida e utilizada pelos japoneses seja utilizada no futuro como arma tanto de defesa, conquistas territoriais no continente asiático, como contra-ataque aos próprios ocidentais.

Os dois historiadores nas suas citações abordam a nova era de expansão colonial, referenciando em primeiro lugar os colonizadores ocidentais, mas evidenciam também, o facto de o Japão iniciar o seu processo de expansão colonial nos países vizinhos, como é o exemplo da China e da Coreia, ainda atrasadas no seu desenvolvimento como sociedades modernas. Parece no entanto evidente que as restantes regiões da Ásia Oriental estavam no alvo de todos os Impérios capitalistas, devido a oferecer oportunidades territoriais amplas e matérias-primas.

O Japão no processo de domínio vai usar as mesmas táticas extraterritoriais que as civilizações europeias e americanas usaram: forças militares. As regiões que os japoneses pretendiam colonizar eram ainda primitivas, e por isso utilizavam acordos de tratados desiguais, também conhecidos por Tratados Protetorados (estes tratados em comparação aos das potências Ocidentais, eram usados como tática dos japoneses para proteção do território contra os estrangeiros, mas ao mesmo tempo obrigavam aqueles que pretendiam dominar a assinar e abrir, sob ameaça, a circulação do comércio aos japoneses).

Nos inícios do século XIX o Ocidente, neste caso a Europa, começa a sofrer os efeitos modernistas da industrialização. Com a industrialização o trabalho passou a ser condicionado pelo aparecimento das máquinas, o aparecimento dos transportes facilitou o deslocamento de pessoas e mercadorias, o aparecimento dos meios de comunicação, como é o exemplo do telégrafo, facilitaram também o contacto entre pessoas, empresas e mais tarde países e continentes. Em meados do século XIX os Europeus e os Americanos, devido ao aumento demográfico e ao contínuo progresso das indústrias reiniciam as expedições para continentes menos conhecidos ou explorados, com o objetivo de utilizar os seus recursos, dominar novos territórios que ainda não tinham sido influenciadas pelas civilizações europeias. Na nova fase colonial inicia-se uma disputa pelo domínio dos novos territórios entre as próprias sociedades ocidentais pelos direitos extraterritoriais, sendo claro que nesta competição ganhava esse direito quem possuísse maior capital financeiro.

A supremacia e a civilização que os Ocidentais, principalmente a Europa, queriam transmitir aos países colonizados ou sob o domínio, prioritariamente sobre o continente

asiático preserva-se, no caso do Japão, até ao conflito da guerra Sino-Japonesa, a qual permite ao Japão abrir-se a novos horizontes económicos, políticos e mentais.

### 2.3.1. As relações com a Europa e os Estados Unidos da América

Neste ponto iremos destacar o relacionamento com o Território Nippon descrevendo alguns aspetos das civilizações com maior influência e importância que marcaram a história contemporânea do Japão e a que Wenceslau de Moraes se referiu diariamente nas suas correspondências, prioritariamente Portugal, Grã-Bretanha, Rússia, Inglaterra e EUA. Outras civilizações Ocidentais como é o caso da Alemanha, França, África, Índia, entre outros, vamos abordar com menos destaque.

As nossas relações com o povo Japonês entre os finais do século XIX e os inícios do século XX, não beneficiaram particularmente das relações ancestrais que com ele mantínhamos desde a época moderna. Fruto da nossa incapacidade de manutenção dessas relações, mas também fruto do isolamento a que o regime japonês votou o país, como vimos no subcapítulo anterior.

Serrão comenta:

*“O Império Nipónico só na segunda metade do século, deixou o isolamento político em que há séculos jazia face à Europa. [...]. Cinco anos depois já esse assinava acordos ou tratados com algumas das principais potências, com a Rússia, a Inglaterra, a França e a Holanda.”<sup>74</sup>*

Mal se compreendia que sendo Portugal uma nação Europeia, com quem o Império nipónico tivera relações mais antigas, as mesmas não fossem rentabilizadas ao mesmo nível político e diplomático, num contexto de redescoberta europeia do Japão. O historiador, tal como o fará Wenceslau de Moraes, lamenta o facto de Portugal como a primeira civilização do Ocidente com quem o Japão tinha laços mais antigos, não se equiparando às principais potências Europeias, não tenha conseguido transportar esse “histórico relacionamento” para o estabelecimento de acordos relacionais. O nosso

---

<sup>74</sup> SERRÃO, J. V. (1986). *História de Portugal. Terceiro Liberalismo (1851-1890)*. (Vol. IX). Lisboa, Editorial Verbo, p. 182.



restabelecimento com os japoneses, no que diz respeito aos acordos assinados entre os dois países, por um lado foi passivo e ausente, principalmente do lado dos portugueses, apesar de os japoneses se mostrarem mais interessados, empenhando-se em fortificar os laços, devido ao interesse que tinham no nosso país (durante o período de processo desenvolvimento, como já tinha abordado uma das estratégias de ocidentalização do país era estudar as técnicas no estrangeiro).

Wenceslau de Moraes na sua correspondência, acerca do relacionamento luso-nipónico, aponta as relações mercantis como feito importante para reiniciar o relacionamento entre os dois, sendo visto como um ponto de partida para tratados diplomáticos. Destaca a história dos descobrimentos portugueses do século XVI a sua ligação com o Extremo-Oriente.

*“Nem eu mesmo comprehendo que, sendo inadiavel que se cuide, como tendo tentado demonstrar, do alargamento de relações mercantil directas entre Portugal e o Japão, Macau fiquem esquecido e deixou assim de representar o papel que lhe está assignado na historia das nossas futuras iniciativas de trabalho, das quaes unicamente dependerá a felicidade da nação. [...] Estabeleça-se uma firma portugueza no Japão, em Yokohama ou em Kobe, sendo talvez este ultimo ponto o preferível, por ser mais importante; e parece-me ter indicado sumariamente, na série d’estas cartas, o ramo de commercio que lhe está logo indicado. Mas crie tal firma, em Macau, ao mesmo tempo, um outro estabelecimento seu, pois será do trafego combinado do nosso paiz com o Japão e com a China que mais garantias de prosperidades ha a esperar.”*<sup>75</sup>

E mais adiante numa outra carta refere:

*“Pois é do conjunto das relações mercantis com o Japão, com a China e em geral com todo o Extremo-Oriente, que o commerciante deve esperar mais seguro e proveitoso beneficio.*

*.Portugal, nação de antigos navegadores e de antigos commerciantes em longínquas regiões, parece ter esquecido desde ha muito a sua gloriosa tradição, passado a viver da monotonia caseira, desinteressando-se de tudo o que se passa para além das suas fronteiras, desinteressando-se dos centros de riqueza estranhos, que estão hoje attrahindo as actividades do mundo inteiro. (...) Como consequencia d’esto estado apathico, aconteceu fatalmente que tambem o mundo inteiro de desinteressou de*

---

<sup>75</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 103-112.

*Portugal; recordam-se ainda nos livros de historia os nomes dos nossos heroes; mas na vida prática, tratando-se principalmente; mas na vida prática; tratando-se principalmente de paizes distantes, como este d'onde escrevo, mal se figura onde fica a patria de Vasco da Gama, qual é a sua organização politica, que lingua se falla ahi, a que se entregam os seus habitantes, se são brancos, se são negros, que productos dá o sólo. Isto é lamentavel, mas é assim; e não póde continuar assim, sob pena das mais amargas desillusões para a nação portugueza.*”<sup>76</sup>

Nesta correspondência, o escritor faz-nos uma breve referência às nossas relações com o Japão. Na primeira escreve que ao longo das suas cartas tem feito alertas a Portugal, acerca do Extremo-Oriente como um forte mercado para estabelecer contacto, incentivando o estabelecimento de relações mercantis com o Japão, por um lado devido ao seu potencial como território e pertinente ao facto de o surpreendente desenvolvimento despertar cada vez mais interesses e negócios com este país. Aconselha a instalação de firmas portuguesas, por exemplo através do consulado neste território, para poderem desenvolver o ramo do negócio comercial, e manter-se em alerta em relação à nossa colónia de Macau, a qual tem estado nas visões expansionistas das grandes potências ocidentais, mas também do Japão, que acaba de nascer como potência imperialista.

Na outra carta, escreve com algum descontentamento, mas ao mesmo tempo com esperança que o seu povo se lembre dos feitos dos seus antepassados, mais uma vez referenciando os antigos navegadores do século XVI, para que Portugal se voltasse a levantar, voltando a restaurar as ligações com os países do Extremo-Oriente, principalmente o Japão. Na opinião de Moraes o povo português era a civilização do Ocidente que deveria ter mais vantagens no estabelecimento de relações mercantis e diplomáticas com o povo japonês.

Mas não apenas em relação a Portugal que Wenceslau se pronuncia, antes enquadra o nosso relacionamento no quadro da abertura japonesa ao mundo após a Era Meiji. Do seu ponto de vista, em articulação com outros investigadores orientalistas, as civilizações do Extremo-Oriente, possuíam um passado exótico mas rico, que era importante conhecer, para um maior estreitamento de laços. Esse exotismo atraía muitos *viajantes orientalistas*, muitos civis, por exemplo ingleses, como é o caso do pensador Herbert Spencer, que foi um dos impulsionadores dessa aproximação e da importância

---

<sup>76</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 116, 117 e 118

dos contributos orientais para o desenvolvimento da sociedade europeia, salvaguardando sempre a necessidade de preservar a identidade civilizacional oriental. O famoso pensador inglês Herbert Spencer era um defensor da luta dos Japoneses, contra o domínio das potências ocidentais, principalmente aquelas que viam apenas no Japão um novo espaço para a exploração capitalista.

Wenceslau de Moraes numa das suas cartas menciona Spencer por ser um grande conselheiro e ter uma ligação positiva com o político Japonês Barão Kaneko.

*“Herbert Spencer, o eminente pensador inglez há pouco falecido mantinha relações muito amistosas com o capitão Kaneko e expunha-lhe em forma de carta, as suas opiniões pessoais sobre este paiz; tal carta só agora acaba á publicidade.*

*Diz Spencer, [...], que os Japoneses deveriam manter-se tão afastados quanto possível dos americanos e dos europeus. Julga um erro a política perante uma raça mais poderosas nações, conduz a attrictos inevitáveis, que serão prejudiciais aos japonezes. Entende que deve ser negada usufructuarios annuaes, gozando apenas dos privilégios que sejam julgados necesarios ás permutações mercantis.”<sup>77</sup>*

Segundo Moraes, e outros escritores como é o exemplo de Hensehall nas suas obras descrevem a figura de Spencer como um suporte de apoio nas terras nipónicas, devido a aconselhar os políticos japoneses em defesa do país, primeiro propondo-lhes restringir o acesso as propriedades e direitos de fazer negócios dos estrangeiros, por outro dando conselhos importantes para eles se manterem afastados de qualquer influência, privilégios ou ligações mercantis com o Ocidente, conservando a pureza da raça japonesa.

Apesar dessa postura de Spencer, Wenceslau de Moraes faz referência, em 1902, a recentes tratados de aliança entre os Ingleses e os Japoneses, citando:

*“O que ultimamente mais tem occupado o espirito d’este bom povo é a alliança anglo-japoneza; festas, discursos elogiosos, largos commentarios na imprensa, emfim todas as manifestações do orgulho nacional, que n’este paiz é supino, excitado pelo magno acontecimento de vir uma prestigiosissima nação da Europa dar as mãos ao Japão, para em commum cuidarem dos seus, mutuos interesses no Extremo-Oriente, tudo isto tem agitado o theatro de multiplices intrigas e cobiças. É, pois, bem justificavel o enthusiasmo japonez.*

---

<sup>77</sup> MORAES, Wenceslau de (1905). *Cartas do Japão: uma anno da Guerra (1904-1905)* Prefácio de Vicente de Almeida d’Eça. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 22 e 23. [Carta de 10 de março de 1904]

*[...], é ainda impossível fazer um juízo sobre a aliança anglo-japonesa e sobre a que logicamente se lhe seguiu, a aliança franco-russa.*

*Confiemos, [...], que este extraordinário povo, que tem dado ao mundo exemplos notabilíssimos da sua perspicácia, que soube em pouco mais de trinta annos surgir do seu isolamento mysterioso para a civilização moderna, e de modo a tornar-se já hoje respeitado como um grande Estado, compreenda claramente a sua situação e o justo caminho que deve seguir no intuito do seu progressivo engrandecimento.*”<sup>78</sup>

*“A aliança anglo-japonesa constitue uma garantia de paz para o Extremo-Oriente e iguaes considerações tem merecido a ultima convecção franco-russa; é, porém, curioso ir notando que a imprensa do mundo inteiro se tem aproveitado muito do assumpto para discursar sobre cousas de guerra.”*<sup>79</sup>

O epistológrafo descreve nestas duas correspondências, o acordo de aliança anglo-japones, criado com o objetivo de reaproximar as duas nações e para proporcionar paz ao Extremo-Oriente. Esta aliança é um acontecimento percorreu as páginas da imprensa em vários países ocidentais (o Japão recorreu a um empréstimo aos Ingleses de forma a poder investir no desenvolvimento do país, e, em contrapartida os ingleses necessitavam de manter o Extremo-Oriente), evidenciando o interesse que as duas nações tinham em estabelecer acordos.

Mais tarde, logo a seguir a este primeiro tratado, os restantes países da Europa decidiram também criar alianças como é o exemplo da aliança Franco-Russo, com influências depois no relacionamento com o Japão. Em relação a este aspeto, Wenceslau de Moraes descreve também o que tem passado na imprensa com grande intensidade, o conflito bélico entre a Rússia e o Japão, primeiro confronto de armas entre o Ocidente e Oriente, acontecimento que marca o percurso da história nos inícios do século XX.

Moraes faz-nos um registo da aliança anglo-japonesa, dando-nos uma visão negativa, apesar de muitos na sua época verem esse relacionamento como uma promoção do entendimento entre o Ocidente e Oriente.

*“O Japão acaba de submeter-se á ultima cerimonia do seu baptismo na civilização moderna, tal como a comprehendem as nações do Occidente, inaugurando a sua divida*

---

<sup>78</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 1 e 2 [Carta de 8 de abril de 1902].

<sup>79</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 22 [Carta de 11 de julho de 1902]

*externa com o bonito empréstimo de cinco milhões de libras esterlinas, realizado em Londres. Effectivamente, o empréstimo é hoje mola real dos paizes europeus, grandes e pequenos, nos diferentes ramos da sua administração, permitindo-lhes manter os seus enormes armamentos de paz, terrestres e navaes, e todos os caprichos de ostentação que passem pelas cabeças dos governantes”.*<sup>80</sup>

O recurso à ajuda de capital externo, no caso aos países Europeus, acabaria por endividar o Japão ou obrigá-lo a assinar um tratado de aliança, que garantiria, consequentemente a aproximação dos dois países em vários ramos e, por outro lado, em caso de guerra, a preparação e fornecimento de armamento terrestre e naval. No entanto, tal como Spencer tinha avisado, este relacionamento desigual poderia por em causa a identidade civilizacional ou então acentuar a dependência em relação a essas potências. Já fomos evidenciando no nosso trabalho que estas críticas externas eram também alvo de críticas internas mas isso não impedia uma tomada de posição política forte que impunha estes acordos, mas podia, em última instância, menosprezar um sentimento de orgulho nacional, tão ao gosto oriental.

Wenceslau está atento a estas implicações:

*“Falhavam porém, as tentativas, não entrando já em conta o orgulho nacional, mas em face das repugnancias dos argentarios estrangeiros, que se desculpavam em dizer que não viam sufficiente garantia aos seus capitães nas leis japonezas.*

*Pois a alliança com a Inglaterra foi o azeite que veio lubrificar a engrenagem ferrugenta da machina que trabalhava surdamente em obter capitães de fóra: está tudo arranjado está feito o emprestimo. Para que servirá este dinheiro?*

*Já correm largos rumores de que o melhor do emprestimo será servido com o augmento da esquadra, embora se conte com viva opposição de alguns partidos políticos. Enumeram-se já os navios a construir: quatro couraçados, seis grandes cruzadores e um avultado numero de canhoelras e torpedeiros.*

*Um jornal europeu, publicado no Japão, commenta o boato, perguntando se é intuito do governo do governo offerecer á esquadra russa do Extremo-Oriente a vista de uma esquadra japoneza de muito maior poder aggressivo? [...], o processo não logrará effeito pratico, porque, por cada novo navio japonéz, a Russia, fará o sacrificio de uma nova construção e de uma nova remessa, embora as suas finanças não sejam também lisonjeiras, a Russia confia nos proprios enormes recursos, no seu certo engrandecimento e no muito credito de que dispõe, principalmente da parte dos capitalistas francezes. O mesmo jornal assemelha a situação politica e economica do Japão á da Italia, ambos a braços com os seus compromissos de alliança, ambos*

---

<sup>80</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 56 e 57 [Carta de 26 de outubro de 1902].

*orientados pelo orgulho das suas grandes aspirações e forçados a larguíssimas despesas, incompatíveis com os recursos da riqueza nacional.*”<sup>81</sup>

Na continuação deste assunto, o escritor acrescenta que os estrangeiros utilizam a força do seu capital, exigindo alterações de leis internas ou garantias exageradas para a recuperação do seu capital. Do ponto de vista de Moraes podemos prever que quem mais vai beneficiar desta aliança será a Inglaterra, primeiro devido ao seu interesse de continuar a sua supremacia no território nipónico, por outro lado garantindo que a exportação do seu capital vai permitir a obtenção de lucrativos juros.

Estes empréstimos feitos pelos estrangeiros, permitiram o desenvolvimento do militarismo, por exemplo através da educação do agente militar ou a construção de bases militares com bom equipamento de guerra, principalmente o naval, criando uma esquadra japonesa com um poder excessivamente agressivo.

O autor menciona um jornal europeu que é publicado no Japão que refere esse investimento militar como podendo potenciar e justificar uma série de conflitos que este país do Extremo Oriente desenvolverá com a Rússia (um dos melhores estados europeu com sistema militar desenvolvido e que tem o apoio da aliada França), mas também com a China ou a Coreia, aumentando as tensões naquela zona do globo e criando uma mentalidade militarista e expansionista que será visível aquando da 1ª Guerra Mundial.

A relação com os Estados Unidos vai marcar também a aproximação entre o Japão e o desenvolvimento capitalista, mas igualmente a possibilidade de dialogar com uma civilização com características muito próprias.

A civilização americana é uma potência, também recente no seu processo de consolidação enquanto nação e modernização. Até meados do século XVIII era uma região sob a influência e domínio europeu, mas, a partir da década de 60 do mesmo século, os emigrantes do Reino Unido (na sua predominante presença) decidiram construir uma sociedade própria, com os seus costumes, valores, idioma, cultura, entre outros. Nas primeiras décadas do século XX era já uma potência equiparável ou superior a algumas nações europeias mais antigas, e era o centro de uma rede a nível internacional, tanto

---

<sup>81</sup> Idem, p. 59 e 60

económica como financeira, e uma das nações já com pretensões coloniais, devido ao elevado poder económico.

Alberto de Mesquita, na sua obra *A América do Norte*, em referência aos EUA, acentua essa capacidade de modernização, e ao seu significado em termos de deslumbramento a nível mundial:

*“A notícia deste Novo Mundo, revestida de maravilha e de promessa, inquietou a cobiça de europeus animosos e buliçosos. Não cuidava a pátria de lhes quebrar os ímpetos da aventura, nem desvanecer-lhes a ânsia de tentar outras paragens donde lhes acenasse a fortuna; antes parecia que tudo, dentro da própria pátria, os espicaçava ao rompimento e lhes gritava: “Emigrai!” Gritavam-lho os abusos de todo o velho regime, o desperdício dos governos, a venalidade e a parcialidade da justiça, a prepotência da igreja... Para cá vieram; e à medida que aqui vinham chegando, o sonho de maravilha tornava-se-lhes realidade.”*<sup>82</sup>

Neste comentário, faz referência à América como um novo mundo, até então desconhecido, primitivo e dominado pela cobiça europeia, ou seja um fenómeno comparável ao que vai ocorrer em relação ao Japão e ao Oriente, no último quarte do século XIX. O escritor comenta ainda:

*“A viva curiosidade dos pensadores que têm vindo a estudar na América do Norte alguns dos grandes problemas modernos, é uma curiosidade que cada novo dia justifica. As questões novas surgem, palpitantes, com o romper de cada manhã, iluminadas por cada nova aurora. Quantas ideias que neste momento vogam na Europa como novidade já aqui não são mais do que velhas velharias!”*<sup>83</sup>

Do meu ponto de vista e em conjunto com o comentário de Alfredo Mesquita, além da questão do Extremo-Oriente, como é o exemplo do Japão, a América do Norte, nestes caso os Estados Unidos, levantam muitas questões e curiosidades por parte de inúmeros estudiosos. Há uma referência frequente ao facto de a Europa ter-se tornado uma velharia, ou seja perder o seu poder hegemónico, para uma potência com pouca influência.

---

<sup>82</sup> MESQUITA, A. d. (2001). *A América do Norte*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira. Livraria Editora, p. 11.

<sup>83</sup> Idem, p. 12

Este aspeto não passou naturalmente ao lado da atenção de Wenceslau de Moraes, em relação a este propósito, faz uma breve referência aos Estados-Unidos e à sua influência a nível mundial, incluindo no Japão:

*“Parece imminente uma questão entre os Estados-Unidos e o imperio japonês, sobre o direito de posse da ilha de Marcus, situada a umas 500 milhas de archipelago japonês de Bonin no Pacífico. [...]. Diz um jornal local que a ilha foi descoberta em 1814 por um americano, mas nunca ocupada, permanecendo sem habitantes; em 1897 o Japão annexou-a oficialmente ao seu domínio, indo então povoal-a alguns japoneses.*

*Decidiram-se agora os americanos a tomar posse efectiva da ilha, que parece sempre consideraram sua, e para lá se dirigiu um navio da republica; mas tiveram a surpresa de encontrar n’ella installados os japoneses, entre os quaes alguns soldados que ordenaram á expedição que se retirasse. O caso entrou já no domínio diplomatico.*

*A curiosa attitude politica de Estados-Unidos, n’estes ultimos annos, sempre muito ciosos da sua antiga divisa. - «A America para os americanos» -mas manifestando claramente um novo principio - «E tudo o mais que se puder apanhar por outros lados... tambem para os americanos”.*<sup>84</sup>

Do ponto de vista desta carta, em relação a questão dos Estados-Unidos e do Japão, também se podia ver uma grande tensão pela parte dos dois países. As duas civilizações eram duas novas potências com fortes ambições, onde os Estados Unidos deram os seus primeiros passos no sentido da modernização a partir dos inícios do século XIX, e o Japão um pouco mais tarde, já no último quartel do mesmo século. O Japão foi mesmo uma das nações do Extremo-Oriente que foi obrigado a abrir os portos ao comércio e obrigados a assinar tratados de inferioridade com os norte-americanos, em finais do século XIX e inícios do XX. Mais uma vez este aspeto não é esquecido pelo nosso autor:

*“A Europa está explorada, e pobre, se a consideramos labutando dentro dos limites das suas fronteiras.*

*A America é para os americanos, como dizia James Monroe ha perto de 100 annos, e como os factos vão successivamente provando. [...]. Pelo que respeita á America, a grande republica dos trusts, que vemos transformando-se rapidamente n’um tremendo imperio de dinheiro, governada por uma aristocracia de millionarios, todas as energias se lhe podem suppôr; e já hoje são bem notorias a sua importancia commercial no Extremo-Oriente e a cuidada attenção que dispensa a este vasto campo de competições. [...] na America tendem a dar-se as mãos e a constituirem um colossal reviramento nas*

---

<sup>84</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 28 [Carta de 29 de julho de 1902].



*vias de comunicação existentes; ha algumas dezenas de annos nada d'isto se previa; hoje admite-se como realisavel em pouco tempo.*”<sup>85</sup>

Continuando a abordar o mesmo tópico anterior, faz uma breve referência ao velho continente europeu que, apesar de continuar a anexar territórios, devido à sua falta de estratégia e escoamento de riqueza, enfraqueceu e o poder global foi transferido para os Norte-Americanos. Por um lado, os americanos em apenas 100 anos transformaram-se no centro do monopólio capitalista, governado por líderes milionários (era o centro financeiro a nível internacional, do qual todas as nações dependiam), e por outro lado o Extremo-orientes que se destaca como um centro de oportunidades de riquezas, matérias-primas e um importante centro para a indústria mercantil.

Keylor escreve fazendo um comentário sobre o efeito americano e japonês, nas mudanças de finais do século XIX, evidenciando também algumas semelhanças e distinções:

*“O Japão se lançava como potência transpácifica dominante na Ásia Oriental, um estado não-europeu, que adoptara as características europeias, e que começou a reivindicar o direito ao estatuto imperial na nova ordem global. As condições geográficas do império japonês e da república americana não poderiam ser mais diferentes.*

*O Japão sofria a carência de terra cultivável, recursos naturais e de um vasto mercado interno para a sua produção industrial. [...] os Estados Unidos possuíam os três factores em grande abundância como consequência da sua expansão territorial para o ocidente, ao longo do século XIX. Ao passo que a maldição japonesa da elevada densidade populacional conduzia o país à busca de locais externos para emigração, o problema oposto de fraca densidade populacional dos Estados Unidos requeria milhões de emigrantes europeus para trabalharem nas suas quintas e fábricas.*”<sup>86</sup>

O historiador para iniciar faz um parêntesis, referindo o Japão como a primeira civilização do pacífico a ocidentalizar-se sob influências europeias, como uma nova postura internacional, a reclamar direitos como um novo poder Imperial na nova era global. O Japão, devido a ter um território pequeno e solo frágil, consequentemente sofria

---

<sup>85</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 77 e 79. [Carta de 26 de novembro de 1902].

<sup>86</sup> KEYLOR, W.R. (2001). *História do século XX*. Mira- Sintra –Mem Martins: Publicações Europa América, p.37

com a existência de uma terra de baixo cultivo e poucos recursos naturais, também sem um vasto mercado interno para a produção industrial. Ao contrário os Estados-Unidos desfrutavam de um amplo território, uma terra fértil e recursos, para o vasto sustento do mercado interno e para a produção industrial, sendo o único problema a baixa densidade demográfica, que levava a recorrer a mão-de-obra exterior, tornando-se atractivo para os emigrantes sobretudo ingleses, irlandeses, escoceses. Refere ele:

*“As fortes semelhanças existentes entre as duas nações justificam o facto de partilharem o estatuto de potências imperiais no início do século XX. Ambas as nações estavam relativamente livres de ameaça de invasão, devido à enorme distância que as separava dos centros de poder militar da Europa.*

*Ambas encontravam-se próximas de estados politicamente desorganizados e militarmente impotentes, cujos recursos naturais abundantes os tornavam alvos tentadores à exploração económica e à dominação militar.*

*Esta benéfica combinação de isolamento perante a interferência das grandes potências e de proximidade com regiões de grande valor económico e de vulnerabilidade estratégica, lançou os Estados Unidos para uma política de expansão imperial própria na sua região, durante o mesmo período em que o Japão iniciava a sua expansão para o continente da Ásia.”<sup>87</sup>.*

Podemos, pois descrever a relação entre os Estados Unidos e o Japão, como um relacionamento diplomático, mas ao mesmo tempo com uma forte rivalidade como duas novas ordens imperialistas mundiais que eram.

### **2.3.2. As relações com a Rússia**

No que respeita à Rússia e ao seu relacionamento com o Japão, sobretudo após o reencontro entre o Ocidente e o Oriente, será a guerra sino-japonesa a marcar uma nova fase<sup>88</sup>. Esses acontecimentos, principalmente a vitória do Japão sobre a China, obrigou as

---

<sup>87</sup> Idem, p. 37

<sup>88</sup> A Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895) foi um conflito entre o Japão e a China, fundamentalmente pelo controle da Coreia. Em Março de 1895, os dois países assinaram o tratado de Shimonoseki e a China aceitou a cessão de Taiwan, das Ilhas Pescadores e de Liaodong ao Japão. Nesse mesmo ano, a Rússia, que via a expansão de Japão como um perigo aos seus interesses geopolíticos na zona, apoiada pela França e o Reino Unido, pressionaram o governo japonês para que *amistosamente* reconsiderasse as vantagens obtidas pelo Tratado de Shimonoseki. O Japão, que se via incapaz, no momento, de enfrentar-se com a Rússia, sobretudo por esta estar apoiada pelos franceses e pelos britânicos, cedeu e teve de renunciar, em favor da Rússia, aos direitos adquiridos sobre a península de Liaodong e a sua cobiçada praça estratégica de Port

várias potências a reconhecer o Japão como um país evoluído, equiparado às grandes potências, e justificando-se assim a celebração de acordos de aliança entre os japoneses e as várias nações europeias, asiáticas ou americanas.

Estes acordos tinham como objectivo potenciar o Japão como uma civilização industrializada e promover relações diplomáticas entre as várias nações, entrando assim no processo de globalização tão característico do sistema capitalista. Gispert para justificar esta nova fase, comenta:

*“É provável que aqueles que negociaram a aliança anglo-nipónica de 1902 não se tenham dado conta do seu alcance, já que este tratado seria crucial para os acontecimentos que se iriam produzir no Oriente num futuro imediato.”*<sup>89</sup>

Em relação a este relacionamento externo do Japão com a Rússia, Wenceslau de Moraes na sua correspondência comenta:

*“Quando o horizonte se encontra carregado de negras nuvens ameaçadoras, rugindo ao longe o trovão, tudo pressagiando emfim a proxima tormenta, [...] um sôpro de brisa dissipa a tempestade, o céu reaparece azul e brilha de novo o sol; [...] o horizonte politico d’esta parte do mundo acaba de desanuviar-se, apresentando bastantes indícios de que a guerra –a medonha tempestade humana –ainda não fará ouvir por esta vez o seu grito de desolação e de extermínio. Não são conhecidas as negociações na que téem chegado os governos russo e japonéz; mas sabe-se com certeza que o estado altamente irritante da materia, indicando como imminente o desfecho pelas armas, diminuiu de arrogancias, entrando-se no campo conciliador dos accordos mutuos, que levarão mui provavelmente os dous governos a uma solução pacífica da questão em que se envolveram. Ha tambem razões para crêr que a França vai figurar em tudo isto como medianeira.”*<sup>90</sup>

Estava sobretudo em causa o tratado recente de 1902 que Gispert avalia como *“Uma obra-prima da diplomacia e fruto de minuciosas e longas negociações”*<sup>91</sup>. Para que o proveito deste tratado funcionasse na perfeição, segundo o autor era incrementar transparência nas relações externas e suster alguma vontade imperialista de qualquer um dos intervenientes. O choque entre Japoneses e Russos era uma questão de tempo, já que ambos ambicionavam os mesmos territórios e a guerra tinha de surgir, mais cedo ou mais

---

Arthur. Este fato, pese a conservação do resto dos ganhos territoriais e a influência sobre a Coreia, criaria um considerável ânimo de vingança entre os japoneses; dez anos mais tarde, não perderiam a oportunidade de desforrar-se mediante a Guerra Russo-Japonesa.

<sup>89</sup> GISPERT, C (s.d.). *História Universal*. Lisboa: Oceano Grupo Editorial. Vol. 16, p. 3320.

<sup>90</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 258.

<sup>91</sup> GISPERT, C (s.d.). *História Universal*. Lisboa: Oceano Grupo Editorial. Vol.16, p. 3320 e 3321.

tarde. Nos primeiros anos do século XX, a *Guerra Russo-Japonesa*<sup>92</sup>, veio por um lado mostrar o crescimento já realizado pelo Japão, mas também o pleno reconhecimento do seu papel e do seu espaço no contexto internacional. Wenceslau, mais uma vez, atento ao tempo e ao espaço, vaticinava:

*“Entra-se em concessões de parte a parte, sem desprestígio dos brios do imperio japonéz annunciando-se um periodo de paz, que mui necessario lhe será para seu engrandecimento futuro. Não nos illudamos, [...]a maneira como se comporá este negocio, é certo que a Russia não desistirá da politica de opressão e de conquista em que trabalha, alastrando a sua influencia como uma grande nodoa de gordura que invade a China e a Coréa, avançando dia a dia para o seu grande ideal, que é predomínio no Extremo-Oriente, com gravissimo prejuizo das justas ambições do Japão para a hegemonia n’estas vasta zona asiatica. [...], o principio do direito, a força em contradicção a todos os direitos, a força do imperio moscovita constitue uma excepção tão incoherente perante a vida social das nações actuaes, que deve confiar-se demasiadamente na sua suprema eficácia.”*<sup>93</sup>

Wenceslau de Moraes descreve ainda que os dois Impérios já se encontram em posição eminente, para quando a guerra explodir, notificando que os Japoneses já têm as esquadras guarnecidas e prontas para atacar. Escreve ainda, que os diplomatas russos têm usado as reclamações como forma de confronto lenta e indecisa, como estratégia de reforçar as forças militares marítimas e se instalarem nos pontos de posicionamento. Como sabemos, nem essa estratégia foi suficiente para evitar a derrota humilhante, com graves repercussões internas.

A respeito das regiões da Ásia Oriental, Moraes faz ainda uma pequena referência à China e à Coreia, aponta que o Japão saberá como se defender das provocações arrogantes, fazendo uma breve comparação com a China que estava já bastante cobiçada

---

<sup>92</sup> Guerra Russo-Japonesa foi uma guerra entre o Império do Japão e o Império Russo que disputavam em 1904 e 1905 os territórios da Coreia e da Manchúria. A guerra ocorreu no nordeste asiático, agravou-se, e o regime político do czar Nicolau II da Rússia foi abalado por uma série de revoltas internas em 1905, envolvendo operários, camponeses, marinheiros (como a revolta no couraçado Potemkin) e soldados do exército. Greves e protestos contra o regime absolutista do czar explodiram em diversas regiões da Rússia. Os líderes socialistas procuraram organizar os trabalhadores, nos quais se debatiam as decisões políticas a serem tomadas. O Japão era um país de tradições militares, apesar de enfrentar severas crises económicas. Com navios menores, mas com grande mobilidade e poder de fogo muito superior aos pesados e antigos navios russos, a Marinha japonesa impôs uma derrota humilhante ao inimigo. Esta guerra marcou o reconhecimento do Japão como potência imperialista, pelas diversas nações da Europa.

<sup>93</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 259.

pelas nações europeias. A Coreia era vista por alguns observadores e países como ainda atrasada no desenvolvimento e uma sociedade bárbara, em comparação aos vizinhos da China, mas também do Japão.

Em síntese: Procuramos neste segundo capítulo que intitulamos – O Japão e o Oriente na correspondência de Wenceslau de Moraes – cruzar alguma informação que derivou da análise de histórias de referências (lidas no âmbito da revisão de literatura), com a necessidade de percebermos melhor, por um lado a evolução da História do Japão, mas, por outro lado, identificar algumas relações externas mais importantes. Nestas, sobressai, no contexto de crescimento da Era Meiji, o aumento de rivalidades com países mais próximos – casos da China, da Coreia, da Rússia, por exemplo – e outros mais distantes – sobretudo europeus – que, temendo esse crescimento começam a ver no Japão um rival capitalista com espírito imperialista. Sempre que veio a propósito procuramos introduzir excertos da correspondência de Wenceslau de Moraes, evidenciando todas as potencialidades do seu conteúdo, mas também a atenção dele ao mundo da altura.

Esta incursão e aproveitamento da sua correspondência, procurará agora no segundo capítulo ser melhor rentabilizada, identificando na perspectiva mais cultural e mental, as representações e as imagens por ele sistematizadas sobre o Oriente, em particular o Japão.

### Capítulo 3 – Representações escritas do Oriente e do Japão

*“As sociedades modernas (refiro-me aos Estados civilizados da Europa e da America) tendem cada vez mais a perfilhar a primeira interpretação. O homem emancipa-se dia a dia de um certo número de concepções ideaes, nas quaes se incluem a dedicação incondicional á patria, o sacrificio espontaneo pelo symbolo da bandeira.*

*O homem vae comprehendendo que o seu primeiro dever é ser feliz, e para isto trabalha; os seus outros sentimentos passam ao segundo plano; o respeito pelas instituições, pelos outros homens, o patriotismo, são para elle, mais do que outra coisa, simples estatutos de collectividade, que elle admite e a que se submete, mas, principalmente, porque n’elles encontra a garantia dos seus proprios interesses.”<sup>94</sup>*

Desde o início da Era Meiji no ano de 1868, o Japão encontrava-se num processo de modernização. À medida que o progresso e desenvolvimento evoluía e se equiparava aos povos do Ocidentais, aumentava a ambição de transformar o Japão num grande Império, expandi-lo a outros espaços territoriais, como é o exemplo dos países vizinhos, da China e da Coreia que ainda se encontravam com desenvolvimento atrasado em comparação com o Japão, mas que tinham, no entanto, um território com solo rico em recursos naturais e amplo espaço.

Para que o processo de desenvolvimento tivesse sucesso era necessário eliminar hábitos da era feudal, difundir novas ideologias e princípios, como são exemplo: o patriotismo, a glorificação da raça, os nacionalismos, o respeito pela tradição, entre outros. Estes aspetos são muito importantes para podermos conhecer melhor a mentalidade do universo nipónico.

Wenceslau de Moraes residente em Kobe, nas suas cartas faz-nos algumas descrições sobre a transição do Edo para a Era Meiji, estabelecendo algumas comparações: das mutações do quotidiano (cultura, costumes, tradições, religião); das alterações do sistema estrutural do império; do desenvolvimento dos transportes, principalmente o ferroviário; do aparecimento da imprensa escrita “o jornal” como meio de desenvolvimento e propaganda dos novos valores. Os escritos de Moraes, principalmente as correspondências, têm como objetivo aliciar o leitor a conhecer com profundidade a nação nipónica.

---

<sup>94</sup> MORAES, Wenceslau de (1905). *Cartas do Japão: uma anno da Guerra (1904-1905)* Prefácio de Vicente de Almeida d’Eça. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 381 e 382 [Carta de 15 de março de 1905].

Moraes começa por fazer uma apreciação à excessiva exaltação da pátria Japonesa:

*“O Mundo que assiste como espectador attentissimo ao grande drama iniciado na região extremo-oriental, deve esperar todas as audácias do povo japonês, embora lhe pese confessal-o, por orgulho de raça.*

No Japão, cada homem, cada mulher, cada criança, é um Kruger.<sup>95</sup>

*“O patriotismo affecta na alma japonesa o estado de uma paixão, de uma quasi loucura, de um quasi delirio; e é d’este povo, e de mais nenhum outro, que é licito presumir-se os mais estupendos arrojos, quando se trate do engrandecimento da pátria ou de salvar-a das garras do colosso que a ameace.”<sup>96</sup>*

### 3.1. Alterações na estrutura do Império Japonês

Wenceslau de Moraes na sua obra, ao abordar as transformações dentro da nação japonesa como fatores importantes para os progressos do território nipónico, destaca as alterações no quotidiano, a educação, o sistema estrutural na nação, os transportes, a diversificação dos meios de difusão as alterações de hábitos culturais. Aos olhos de muitos apaixonados, orientalistas mais tradicionais, pelas terras nipónicas, sendo as alterações necessárias, vão também extinguindo o paraíso que estavam habituados a ver, principalmente o exotismo.

Moraes nas suas Cartas comenta:

*“O impulso de vida moderna que dirige presentemente o povo japonês no caminho dos seus progressos, obriga-o fatalmente a mudar de hábitos, de trajas, de mobiliário, de alimentação; crescem e modificam-se as suas necessidades; o que é mais uma garantia de que muitos productos estranhos, até começarão a ser procurados e em breve constituirão um factor importante no jogo das importações.”<sup>97</sup>*

---

<sup>95</sup> Kruger: “O Mundo que assiste como espectador attentissimo ao grande drama iniciado na região extremo-oriental, deve esperar todas as audácias do povo japonês, (...), por orgulho de raça. A prophesia de um acontecimento tremendo, que devia commover a Europa inteira, proferida pela bôcca do velho Kruger durante a carnificina do transvaal, (...), tiveram de contemporisar, de acceitar a dura condição de vencidos e a perda irremediavel da sua patria.” (Moraes, 1905).

<sup>96</sup> MORAES, Wenceslau de (1905). *Cartas do Japão: uma anno da Guerra (1904-1905)*. Prefácio de Vicente de Almeida d’Eça. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p.1 e 2 [Carta de 2 de março de 1904].

<sup>97</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*, p. 243 [Carta de 6 de novembro de 1902].

Wenceslau de Moraes, um orientalista apaixonado pelo exotismo e encantos próprios do povo nipônico, através das suas cartas, mostra o seu descontentamento no que diz respeito ao processo de desenvolvimento com o objetivo de modernizar o país, processo que levava a eliminar com forma única e típica da raça nipônica, para se poderem igualar as potências ocidentais, processo que do ponto de vista dos nipônicos, era necessário acabar com algumas práticas tradicionais e culturais. Relativamente às alterações do quotidiano e da cultura japonesa, descreve o descontentamento sobre a estadia dos estrangeiros não se preocupando com essa identidade, provocaram extremas mudanças no quotidiano e na cultura (trajes/modo de vestir, alimentação, mobiliário “habitação”, idioma, entre outros).

Na obra *Relance da Alma Japonesa*, Moraes justifica o seu descontentamento:

*“O encanto do Japão vai-se perdendo, levado pelas correntes de modernismo inspiradas no Ocidente. Vão-se esquecendo tradições, arredando hábitos e formas que os séculos envolveram de prestígio e de poesia. [...]. O materialismo utilitário vai matando a beleza da vida e o encanto e estranho fascínio literário que no Japão envolve as coisas do passado.”*<sup>98</sup>

Moras neste breve tópico desta obra, como ao longo de muitas outras obras literárias, incluindo a própria correspondência, frustrado, persiste em dizer que o Japão do seu imaginário, estava a desaparecer, fruto do processo de ocidentalização e do capricho do Ocidente, questionando-se ainda se esta influência exercida pelo Ocidente no território nipônico seria o mais adequado, e se valeria a pena este sacrifício civilizacional.

Alguns retratos escritos das evidências dessa mudança, numa permanente comparação entre o impacto da novidade e a nostalgia do exotismo caracterizador do povo japonês.

### **3.2. A Visão do Japonês e a Alma Japonesa**

*“Na alma japonesa, os individuos não se contam; não são mais do que a pedra em pedaços e a argamassa agglutinante do feiticeiro edificio social que se chama o Dai-Nippon, o Grande Japão!... Esta concepção basta para explicar, o meu vêr, todos os actos de coragem inaudita, de patriotismo sem freio, de desprendimento da vida, de resignação*

---

<sup>98</sup> MORAES, Wenceslau de (1999). *Relance da alma japonesa*. Lisboa: Edição de Daniel Pires, p. 18.



*perante o soffrimento, de que já tem dado tantas provas este povo, no conflicto que se trava.*”<sup>99</sup>

*“No character japonéz, nos seus usos e nos seus costumes, encontra-se, por vezes, exactamente o contrario do que a nós, gente da Europa, nos move e nos commove.”*<sup>100</sup>

Estes excertos, de Wenceslau de Moraes e do Prefácio de Bento Carqueja, no volume de *Cartas do Japão Antes da Guerra (1902-1904)*, evidenciam a surpresa mas sobretudo a aceitação da diferença sobre a alma e carácter do Japonês, bem como em relação ao estilo de vida, ao pensamento e ação, que eram vividos na Europa. Esta diferença fazia enamorar uns e incomodava outros, demonstrando quer curiosidade pelo exotismo quer algum receio pelo desconhecimento ou pelo medo da ambição. O pensamento dos orientais e dos nipónicos era sobretudo desconhecido ou pouco divulgado e daí o interesse das visões de ocidentais sobre esse espaço longínquo.

Exatamente na epistografia, Moraes dá-nos uma visão sobre a descrição de como é vista a alma nipónica. Moraes escreve sobre o estereótipo da alma nipónica capaz de sacrifícios em defesa de um patriotismo e nacionalismo que permitia dar a vida pelo país ou nação de berço, mas também a devoção à bandeira nacional, o respeito pelos ideais de afirmação perante as civilizações europeias e americana.

Ao contrário das civilizações ocidentais, na opinião de Moraes, a construção de um Japão equiparável, ou até mesmo superior a outras raças, era contagioso entre os cidadãos indígenas: a febre pela pátria, também a resignação /rendição perante a humilhação feita pelos ocidentais, principalmente no período da 1.<sup>a</sup> guerra mundial (tiveram participação indireta na guerra, devido a proibição, e serem adjetivados de raça inferior, pelas civilizações de raça branca não podendo participar diretamente), fundou na alma japonesa um sentimento sem freio e perigoso.

Como já tinha mencionado, em algumas partes deste estudo com base na literatura de Wenceslau de Moraes, também de observações feitas por outros orientistas, os nipónicos, mesmo antes da chegada e do retorno dos povos ocidentais, tinham uma mentalidade de raça superior a outras raças. Julgavam que o seu território, o Imperador, mas também o seu povo, tinha sido escolhido por deus para ser superior e dirigir outras

---

<sup>99</sup> MORAES, Wenceslau de (1905). *Cartas do Japão: uma anno da Guerra (1904-1905)* Prefácio de Vicente de Almeida d’Eça. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 383 [Carta de 15 de março de 1905].

<sup>100</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz. Prefácio de Bento Carqueja. Prefácio (s/p).

nações. O orgulho e o patriotismo são dois dos padrões ideológicos, componentes do estereótipo da nação japonesa enraizados na alma nipónica.

### 3.3. Apesar de tudo... uma alma aberta

À medida que o Japão se modernizava, com o enriquecimento e aprendizagens das técnicas ocidentalistas no campo militar, político e económico, também decidiram alargar ao campo literário e linguístico, principalmente ao Inglês já que a aprendizagem desse idioma ia-lhes permitir explorar os campos da literatura, filosofia, ciência, áreas que só os eruditos “pessoas letradas” ocidentais tinham acesso.

A viagem ao conhecimento intelectual ocidental, feita pelos ocidentalistas japoneses contribuiu para moldar o pensamento nipónico. Para os eruditos japoneses poderem construir os seus próprios pensamentos, inspirados nos intelectuais ocidentais, como é o exemplo de Rousseau ou Karl Marx (Marxismo), pensamentos e ideias responsáveis pela maneira de pensar e agir no mundo contemporâneo, era uma aventura, mas também uma perigosa arma de domínio de outras nações, ou seja estas obras levavam a um violento mar de ideias e influências contraditórias e irracionais (nesta época muitos ainda tinham a ideia de vingança contra os ocidentais, embora outros perscrutavam a possibilidade de fazer progredir o país, convertendo-a numa forte potência mundial).

Segundo a análise de muitos estudiosos, estas ideologias já tinham sido inseridas, no primeiro contacto, através das primeiras civilizações europeias que pisaram o solo japonês, desde a época moderna destacando aí o papel de portugueses e outros povos ocidentais. Agora, as viagens ao estrangeiro e o desenvolvimento linguístico, utilizando por exemplo o inglês, além de permitir o acesso a um vasto conjunto de conhecimentos, também possibilitaram a oportunidade de abrir novos caminhos. Daqui resulta, o aparecimento de uma literatura japonesa confusa devido à mistura de diferentes temáticas ideológicas como: romantismo, naturalismo, utilitarismo, *escapismo*<sup>101</sup>, ao lado de ideias tradicionalistas conservadas pelos próprios nipónicos. HENSHALL comenta:

---

<sup>101</sup> Escapismo: Esta ideologia (ou forma de pensar de intelectuais japoneses) foi uma forma de os Imperialistas e patriotistas nipónicos fugirem da realidade em que viviam, ainda primitiva, ocidentalizando o país. Os líderes japoneses usavam a literatura, principalmente relacionando com a temática do escapismo ou escape como forma de fugir da realidade em que viviam integrando a sociedade no novo mundo, e também como forma de controlo da mesma sociedade através da literatura procurando influenciar o pensar

*“Os modelos ocidentais também utilizados para retratar as frustrações e os fracassos daqueles japoneses que eram incapazes de acompanhar o agitado dinamismo do próprio processo de ocidentalização. O conceito literário russo de “homem supérfluo”<sup>102</sup> era particularmente apelativo aos Japoneses que se sentiam desorientados e deixados para trás por todas estas mudanças.”<sup>103</sup>*

O autor descreve que os japoneses até à era feudal eram controlados na forma de pensar e agir, dependiam dos líderes governamentais ou das classes feudalistas, e com a entrada em Meiji o país transformou-se num mundo individualista, onde cada cidadão tinha que depender de si mesmo, aqueles que não se conseguiam adaptar eram vistos como perdedores.

Moraes na sua obra “A Educação no Japão” faz também referência a este aspeto escrevendo:

*“ Da cultura, a literária florescia no Japão, mas apenas dentro dos limites da corte, porque a nação em geral jazia na mais completa ignorância, consequência fatal da enorme agitação política e militar, que grassou em todo o arquipélago, durante séculos consecutivos.”<sup>104</sup>*

Apesar de tudo destaca o contraste, a divisão da sociedade nipónica, natural numa fase de grandes transformações.

Abordaremos agora algumas das categorias de análise criadas com a leitura da correspondência de Wenceslau de Moraes, evidenciando aquelas que, no nosso entender, mais marcavam este período de mudança e transformação e mais se diferenciavam da cultura ocidental.

---

e o agir. A literatura japonesa desta época era particularmente confusa, numa mistura de romantismo e naturalismo, utilitarismo e escapismo. Tal como na linha de uma vetusta tradição, os jovens líderes da Restauração necessitaram da autoridade do imperador para legitimar os seus actos, também muitos escritores procuraram a autoridade de figuras ocidentais para dar peso aos seus pensamentos ou justificar as suas próprias circunstâncias. Até as obras desse tempo eram uma confusão de referências a este ou àquele escritor ou pensador ocidental.

<sup>102</sup> Homem supérfluo: O homem supérfluo no Japão era um falhado num mundo duro de ganhadores e perdedores, num mundo onde, de repente, as pessoas dependendo das suas forças. A ortodoxia rígida e obrigatória da Era Tokugawa significara, pelo menos, que as pessoas tinham um lugar prescrito. Essa segurança tinha agora desaparecido. A liberdade revelava ser uma espada de dois gumes (HENSHALL, K. (2005), p. 116 e 117.

<sup>103</sup> Idem.

<sup>104</sup> MORAES, Wenceslau de (2005). *A Educação no Japão*. Lisboa: Editorial Nova Ática, p. 7

### 3.3.1. Patriotismo

*“Na Europa, na America civilisada, o patriotismo é, ..., um dever cívico; os soldados marcham para a guerra em obediência a este preceito. No Japão o patriotismo não é um dever: é um amor, uma paixão, é uma febre contagiosa, que põe em ebulição o sangue dos soldados, e ... o dos camponeses, e também o das mulheres, e também o das crianças, esquecendo todos tudo para um único fim –a gloria do Dai-Nippon. E este sentimento que faz dos japonezes um povo unico, em coragem e abnegação, do que elles deram, estou certo, sobejas provas, no decurso das hostilidades com a Russia, seja qual fôr a sorte final das armas.”<sup>105</sup>*

Wenceslau de Moraes aborda nesta carta, o pensamento patriótico como um idealismo político, fazendo distinção entre o simbolismo do patriotismo na Europa e no Japão. O patriotismo é um sentimento ideológico inserido numa nação, com o objetivo de glorificar o país onde nasceu, nem que para honrar, tenha que sacrificar a sua vida e da própria família. O patriotismo é, sobretudo um sentimento inserido na mentalidade da civilização Japonesa, e utilizado como uma arma estratégica, para defesa e conquista. É um dos legados histórico-culturais instalado pelos Portugueses, no primeiro encontro do oriente com o ocidente. Portugal foi a civilização europeia com quem os nipónicos tiveram mais contacto: por um lado receberam valores de conhecimento literário, filosófico e ideológico, por outro lado estes permitiram um desenvolvimento da civilização nipónica onde o patriotismo, a glorificação da raça, o heroísmo, entre outros, são valores e princípios de referência.

Apesar destes padrões ideológicos terem sido incutidos pelos Europeus, eles são vividos de forma diferente na Europa e no Japão. Na Europa é um dever assumido quando participam em conflitos bélicos, enquanto no Japão, além de ser um dever, é um amor obcecado instalado na mentalidade não só dos militares, mas de todo o povo Japonês com a obrigação de elevar a glória do “Dai-Nippon”. Esta ideologia foi utilizada no primeiro conflito bélico, guerra Russo-Japonesa (o primeiro conflito entre povos Orientais e Ocidentais).

Wenceslau Moraes faz justamente na sua correspondência referência à guerra Russo-Japonesa e ao sentimento patriótico existente no conflito da para dos Japoneses:

---

<sup>105</sup> MORAES, Wenceslau de (1905). *Cartas do Japão: uma anno da Guerra (1904-1905)* Prefácio de Vicente de Almeida d’Eça. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p.2 e 3 [Carta de 2 de março de 1904].

*“Todos se sentem com dinheiro, e todos se sentem com arrojo, n’um impulso decidido de franco patriotismo. Observemos para contentar os egoístas, que o patriotismo não é só uma virtude altruísta, mas também um dever de interesse pessoal; pois, sendo proprio do homem o cuidar do seu bem-estar, e carecendo para tal fim do auxilio da collectividade, trabalhar pelo bem d’ella é trabalhar para si. [...] o patriotismo declamatorio, acompanhado de bandeiras tremulantes e de hymnos de philarmonica, já não serve nos tempos de hoje, muito positivos; convém dar-lhe uma feição prática deliberante, conduzindo a resultados materialmente profícuos, que melhorem, sem demora, as condições economicas e sociaes da nação.”*<sup>106</sup>

No Japão o sentimento patriótico é mais do que um juramento de bandeira, era uma obsessão obrigatória incutida no povo nipónico e transportada com estes na exploração de novos territórios. José Freitas na sua obra *O Imperialismo Japonês* comenta: «*O Japão, ao contrário, é patriota porque considera a terra onde nasceu como a mãe de tôdas as terras, a mais bela de tôdas as terras, a terra de origem divina, tal como o Imperador*»<sup>107</sup>, se for necessário o suicídio (no decorrer de conflitos bélicos como é o caso da guerra Russo-Japonesa caso não o matassem, um soldado tinha que se matar a ele próprio).

### 3.3.2. Imperialismo, Colonialismo, Militarismo e Nacionalismo

O **imperialismo** é caracterizado por uma nova forma de expandir, controlar territórios independentes menos desenvolvidos, forçados a ceder abertura dos seus próprios territórios a países com mais poder financeiro. Estes prometiam proteção sobre potências menos desenvolvidas, estabelecendo um tratado protetorado (o país ocupado por um estado com poder, tinha as suas políticas, mas sob o fiscalização do país que o controlava). No processo de imperialismo sobre o país ocupado, existia um forte sentimento patriótico e racista, pois a nação que dominava achava-se superior a qualquer outra nação e dava-lhe o direito de autoridade sob o outro território.

No progresso da expansão destes estados menos desenvolvidos, o estado mais desenvolvido, instalava um “protetorado”, com a finalidade de proteger a região mais desfavorecida. Esta era obrigada a ceder ao tratado e a respeitar o estado dominante e, de seguida, a potência “protetora” instalava os seus padrões de vida, de forma a poderem exercer o domínio. A ideia de Império ou expansão, já existia desde os primeiros tempos

---

<sup>106</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 126 [Carta de Fevereiro de 1903].

<sup>107</sup> FREITAS, J.D. (s.d.). *O Imperialismo Japonês*. Lisboa: Edições Cosmos, p. 45.

mas a ambição de exercer o poder sobre outro território, como necessidade de crescimento e sustentável do seu próprio país, só em 1870 foi definida como “Imperialismo”.

Entre 1890 e 1914 novas forças imperialistas, davam os seus primeiros passos no domínio de estados ainda isolados e atrasados. A influência do termo “Império” ou raça superior veio da Europa Ocidental, o velho Império Europeu que até aos inícios do século XX, tinha sido o principal centro metropolitano, controlador de territórios distantes. A forte concorrência e concentração levou ao nascimento da política capitalista, que procurou criar uma rede monopolista onde as nações com maior sucesso de produção e poder financeiro, procuravam dominar novos mercados exercendo o seu poder nos mesmos. O Japão vai por um lado ser vítima destas ambições capitalistas/imperialista e, por outro, após a Era Meiji, tornar-se também uma nação com vontade de dominar os territórios vizinhos, como é o exemplo da China e da Coreia.

O **Colonialismo** é definido, como forma de exploração e domínio de regiões que mantêm ocupadas. As nações dominadas, normalmente revelam atrasos a nível militar, político, económico e cultural. Desde o século XVI os povos europeus revelaram vontade de explorar o mundo desconhecido, procurar novos mercados, espaços com solo fértil na produção de matérias-primas em maior quantidade e mais barata, regiões amplas para acolher a emigração (o espaço nas metrópoles de origem começava a ficar pequeno para um aumento da população e escassa sustentabilidade), e novos meios lucrativos (os lucros e os recursos do país de origem eram escassos).

No decorrer da primeira fase colonial, foram desencadeados desentendimentos entre os povos indígenas residentes e os povos europeus, levando, logo que possível, à expulsão dos estrangeiros desses espaços. Este processo pode descrever o exemplo dos países do Extremo-Oriente, neste caso do Japão. No caso da China, em comparação com os vizinhos japoneses, apesar de proibir o domínio e a circulação comercial aos estrangeiros, continuou a permitir a visita das mesmas.

Na década de 50 do século XIX, as civilizações Ocidentais retornaram ao continente asiático, com maior poder, obrigando estes a abrir os portos marítimos à circulação comercial. Nesta nova fase de expansão colonial, além das velhas civilizações europeias, acompanhava o novo imperialismo colonial os Estados-Unidos da América, sobretudo quando estamos a analisar o Extremo Oriente e, em particular o Japão.

Os finais do século XIX e os inícios do século XX, é um período marcado não só pelo neo colonialismo europeu, coincidindo com o nascimento de novas forças imperialistas, mas também de novos potenciais colonizadores como os EUA e o Japão. As potências europeias voltaram a instalar-se nas regiões que há duas décadas atrás foram obrigados abandonar, com o objetivo de voltar a ter poder sobre as mesmas, usando a força de poder económico, militar e mais uma vez o conceito de superioridade racial. Do ponto de vista dos europeus, mas também dos Americanos, os territórios como é o exemplo do Japão, encontravam-se atrasados no processo de modernização. Este retorno das civilizações ocidentais, visavam a reabertura dos portos marítimos japoneses à circulação comercial.

Este novo contacto, podendo ter alguns fatores positivos, também trouxe algumas consequências que mediavam entre um imperialismo e um colonialismo. Algumas nações do Extremo-Oriente, como é o caso do Japão que sofreram as influências das civilizações ocidentais, procuraram defender-se deste “novo assalto”. Acresce que o resultado surpreendente do trabalho de desenvolvimento do país, com base em técnicas ocidentalistas, proporcionou-lhe a entrada na rede dos países capitalistas, com maior poder negocial, junto dessas civilizações, como são exemplo a Inglaterra e dos Estados- Unidos.

Muito associado a estes conceitos, surge o **Militarismo** definido como uma doutrina política que defende o governo de uma nação reforçando o poder e a capacidade das forças armadas. Segundo Kalina Vanderlei Silva & Maciel Henrique Silva, na obra “Dicionário de Conceitos Históricos:

*“A arte [...] que considerava a guerra um dos ramos da arte de governar. [...]. A organização militar é uma instituição presente na maioria das sociedades humanas, sem que necessariamente passe a dominá-las. Assim, para a compreensão do processo de militarização de algumas sociedades ao longo da história, e não de outras, temos de nos debruçar sobre o contexto histórico específico de cada uma, buscando as razões militares em cada caso dicionário de conceitos históricos.”<sup>108</sup>*

A instituição militar é um meio importante para dominar a sociedade e controlar outras. Os Japoneses desenvolverem, ao longo do século XIX, a instituição militar, inspirando-se no modelo prussiano, no pensamento militar das obras de Clausewitz e no modelo Germânico. Estes modelos vieram afirmar que a guerra é a continuação política. Nos

---

<sup>108</sup> SILVA, K. V. (2005). *Dicionário de Conceitos Históricos* (2.ed). São Paulo: Editora Contexto, p. 286.

finais do século XIX, o processo de independência a que se submeteu o Japão, transformou um país dominado, num país poderoso e dominante. Consequentemente os confrontos externos, primeiro para defesa, mais tarde para a própria conquistas imperial, obrigou-o a trabalhar no desenvolvimento da organização militar: formação e técnicas militares, exércitos volumosos, fortes e fora do controle (os soldados eram educados de forma a proteger a pátria onde nasceram, nem que tivessem que dar a vida e cometiam muitos crimes desumanos); os homens do povo foram obrigados a frequentar o serviço militar e a entrar na guerra; os exércitos eram liderados por líderes políticos muitos deles eram ou tinham sido proprietários rurais ou antigos guerreiros (samurais), por exemplo. No Japão onde o sistema militar passou por grandes transformações, os maiores líderes militares eram antigos militares de baixa hierarquia, que mais tarde ocuparam cargos de governantes políticos, volto a mencionar o General Ito como um exemplo de líder político e militar (o antigo samurai dos meios rurais, na Era Meiji foi um dos grande governantes políticos do Japão).

O **Nacionalismo** é assumido como um sentimento político idealista, um pensamento cívico que visa aumentar o prestígio de uma nação, frente a ameaças externas. Este pensamento é um sentimento tático que os governantes políticos tentam incutir na mentalidade do povo, para combater males externos. Os líderes nipónicos, para poderem criar um forte espirito nacionalista dentro da nação, recorreram à sua história, à obediência intrínseca, a mitologias enraizadas, visando controlar a população indígena, e impondo-lhes a obrigação de glorificar a nação japonesa, nem que o último recurso fosse o suicídio, entendido como um feito grandioso do sentimento nacionalista.

Imperialismo, Colonialismo, Militarismo e Nacionalismo, são quatro dos princípios mais defendidos pelo governo Meiji, na nova fase do Japão, transitou de um país atrasado para nova potência mundial. Os nipónicos tinham um profundo e perigoso sentimento patriótico e nacionalista, querendo mostrar a outras nações, e em particular ao Ocidente, a superioridade da raça Japonesa. Estes mesmos princípios são explorados para a vontade expansionista visível em finais do século XIX e início do XX. Apesar do seu interesse na China, os japoneses tinham a vontade de possuir as terras Coreanas, devido a possuírem riquezas diversificadas, igualmente solos férteis e possuírem espaços militares estratégicos.



Wenceslau de Moraes faz exatamente uma descrição sobre o Império Japonês, e a necessidade de explorar novos territórios:

*« Hoje, diz o jornal citado, que o imperio do Japão conta 46 milhões de habitantes, por outras palavras, contém 160 individuos por cada milha quadrada. Esta prodigiosa população cresce anualmente na proporção de 1,1 p. c., em média; dentro de 62 annos será de 90 milhoes, o dôbro da actual. [...], para o Japão é uma questão de necessidade que uma extensão qualquer de terra se offereça para seus filhos e para os filhos de seus filhos; a Coréa e a China, paizes visinhos, proporcionam esta vantagem e dão a solução do problema. O Japão deve desenvolver o seu trafego com estas duas nações, no intuito de melhorar as condições economicas internas, e d'ellas deve receber aquillo de que careça; em troca, transmite-lhes as industrias modernas e as virtudes cívicas da civilisação occidental, melhorando, sob a sua aza protectora, as condições de vida das populações chinesa e coreana.»<sup>109</sup>*

Em sequência desta ideia, Wenceslau aborda o poder exercido pelo imperialismo nipónico sob as terras Chinesas e Coreanas:

*“Na China e na Coréa encontraram os japonezes, como era natural, os principaes consumidores dos seus novos productos, e assim augmentaram a riqueza nacional, circumstancia absolutamente necessaria á sua nova feição politica e administrativa, que o mundo civilizado lhe impozéra.”<sup>110</sup>*

Segundo Moraes, os japoneses para colonizarem as terras vizinhas e construírem o seu império, seguiram o exemplo dos Europeus e dos Americanos, já que estes quando retornaram ao Oriente com o objetivo de colonizar o território nipónico, também ofereceram tratados teoricamente de proteção, mas na realidade tratados desiguais, com o objetivo de exercer domínio sobre o território nipónico, eliminando os direitos sobre o seu próprio território, excluindo os seus padrões culturais e designando-os como “raça amarela”. Wenceslau de Moraes em pequenos parágrafos da sua epistolografia, aborda o rápido crescimento nipónico e a cobiça de apoderar-se do mundo que o rodeia, principalmente dos países vizinhos, incutindo o sentimento nacionalista e o princípio do militarismo na sua política.

*“O Japão não carece só de impôr-se para defender o seu próprio territorio. Este paiz vivia até ha pouco isolado do mundo inteiro, parece mesmo que vivia muito bem, dando-lhe tudo o sólo e não precisando dos estranhos. Mas bateram-lhe á porta os estrangeiros e obrigaram-no pela força a abrir os seus portos, a entrar em relações com elles e a moldar-se pela sua civilisação. Os japonezes, cujo elevado patriotismo lhes não*

---

<sup>109</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*, p. 186 a 195 [Carta de 30 de junho de 1903].

<sup>110</sup> Idem, p. 144 a 154 [Carta de 20 de abril de 1903].

*consentia que vissem o paiz transformado n'uma colonia da Europa ou da America, como talvez a Europa ou a America houvessem imaginado, acceitaram a imposição, civilizaram-se á nossa moda, crearam novas necessidades e tornaram-se, como era forçoso que succedesse para se manterem, um povo industrial e commercial, interessado nas grandes actividades mundaes. [...]. Ao Japão assiste, pois, tambem o dever de manter forças capazes de fazerem valer os seus desejos em relação á integridade do territorio das nações asiaticas extremo-orientaes. [...]. Este imperio, desempenhando hoje o papel de primeira potencia do Extremo-Oriente, nutre certamente intimas esperanças de constituir-se o educador, o dirigente, dos paizes que se lhe avisinham.*”<sup>111</sup>

Na abordagem que Moraes faz a glorificação da raça Japonesa, descreve o regresso e a imposição dos Ocidentais como um abuso aos olhos dos japoneses, afirmando que tinham acordado um “Dragão adormecido e perigoso”. Esta percepção vai no mesmo sentido de alguns historiadores, como Parker que justifica a reação do Japão, perante esta vontade de superioridade das potências ocidentais, fruto de «o reconhecimento internacional do novo estatuto do Japão tardou: os consulados diplomáticos subsistiram até 1894 e os tratados desiguais negociados com o Ocidente entre 1850 e 1860 vigoraram até 1911. Entretanto, as ambições nacionalistas e imperialistas do Japão cresciam»<sup>112</sup>

Este autor refere que o Japão demorou a ser reconhecido a nível internacional como uma forte potência, a primeira potência não ocidental, não sendo de admirar as reações japonesas, tanto nos conflitos locais (Coreia, por exemplo) como posteriormente durante a 1ª Guerra Mundial. No seu entender, entre 1868 e 1900 cresce o ódio contra a superioridade das potências brancas e o desejo de se querer superiorizar às mesmas entrando na rede do expansionismo capitalista. O ódio que o Japão sentia pelas potências brancas e o anseio de se expandir fez crescer uma poderosa e receosa política, da qual brotaram sentimentos nacionalistas, imperialistas com o desejo de derrotar o ocidente e de se expandir para outros territórios.

Marc Ferro na obra “História das colonizações das conquistas às independências – sécs. XIII-XX” faz referência ao novo Japão e à sua transição, de território dominado a potência desenvolvida, na nova era dos Imperialismos e comenta:

*“O imperialismo do final do século XIX e o imperialismo do século XX diferem, do espirito de conquista ou de dominação das épocas anteriores e da expansão colonial dos séculos precedentes também por este aspeto: esse imperialismo está mais ligado*

---

<sup>111</sup> Idem, p. 148, 149 e 151

<sup>112</sup> PARKER, G. (1995). *Atlas Verbo de História Universal*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, p. 117.

*que os outros ao capital financeiro e a colonização ou a conquista não constituem as únicas expressões da sua existência.*”<sup>113</sup>

Além do poder financeiro ser um fator importante, na rede monopolista que se formava no início da contemporaneidade no Ocidente, estendendo-se pelo Oriente, outro fator importante para as potências era o poder militar. O militarismo era importante para outros campos político e financeiro, principalmente o político dependia de uma competente de força militar para controlar os oponentes na nação.

Wenceslau de Moraes faz também uma observação sobre o militarismo Japonês. A fabulosa transformação da instituição militar japonesa, não só pelo volume de soldados, mas pela estrutura organizacional que foi sendo trabalhada ao longo dos últimos anos inspirada, mais uma vez, nas técnicas ocidentais. As civilizações ocidentais levaram as primeiras armas para o continente japonês, acolhendo os japoneses como aliados, mas não sabia que a sua posição superior iria voltar-se contra si. Do ponto de vista de Wenceslau de Moraes, a superioridade dos Ocidentais, o exagerado patriotismo dos japoneses e a posse das primeiras armas, permitiu transformá-lo numa temível nação, não só para o Oriente, como também para o Ocidente. O objetivo principal das mutações militares, era criar uma forte liderança política para poder proteger o território contra a autoridade Europeia e Americana. A liderança política e militar foi uma das formas de disciplinar a nação nipônica, e o partido político que ganhou essa responsabilidade, foi o partido Liberal entre 1868 até 1911. Dentro destas mesmas datas o Japão passa a surgir, junto das mesmas civilizações ocidentais, como uma nova potência mundial.

José Freitas faz-nos uma pequena abordagem do desenvolvimento das forças militares, justificando esta nova identidade oriental japonesa:

*“Durante 40 anos (de 1854 a 1894), o Japão, à medida que se ia adaptando à técnica ocidental, desenvolvia uma actividade febril para reconquistar a sua perda de independência. Os Tratados Injustos impostos pelas grandes potências, a existência no arquipélago de guarnições estrangeiras, direito de extraterritorialidade, a obrigação de não poder aumentar os impostos alfandegários em mais de 5% sobre o valor da mercadoria, limitavam todas as grandes possibilidades que os governantes japoneses previam já para o país.[...]. Nas vésperas da primeira guerra com a China, o exército nipónico era já formado por 240 mil homens.*”<sup>114</sup>

---

<sup>113</sup> FERRO, Marc (1995). *História das Colonizações das conquistas às independências – século XII-XX*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 27.

<sup>114</sup> FREITAS, J.D. (s.d.). *O Imperialismo Japonês*. Lisboa: Edições Cosmos, p. 77 e 79.

Wenceslau de Moraes regista também na sua correspondência esta febre militarista japonesa, mas também o comedimento necessário em detrimento desta postura agressiva, apesar de outros perigos (expansionismo russo) que pairavam:

*“Militam em favor dos japonezes as seguintes circunstancias: o dominio que adquiriram no mar, o que permite livre percurso aos seus transportes, com tropas, com munições, com víveres; a excellencia dos seus soldados, que são como nenhuns magníficos na marcha, muito instruidos, muito disciplinados, optimos atiradores, e como nenhuns animados de immenso patriotismo, de immensa coragem, de completo despreso pela vida; regista-se ainda um armamento admiravel.”*<sup>115</sup>

*“No momento presente, sem delongas, que a alliança das nações teria ampla justificação no intuito de impôr á Russia, pela palavra, a moderação dos seus impulsos, deixando á China o que é da China, á Coréa o que é da Coréa, e não pondo empecilhos ao desenvolvimento material do Japão, tão digno das sympathias mundeas. Mas um accordo altruista das nações, nos tempos que vão correndo, tão característicos pelo egoismo feroz e pelas vistas mesquinhas das sociedades chamadas cultas, é inadmissível. Deixemos, pois, o acaso ir resolvendo tão complicados problemas sociaes; mas talvez a Europa e a America, que tanto se mostram preocupadas com o perigo amarello, tenham n’um futuro proximo de vêr-se a braços com um outro perigo, porventura mais terrivel, o perigo russo.”*<sup>116</sup>

Do ponto de vista de Júlio Silva e das cartas de Moraes, relativamente ao desenvolvimento militar a nível mundial, apesar de no início ainda não ser valorizado, mesmo após a guerra sino-japonesa, tanto o Ocidente, como o Oriente temiam o novo Japão e uma previsível catástrofe internacional. As grandes potências ocidentais, neste caso os Estados-Unidos e a Inglaterra, criaram acordos de aliança com a finalidade de criar relações diplomática e reconhecimento do Japão como potência.

### **3.3.3. A Educação e a Religião**

A educação e a religião eram fatores importantes no controlo da autoridade governativa Meiji. No período feudal só o xogunato e os dáimios tinham direito ao conhecimento, enquanto o resto da população vivia na ignorância, não sabia ler, nem escrever, não tinha direito ao pensamento livre. A partir da era Meiji todo o povo nipónico

---

<sup>115</sup> MORAES, Wenceslau de (1905). *Cartas do Japão: uma anno da Guerra (1904-1905)* Prefácio de Vicente de Almeida d’Eça. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, p. 39 [Carta de 28 de março de 1904].

<sup>116</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*, p. 244 [Carta de 24 de setembro de 1903].

era obrigado a frequentar a escola; sabia ler e escrever; eram obrigados a comprar jornais todos os dias de forma a exercitar a leitura, compravam livros (livros, sobretudo de propaganda ao governo que exercia autoridade, de forma a que todos tivessem um forte pensamento patriótico e nacionalista).

Moraes na obra *Dai-Nippon* menciona a reforma da educação como uma forma de propaganda e controlo da vida política, comentando:

*“ Eram comentários cruéis, eram exclamações de orgulho e de vaidade; era a grande alma popular, em efervescência, por um patriotismo sem limites, por uma ambição sem medida, sem paralelo nos sentimentos frios, de convenção, das raças ocidentais.*

*Não bastavam à multidão nipónica as linhas inflamadas dos telegramas, os longos artigos entusiastas dos jornais, as narrativas dos que regressavam.*”<sup>117</sup>

*“ E neste estado da sociedade que estudávamos, é que aparece o jornal. Num país onde toda a população sabe ler, o jornal atinge proporções de epidemias; entra nas casas como moscas. O jornal transporta ao lar a confusão mental de algum espírito mais atrevido, mais visionário, mais intensamente palpitante de estranho nervosismo; conquista naturalmente adeptos, forma partido; o povo entra assim nos segredos do estado, nos grandes problemas da vida, apreciando, discutindo, condenando, caricaturizando, numa exuberância irreflectida de antigo escravo, que vê quebrarem-se-lhes os grilhões*”<sup>118</sup>.

Outro factor importante para esta alteração da mentalidade era a literatura, onde também se verificaram grandes reformas, constatadas pela pena atenta de Wenceslau:

*“Neste país a literatura reveste-se duma feição curiosa, oposta à que estamos habituados a reconhecer-lhe. [...]. No Japão a classe mais desenvolvida intelectualmente, nascida ontem, não tem literatura pátria que corresponda às exigências do seu espírito; sabendo inglês, ou sabendo francês, ou sabendo alemão, ou recorrendo a traduções servis, é no livro europeu que ela se educa pondo de parte a ignorância ingénua dos autores nacionais. Quando muito, serve-lhe o jornal indígena; o jornal, que acompanha em letras, da maneira mais prática, a alma do evolucionismo, [...]. Para a literatura propriamente dita, genuinamente indígena, o humilde papel de ir enlevando o espírito das classes ínfimas, do aldeão, do operário, de musumé [...] é uma escrita plebeia, escrita por plebeus. Não tem ciência; molda-se pela velha concepção das coisas, não progride, nem precisa de progredir. [...]. O livrinho japonês, com as suas páginas de papel de seda escritas dum só lado, cosidas de gravuras, não vem trazer consigo ao lar o sopro do modernismo; constitui uma das raras prisões por que ainda a tradição, se abraça ao país; não é um facho de luz, é um padrão de ruínas. [...] é ainda a literatura*

---

<sup>117</sup> MORAES, Wenceslau de (1983). *DAI-NIPPON (O Grande Japão)*. Introdução de Celina Silva. Barcelos: Colecção: “Cem anos de Literatura em Língua Portuguesa”, Composto e Impresso na Campanha. Editora do Minho-Barcelos, p. 97 e 232.

<sup>118</sup> Idem, p. 232.

*dum povo primitivo, é ainda a literatura dos velhos tempos; a lenda, o mito, a tradição heróica, são os motivos.*”<sup>119</sup>

Os Japoneses, para que a reforma do sistema educativo pudesse efectivamente generalizar uma outra forma de pensar, criaram uma obra, também conhecida por *Rescrito Imperial*, fonte para todos os japoneses aprenderem e saberem de cor. Henshall comenta:

*“O rescrito tinha de ser memorizado por todos os estudantes e era lido em voz alta em ocasiões importantes. [...], e o caminho para a unidade nacional que representava não estava completamente isento de acidente de percurso. Porém, a ideologia que continha tornou-se cada vez mais firmemente arraigada. A juventude de então era assim exortada a ser diligente, respeitadora, a trabalhar para o bem público e a servir o Estado e o imperador. [...]. O Rescrito não utilizava linguagem alarmista em relação à ameaça estrangeira [...] deu de facto às pessoas um sentido de desígnio nacionalista, porque até os que não conseguiam obter um sucesso estrondoso nos negócios ou em qualquer campo específico poderiam ainda sentir que tinham realizado algo, ao servir fielmente o imperador e a sua família-nação. [...]. Servir o imperador era ser um verdadeiro japonês. Era um privilégio não concedido aos de outras nações, que, por isso mesmo, eram seres inferiores.*”<sup>120</sup>

Existia gente contra o *Rescrito*, mas a intenção mais importante para a sua existência era assegurar o dever de fidelidade ao imperador e de mostrar a outras raças, que a raça japonesa era superior por terem os japoneses o privilégio de servir Imperador, divindade escolhida por deus.

Outro fator importante de unidade era a Religião até às primeiras expedições do Ocidente ao Oriente, neste caso Portugal ao Japão, o Japão tinha como religiões o Xintoísmo e o Budismo. Com a chegada do povo lusitano liderado por Fernão Mendes Pinto e por Francisco Xavier, depararam-se com uma nova e forte religião o Cristianismo. Os portugueses ao instalarem esta religião nas terras nipónicas criam um grande impacto e desencadearam grandes conflitos internos entre os indígenas crentes do cristianismo e não crentes, conflitos que levaram o Japão a fechar-se durante duas décadas. Com o retorno do Ocidente, os monarcas da era Meiji promulgaram uma constituição de 1889, autorizando a liberdade de culto, ou seja os japoneses podiam ser crentes da religião que quisessem.

Henshall na sua obra ao escrever sobre a religião, faz uma abordagem à questão da presença cristã no Japão:

---

<sup>119</sup> Idem, p. 268 e 269.

<sup>120</sup> HENSHALL, K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, p. 121 e 122.

*“O Cristianismo era um assunto que se relacionava com o período anterior e uma causa potencial de problemas. O governo Meiji sabia que os ocidentais pensavam muitas vezes que o cristianismo e a democracia iam a par e até tendiam a avaliar o grau de civilização de uma nação em função da sua atitude para com o primeiro. [...]. Com algum alarme, o novo governo reafirmava, em 1868 o banimento do cristianismo, mas as potências estrangeiras protestaram e o banimento foi levantado em 1873. [...]. O cristianismo simplesmente não se implantou e nunca iria atrair mais de 1% da população.”<sup>121</sup>*

Apesar de adotarem o cristianismo e promulgarem liberdade religiosa, na realidade esta liberdade era controlada e punida, já que as religiões dominantes continuaram a ser o xintoísmo, o budismo e o confucionismo (o confucionismo era mais uma filosofia com o dever de manter respeito pela hierarquia da sociedade e familiar), sendo que a única divindade a que deviam respeito era o Imperador.

Wenceslau de Moraes, que aos poucos se desfazia das ligações com a sua pátria para se japonizar, cortou raízes com o cristianismo, para se converter às religiões orientais, neste caso o Budismo. Na sua correspondência, descreve o movimento religioso nas terras nipônicas com o regresso das potências ocidentais e as relações dos indígenas com as mesmas. Segundo ele o Japão com o retorno das potências estrangeiras e a promulgação da constituição Meiji que concedeu ao seu povo liberdade religiosa, designando-se como o país com maior liberdade religiosa do mundo, não deixou de ter como religião predominante o Xintoísmo em respeito pelos seus antepassados. O xintoísmo, a política, a educação e o militarismo eram aspetos que estavam ligados entre si, dependiam uns dos outros, e eram cruciais para que fosse possível o desenvolvimento do território japonês e o Japão poder ser uma super potência ao lado das Ocidentais.

### **3.3.4. Processos de modernização (transportes, ciência e indústria)**

Além das reformas no campo político, militar, religioso educativo também houve grandes transformações no desenvolvimento dos transportes, ciência e indústria, sectores dos mais importantes e que mais progressos positivos evidenciaram não só ao Japão, como no resto da Ásia. Esse progresso deve-se à exploração das técnicas ocidentais e ao aumento de letrados especializados em diversas áreas, ao desenvolvimento da educação e a obrigação de frequência da escola que permitiu diminuir o analfabetismo e permitir que cada vez mais japoneses entrassem nas Universidades.

---

<sup>121</sup> HENSHALL, K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, p. 122 e 123.

Armando Martins Janeira na sua obra *Construção de um país moderno* descreve as transformações dentro dos setores antigos como a agricultura, mas também a transferência para o setor terciário (tecnologias, ciências e serviços), que essa mudança provocou, afirmando:

*“Embora aplicáveis a numerosos sectores, referimos apenas as principais: transformação das estruturas fundamentais; procura da harmonia social por iniciativa das duas classes antagónicas, patrões e operários, através da conciliação voluntária dos interesses comuns; cálculo e planeamento; esforço de inovação constante; o desejo de ultrapassar todos os outros países; auxílio intensivo às indústrias novas e abandono das antigas cuja produtividade diminuiu; aplicação da ciência e tecnologia tanto ao progresso geral como às necessidades da vida diária do homem comum; igualdade democrática no trabalho e participação indirecta dos trabalhadores nos lucros da empresa; valorização da educação e incessante aperfeiçoamento do sistema educativo – que é de todas as lições a mais importante. [...] Foi uma reforma profunda e pacífica. Com isto se relaciona o estabelecimento de indústrias, a principal das quais era a têxtil, que contribuía para mais de metade das exportações. [...] Para isto é preciso importar do estrangeiro a tecnologia – sempre a última palavra em tecnologia – e pôr de parte logo que possível as máquinas ultrapassadas por modelos mais modernos: máquinas e saber.”*<sup>122</sup>

Nesta abordagem o escritor descreve a reforma do Japão principalmente dos sectores secundário e terciário como rápida, pacífica e profunda, devido a transformações fundamentais e essenciais. Henshall menciona mesmo algumas das empresas ligadas a eletrónica que se tornaram mais importantes nas últimas décadas da era Meiji:

*«(...) A gigante NEC (Nippon Electric e Company), atualmente bem conhecida, começou em 1899 como um projecto comum entre a companhia americana Western Electric e o seu agente japonês. [...], a Toshiba, começou em 1900, [...] General Electric americana e duas companhias japonesas, a Tokyo Electric e a Shibaura Electric (que pertencia ao grupo Mitsui).»*<sup>123</sup>

Relativamente à indústria pesada, vista como uma das mais importantes, devido ao investimento militar na construção naval e ao desenvolvimento dos transportes, principalmente os caminhos- de-ferro, considera que ela aparece muito associada, por um

---

<sup>122</sup> JANEIRA, A. M. (1985). *A Construção de um país moderno*. Lisboa: Editorial Inquérito. In. <http://www.armandomartinsjaneira.net/obra/japao-a-construcao-de-um-pais-moderno/>. Disponível em 1 de outubro de 2015, p. 14, 15 e 23.

<sup>123</sup> HENSHALL, K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, p. 137.



lado, aos investimentos de base internos, mas também ao militarismo e ao expansionismo, sentimentos que também povoavam a mentalidade japonesa.

Neste contexto de desenvolvimento, Wenceslau considera importante reativar um relacionamento histórico de Portugal com o Japão. Como já tinha abordado no primeiro capítulo, os primeiros povos europeus e ocidentais que permitiram ao Japão um primeiro contato com povos não Orientais, foram Portugal e Espanha no período do século XVI. Há mais de dois séculos que o povo lusitano, tinha contato tanto com o povo nipónico, como as restantes nações da Ásia. Portugal e Espanha foram os países que trouxeram para estes territórios os primeiros contatos com a ocidentalização/modernização, passaram a conhecer diferentes hábitos culturais, quotidianos e civilizacionais, obtiveram conhecimentos de novas religiões. Mas foi também o povo português que trouxe as primeiras armas.

Wenceslau de Moraes e Armando Martins Janeira, procuram exactamente nas suas obras relembrar esse feito considerando que os Portugueses deviam ter marcado mais presença no território e ter renovado as relações luso-nipónicas com mais força, nesta fase final do século XIX e inícios do XX de grande mudança, marcando um espaço em detrimento de outras potências. Segundo historiadores tanto portugueses, como estrangeiros (ex: Japoneses), que abordam Portugal e a expansão marítima, o povo lusitano deixou cair um País com forte poder a nível mundial, sendo ultrapassado por outras potências europeias com pouca história nesse espaço oriental, perdendo assim oportunidades de negócio, de apoio, de consultadoria nalgumas áreas (técnica, jurídica, científica, militar, entre outras).

Moraes nas suas cartas avisa para este distanciamento das relações entre Portugal e o Japão:

*“É tempo de exercermos as nossas actividades na importantissima região de que me occupo. O nosso commercio em geral precisa acordar da lethargia em que se deixou cahir. Se uma causa, entre muitas, tem concorrido para este triste adormecimento, a qual é a farta renumeração que muitos encontram no cantinho patrio, sem vislumbre de fadiga, vendendo pão de gesso e de serradura ou café de terra e de grão de bico aos pobres consumidores, que todo o rigor da lei e a indignação do povo esmaguem de uma*

*vez, estas industrias pacatas, duplamente criminosas por envenenarem os freguezes e envenenarem as forças productoras do paiz.*”<sup>124</sup>

No que diz respeito às relações económicas e comerciais entre o Ocidente e o Oriente, o restabelecimento das relações era importante principalmente, para Portugal. Os Tigres asiáticos estavam a despertar para o mundo de forma surpreendente, apesar do isolamento e atraso em comparação com as potências ocidentais. Na nova era a nível internacional era importante criar ligações com a Ásia, neste caso o Japão, que na visão geral de muitos estudiosos, tinha um forte potencial para as nações capitalistas. Wenceslau de Moraes, bem como outras figuras portuguesas que estudam não só o Japão, como o resto do Oriente, com respeito ao nosso relacionamento com esta parte do mundo ao longo da história, principalmente a China e o Japão, emite opiniões tendo em vista a intensificação dessas relações. O mesmo se passa na vertente cultural e civilizacional entendendo que ambas as partes muito teriam a aprender com o reforço dessas “relações esquecidas”.

Concluindo este capítulo, os Japoneses, apesar do choque civilizacional, absorveram bem os ensinamentos dos ocidentais, incluindo dos portugueses. Estes foram copiados e adaptados ao sistema japonês dos finais do século XIX, primeiro como auto defesa das potências ocidentais que retornavam ainda com mais poder e por outro lado para competir junto das potências ocidentais, principalmente a Grã-Bretanha e a América. De tudo isto, fomos dando conta, Wenceslau de Moraes na sua correspondência mostrou-se sempre atento a tudo o que o circundava. Para além das funções político-diplomáticas, o encantamento pelo Japão, mas simultaneamente, o seu patriotismo procurava trazer às suas cartas uma vontade imensa de Portugal poder aproveitar um Tigre que crescia, antevendo claramente as potencialidades e vantagens da intensificação desse relacionamento.

---

<sup>124</sup> MORAES, Wenceslau de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*, p. 111 e 112 [Carta de 8 de janeiro de 1903].

## Conclusão

Ao longo do desenvolvimento da nossa dissertação sobre o caso de estudo que fomos investigando ao longo destes dois anos, podemos reter algumas conclusões ou opinar sobre um assunto ainda desconhecido, e também pouco estudado.

A primeira observação conclusiva que retiramos é sobre a fase do período histórico entre século XIX, mais precisamente na década de 60 desse mesmo século e os inícios do século XX (o brotar do mundo modernista). Este período foi marcado por inúmeras mutações históricas a nível mundial, desde alterações de padrões de vida, a queda de grandes e velhas hegemonias (a queda do poderio Europeu, neste caso Portugal) e nascimento de novas hegemonias, como é o caso da América e da Ásia.

O velho reino Europeu, que há mais de duas décadas, exercia um forte poder dominante sobre o mundo, começa a ser ultrapassado ou pelo menos questionado na sua supremacia por territórios ainda desconhecidos dos quatro cantos do globo, América, Ásia e África. O continente africano continuou a ser um território colonial e disputado pelas civilizações Europeias até ao final da 1ª Guerra Mundial. O continente asiático, sem contar com alguns territórios colonizados pelos europeus, como é o exemplo de Macau que encontrava-se sob o domínio territorial Português desde as primeiras expedições marítimas, tinha-se fechado durante mais de dois séculos ao Ocidente mas agora, juntamente com o continente americano, neste caso os EUA, começava a colocar em causa esse domínio incontestado.

Os EUA, por exemplo, executaram transformações dentro do país com base nas técnicas europeias, junto com algumas técnicas únicas do próprio território, acabando por se superiorizar às civilizações europeias. Essa ascensão provocará naturalmente rivalidades sobre espaços que tanto eram importantes como fontes de matérias-primas, como de mercados para a industrialização em crescendo. O nascimento dos EUA como nova força hegemónica, traduzir-se-á numa frente monopolista, de internacionalização e/ou cartelização de empresas, de forte concentração financeira.

Os países do Extremo-Oriente ou da Ásia Oriental, neste caso o Japão, eram nações encerradas dentro dos seus países, só tinham contacto com as civilizações vizinhas do continente asiático, viviam em regimes feudais e bastante primitivos, com estereótipos

civilizacionais distintas dos ocidentais, e também estavam fechados ao contacto com as civilizações mais desenvolvidas. No entanto começaram a ser territórios cobiçados pelos Ocidentais, devido aos portos marítimos importantes para a circulação comercial, alguns deles funcionavam como entrepostos com os países vizinhos. Tinham uma cultura rica, um espaço territorial e possuíam uma grande população que podia ser vantajosa como mão-de-obra.

Os povos Ocidentais chamavam a estes povos de bárbaros, pelas seguintes razões: a primeira devido ao atraso civilizacional moderno, a segundo razão devido ao facto de serem de raça diferente, provocando um sentimento de ascendência civilizacional e sentindo-se com o direito de exercer poder sobre estes territórios, alterando ou mesmo extinguindo estereótipos característicos destes países, instalando estereótipos civilizacionais e culturais ao estilo ocidental para satisfação das próprias cobiças.

As civilizações orientais ainda tentaram resistir aos estrangeiros, no entanto estes utilizaram os meios militares avançados e a superioridade de raça branca (o xenofobismo da raça branca, contra as raças diferentes, neste caso a amarela era usada como um meio de domínio), estratégias que os japoneses não podiam combater, devido ao militarismo ainda primitivo e a falta de conhecimento sobre técnicas modernas ocidentalistas.

Os Americanos dirigidos pelo capitão de mar Matthew Perry cederam à primeira resistência, mas ameaçaram regressar e provocar uma guerra aos nipónicos caso eles não abrissem as suas portas ao comércio. Como estes não tinham, meios para os combater, acabaram por ceder às ameaças abrindo os seus portos. Os povos ocidentais, além de conseguirem estabelecer relações comerciais, também acabaram por possuir direitos sob o próprio país, elaborando “tratados desiguais” (estes davam direitos aos estrangeiros com maior poder capitalista, mas tirando-os aos indígenas).

O poder da política capitalista Ocidental, principalmente dos Estados Unidos e Inglaterra, possibilitou direitos territoriais sob o continente nipónico, entre as décadas de 50 e 60 dos finais dos séculos XIX. Este uso da força desencadeou problemas internos entre a população indígena que começou a interiorizar uma vontade de contra-atacar. As consequências destes problemas levaram ao nascimento de duas facções: os tradicionalistas que apoiavam algumas adaptações ocidentalistas, sem eliminar práticas antigas dos Tokugawa, isto incluía o poder dos senhores feudais Xoguns e dos Samurais, e a outra facção, os Imperialistas, chefiados por antigos Samurais, como por exemplo, o

General Ito Hirobumi, impulsionavam para novos valores e práticas modernistas, nacionalizadas com base nas técnicas ocidentalistas, eliminando as práticas tradicionalistas dos Tokugawa. Estes procuraram como estratégia, conferir o poder ao Imperador, centro da soberania japonesa, reforçando os seus poderes no sentido de garantir a defesa contra os estrangeiros. Destes confrontos resultou a vitória da visão imperialista em 1868, iniciando uma nova fase da história do Japão, conhecida como Era Meiji.

O início da era Meiji até aos finais da década de 90 do século XIX, é um período marcado por grandes mutações internas, com o objetivo de defender e equiparar-se, ou mesmo superiorizar-se aos Ocidentais. Em menos de 30 anos conseguiram-se igualar aos Ocidentais. Era surpreendente a ocidentalização do território nipónico na visão de muitos observadores: alguns viam essa postura de forma positiva, mas outros viam de forma negativa, já que anteviam os problemas novos que uma emancipação ou diminuição da dependência podia provocar na sua exportação de bens e serviços.

Como abordei, o Japão tem um território pouco fértil na produção de matérias-primas e não tem um amplo espaço, para suportar e sustentar uma população que continuava a aumentar. Para continuar a desenvolver a produção industrial, necessitava de um território amplo e produtivo, e estes fatores instigaram o espírito nipónico para a expansão territorial, tomando por direito os territórios vizinhos, principalmente a China e a Coreia. Com a vitória na guerra sino-nipónica ganha novos territórios, como é o exemplo da Ilha Formosa (Taiwan), para além de outros fatores positivos da guerra como foi o surgimento de novos tratados e o reconhecimento dos Ocidentais, assinando acordos diplomáticos com os mesmos. Mais tarde entre 1911 e 1930 coloniza os territórios da China e da Coreia até ao final da 2.ª Guerra Mundial.

A ocidentalização surpreendente do continente nipónico fez brotar uma nova potência capitalista não ocidental. Na modernização do país, os japoneses alicerçaram a estruturação do processo de desenvolvimento, nos seguintes fatores: a reestruturação do poder do imperador; o desenvolvimento da indústria, educação, preparação militar, mas também da adoção de novos valores procurando preservar algumas tradições. Os resultados desta modernização transformaram os japoneses numa civilização ambiciosa e imperialista, podendo descrever o período do auge do Japão, como uma super potência esplendorosa e dominante, entre os anos de 1900 e 1930. No entanto de 1930 até 1945,

podemos descrever como anos caóticos, devido ao poderio rápido e descontrolado, que desencadeou uma guerra entre os dois mundos o Ocidente e o Oriente.

A segunda observação conclusiva que retiramos da investigação foi a utilização da correspondência, como fonte para o meu estudo. O exemplo de Wenceslau de Moraes como um epistológrafo apaixonado pelo Oriente que primeiro visita mas que depois o “retém”, desiludido com os acontecimentos que vão extinguindo com os valores gloriosos da sua própria pátria, transformada, no seu entender, num país corrupto e atrasado, e que faz com que se revolte, procurando na via diplomática uma forma de sair do país e conhecer outras nações com o objetivo de esconder a sua revolta e rejuvenescer Portugal, serviu-nos para caracterizar o Oriente nas imagens escritas por ele transmitidas.

Nas primeiras correspondências, faz-nos um registo diário, onde comenta que percorreu os quatros cantos do planeta, América, África e Ásia. Os continentes com os quais teve maior contato foi com o continente africano (Moçambique) e o continente asiático, primeiro Macau onde esteve ao serviço da marinha portuguesa, depois exercendo a função de professor no liceu macaense. Neste mesmo território desenvolveu relacionamento, com uma mulher anglo-chinesa com quem se casou e teve dois filhos. O segundo país da ásia oriental onde realizou a sua missão foi o Japão, pelo qual desenvolveu uma paixão extrema abandonando as suas raízes e onde foi sepultado. As suas primeiras viagens ao continente nipónico foram como turista, conhecendo os espaços de Osaka e Tokushima. Estudiosos comentam que esta primeira viagem, fez desencadear nele um amor à primeira vista por aquele país. A insatisfação pela sua permanência em Macau e os conflitos conjugais fizeram decidir viajar definitivamente para o paraíso japonês que tanto desejava.

Durante estas viagens escreveu os primeiros registos epistolográficos sobre o Japão e o restante Extremo-Oriente. Nestas cartas descreveu relatos diários dos acontecimentos mais marcantes da história contemporânea do Oriente, prioritariamente o Japão. Os relatos sobre o Japão escritos nas suas cartas, é uma visão comparativa entre o mundo nipónico fantasiado e a realidade deste povo, onde se vão extinguindo estereótipos únicos daquele país, para se submeter, no seu entender, à cobiça modernista dos Ocidentais.

Como mencionei anteriormente, Wenceslau de Moraes sentia uma grande revolta, descontentamento contra o seu próprio país. A hegemonia do velho Grande Império

Lusitano da Idade Moderna, referindo-se em particular ao período entre o reinado de D. João V e D. José I, nos quais com o comando de Marquês de Pombal, permitiu dotar a nação de reformas que enriqueceram o país, fazendo do mesmo uma das maiores e poderosas potenciais a nível mundial. Após a Rainha D. Maria I ter subido ao trono, com a expulsão do Marquês e a abolição ou suspensão de algumas das reformas, assistiu-se na sua maneira de ver a um revisionismo (faz várias referências ao conservadorismo de alguns monarcas que querem preservar os valores dos antepassados, em vez de usá-los para o contínuo progresso do país provocando um atraso no seu próprio desenvolvimento), à instalação de uma política absoluta e corrupta, que também desvalorizou as próprias colónias, não permitindo o acesso a matérias-primas, ao mesmo tempo deixando-as ao abandono e não apostando noutros territórios como os quais Portugal sempre teve afinidades históricas, como era o caso do Oriente.

A partir do século XIX, a hegemonia que disfrutava Portugal, é transferida para os países vizinhos da Europa, neste caso a Inglaterra. O poderio da nossa aliada fez-se notar, por exemplo quando na segunda metade do século XIX evidenciou a ambição de possuir as colónias da África, como é o exemplo de Angola e Moçambique, e onde Portugal foi obrigado a ceder parte do domínio territorial sob ameaça de guerra. Ou seja podemos descrever que a nossa velha aliada, converteu-se na maior rival, chegando mesmo a enviar-nos um Ultimatum em 1890 para abandonarmos as nossas pretensões territoriais africanas. A maior frustração de Wenceslau de Moraes é não termos aproveitado essa obrigação de sair de África para, estrategicamente apostarmos na região do Extremo-Oriente, podendo aí Portugal concorrer com as ambições de grandes potências usando a nossa presença histórica e o nosso conhecimento para incentivar e potenciar essas relações.

O Japão nos finais do mesmo século, começa a dar os primeiros passos como potência moderna, equiparando-se às civilizações ocidentais, o que leva as mesmas a recorrer a relações comerciais e diplomáticas com os japoneses. O escritor faz algumas chamadas de atenção, com o objetivo de voltar a acordar o próprio país, aconselhando a fazer excursões ao Japão e a estabelecer relações com os japoneses devido ao legado histórico do relacionamento entre os dois países ter mais de duas décadas, tendo deixado no Oriente na fase da época moderna, memórias civilizacionais que podiam agora ser potenciadas.

A última conclusão que apontamos do nosso estudo, refere-se à temática do Oriente, neste caso o Japão que foi, para nós sempre um tema aliciante e simultaneamente contendo algo de enigmático e exótico. Como já abordamos ao longo da investigação, o próprio epistológrafo e as temáticas do Japão requerem tempo para os estudar e os perceber. A elaboração desta dissertação só foi o início dos meus estudos acerca do continente asiático que pretendo continuar. E aconselho outros estudantes e investigadores a explorar este campo de estudos, com o objetivo de enriquecer o campo da historiografia oriental em Portugal, devido ao seu potencial investigativo, mas também de melhor conhecimento das nossas relações históricas com essa parte do mundo.

Para completar, faço a sugestão de algumas temáticas de investigação, acerca da política nipónica entre o período cronológico entre meados do século XIX e os meados do século XX (1853 a 1945): analisar com mais profundidade os grupos e as classes governamentais; comparar a diferença política entre os vários Imperadores da Era Meiji até ao final da segunda guerra mundial; analisar melhor as constituições políticas e os partidos políticos existentes (abordo este tema no 1º capítulo, para dar uma noção da política, mas não o abordei em profundidade, porque requer mais tempo para se poder perceber).



## Fontes e Bibliografia

### 1. Fontes

MORAES, W. de (1904). *Cartas do Japão antes da Guerra (1902-1904)*. Prefácio de Bento Carqueja. Porto: Livraria Magalhães & Moniz.

MORAES, W. de (1905). *Cartas do Japão: uma anno da Guerra (1904-1905)*. Prefácio de Vicente de Almeida d'Eça. Porto: Livraria Magalhães& Moniz.

MORAES, W. de (1993). *Cartas do Extremo Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente.

MORAES, W. de (2005). *A Educação no Japão*. Lisboa: Editorial Nova Ática.

MORAES, W. de (1999). *Relance da Alma Japonesa*. Lisboa: Edição de Daniel Pires.

MORAIS, W. de (1983). *DAI-NIPPON*. Com Introdução de Celina Silva”, Composto e Impresso na Companhia Editora no Minho – Barcelos.

MORAES, Wenceslau de (1906). *Paisagens da China e do Japão*. Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso.

MORAIS, Wenceslau de (1923). *1854-1929. Relance da História do Japão*. Porto: Editor Maranus.

MORAES, W. de (1905). *Cartas do Japão Um Anno da Guerra*. Com prefácio de Vicente Almeida D'Eça. Porto: Livraria Magalhães Moniz

### 2. Bibliografia

BERSTEIN, G. (1997). *História do Século XIX*. Mem Martins: Publicações Europa - América.

BOLÉO-ROMÉ, J. (2012). *Um Olhar para Portugal no Mundo*. Lisboa: Edições Colibri.

CAPITÃO, M. M. (2012). *Entre duas Civilizações: o Universo de Leituras em Wenceslau de Moraes*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade de Lisboa.

CARVALHO, Eduardo Kol de (2010). *O Império da Imagem, Luzes e Sombras do Japão*. Lisboa: Editorial Tágide. Disponível em <http://www.fnac.pt/O-Imperio-da-Imagem-Eduardo-Kol-de-Carvalho/a306800>> [consultado a 3 de Janeiro 2015].

CARVALHO, E. K. (2004). *Sushi Bar Nós e os Japoneses*. Dafundo: Editorial Tágide.

CASTRO, L. F. (2007). *Sistema do Governo Japonês*. Minas: Cenários PUC  
Disponível em  
[http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CES\\_ARQ\\_DESCR20070411125859.pdf](http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CES_ARQ_DESCR20070411125859.pdf). Consultado em 18 de julho de 2016.

DELUMEAU, J. (1997). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença.

*Diário de Lisboa*, nº 15500, Ano 45, Quinta, 10 de Fevereiro de 1966, “Casa Comum”. Disponível em [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_14080](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_14080). Consultado em 13 de outubro de 2015.

DOMINGUES, F. C. (2016). *Dicionário da Expansão Portuguesa 1415-1600*. Lisboa: Círculo de Leitores.

FERRO, Marc (1995). *História das Colonizações das conquistas às independências – século XII-XX*. Lisboa: Editorial Estampa.

FREITAS, J. D. (s.d.). *O Imperialismo Japonês*. Lisboa: Edição Cosmos.

GELBER, H. G. (2007). *O dragão e os diabos estrangeiros. A China e o mundo, de 1100 a.c. até atualidade*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores S. A.

- GISPERT, C. (s.d.). *História Universal*. Lisboa: Oceano Grupo Editorial.
- JANEIRA, A. M. (1985). *A Construção de um país moderno*. Lisboa: Editorial Inquérito. Disponível em: <http://www.armandomartinsjaneira.net/obra/japao-a-construcao-de-um-pais-moderno/>. Consultado em 1 de outubro de 2015.
- JANEIRA, A. M. (1955). *Portugal e o Japão – Subsídios para a História Diplomática*. Lisbon: Agência Geral do Ultramar. Disponível em [http://armandomartinsjaneira.net/downloads/Armando\\_Martins-Portugal\\_e\\_o\\_Japao-excertos.pdf](http://armandomartinsjaneira.net/downloads/Armando_Martins-Portugal_e_o_Japao-excertos.pdf). Consultado em 1 de outubro de 2015.
- HENSHALL, K. (2005). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70.
- KEYLOR, W. R. (2001). *História do Século XX*. Mem Martins: Publicações Europa – América.
- MATTOSO, J. (s.d.). *História de Portugal a Segunda Fundação (1890-1926)*. Vila Viçosa: Editorial Estampa.
- MANELA, R.G. (org.), R.G. (1999). *Impérios em Guerra 1911/1923 uma perspectiva inteiramente nova da primeira Guerra Mundial*. Inclui Capítulo “O Império Português” por Filipe Ribeiro Marques. Havard University Center: Editora Ensaio.
- MATSUNOSUKE, N. (1997). *Edo culture: daily life and diversions in urban: Japan, 1600-1868*. Honolulu: University of Hawai’i Press.
- MESQUITA, A. d. (2001). *A América do Norte*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- PARKER, G. (1995). *Atlas de História Universal*. Lisboa/ São Paulo: Editorial Verbo.

PEATTIE, E.H. (1984). *The Japanese Colonial Empire, 1895-1945*. New Jersey: Princeton University Press.

PETER L Berger; Thomas Luckmann & Floriano de Souza Fernandes (Trad.)(2004). *A Construção Social da Realidade, Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes.

PESAVENTO, S.J. (2009). *Revista de História e Estudos Culturais*.

Apresentação do Dossiê. " Sandra Jatahy Pesavento: A Historiadora e suas Interlocuções" (Vol. 6). S.l.: Fênix.

[http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Apresentacao\\_do\\_Dossie\\_Nadia\\_Maria\\_Weber\\_Santos.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Apresentacao_do_Dossie_Nadia_Maria_Weber_Santos.pdf). (consultado. 27 de agosto de 2016)

RAMON H. Myers and MARK R. Peattie (1984). *The Japanese Colonial Empire, 1895-1945*. London: Edited Princeton University Press.

RONAN Alves Pereira. Taesuzuk (org.), (2014) *Japão no caleidoscópio Estudos da Sociedade e da Sociedade Japonesa*. Campinas: SP. Editora Pontes.

Roux, A. (2006). *A China no século XX*. Lisboa: Instituto Piaget.

SERRÃO, J. V. (1986). *História de Portugal. Terceiro Liberalismo (1851-1890)*. (Vol. IX). Lisboa: Editorial Verbo.

SERRÃO, J. V. (1989). *História de Portugal (1910-1926)*. (Vol. XI). Lisboa: Editorial Verbo.

SILVA, J. J. (S. d.). *Wenceslau de Moraes e a Guerra Russa Japonesa de 1904-1905*. Lisboa: Editora (s.n.)

SILVA, K. V. (2005). *Dicionário de Conceitos Históricos* (2.ed). São Paulo: Editora Contexto.

[https://moodle1315.up.pt/pluginfile.php/151384/mod\\_resource/content/1/diciona](https://moodle1315.up.pt/pluginfile.php/151384/mod_resource/content/1/diciona)

[rio%20de%20conceitos%20hist%C3%B3ricos.pdf](#). Consultado em 2 de Outubro de 2015.

SYSTEMA. C. P. (1995). *História da Coreia*. Seul, República da Coreia: Editado e Produzido por World Compugraphic Co., Ltd.

## Anexos

### Anexo 1: Principais datas e acontecimentos de Portugal entre (1890-1926)<sup>125</sup>

Principais datas e acontecimentos (1890 – 1926)	
Ano	Acontecimentos
1890 [11 de Janeiro]:	- Ultimato britânico a Portugal
1891 [31 de Janeiro]:	- Revolta republicana no Porto
1892	- Oliveira Martins no governo
1892 – 1897:	- João Franco no governo
1895 [Dezembro]:	- Mouzinho de Albuquerque aprisiona Gungunhana
1898 [30 de Agosto]:	- Acordo secreto entre a Alemanha e a Inglaterra sobre as colónias portuguesas
1906-1908:	- Governo de João Franco
1908 [1 de Fevereiro]:	- O rei D. Carlos é assassinado em Lisboa
1910 [5 de Outubro]:	- Proclamação da República em Portugal.
1911 [20 de Abril]:	- Separação entre o Estado e a Igreja
1912:	- Formação da Renascença Portuguesa
1913-1914:	- Primeiro governo de Afonso Costa
1914-1918:	- I Guerra Mundial
1914:	- Começa a publicar-se a revista Nação Portuguesa, órgão do Integralismo Lusitano.
1915 [14 de Maio]:	- Revolução em Lisboa contra o governo do general Pimenta de Castro. Publicação do primeiro número da revista Orpheu.
1916 [9 de Março]:	- A Alemanha declara guerra a Portugal.
1917 [Janeiro]:	- O Corpo Expedicionário Português embarca para França. -Primeiras aparições em Fátima.

<sup>125</sup> MATTOSO, J. (s.d.). *História de Portugal a Segunda Fundação (1890-1926)*. Vila Viçosa, Editorial Estampa, p.11.

[13 de Maio]:  [Novembro]: [Dezembro]:	- Revolução bolchevista na Rússia. - Sidónio Pais no Poder (até Dezembro de 1918).
1918 [9 de Abril]:	Batalha de La Lys. Epidemia de tifo e gripe em Portugal
1919 [Janeiro-Fevereiro]:	A Monarquia é restaurada no Porto
1921 [19 de Outubro]:	A «noite sangrenta» Começa a publicar-se a revista Seara Nova.
1922 [Março-Junho]:  [30 de Outubro]:	- Gago Coutinho e Sacadura Cabral voam em Portugal ao Brasil - Governo fascista em Itália
1926 [28 de Maio]:	Insurreição do exército em Braga

## Anexo 2: Cronologia do Japão dos Finais do Século XIX <sup>126</sup>

<b>Cronologia do Japão de 1800 a 1945</b>	
<b>Período Tokugawa a partir de 1800</b>	
<b>Data</b>	<b>Acontecimento</b>
<b>1803</b>	- São negados direitos comerciais aos navios americanos. A Inglaterra e a Rússia também pressionam a abertura do Japão ao exterior.
<b>1831</b>	- Começa a década das fomes
<b>1841</b>	- A escassez de bens materiais atinge o auge
<b>1853</b>	- Os navios negros do almirante Perry e o embaixador russo Putyatin chegam ao Japão.
<b>1867 -1868</b>	- A Restauração Meiji abre o Japão ao exterior.
<b>Período Meiji 1868 a 1945</b>	
<b>1868</b>	- O Imperador Meiji presta juramento de fidelidade. - São abolidas as fronteiras aduaneiras internas e abertas ao tráfego as estradas que eram privativas dos senhores feudais. - Inaugura-se um novo monetário e regula-se o valor do «yen» em relação à moeda estrangeira
<b>1869</b>	- Os súbditos do Imperador são divididos em 4 classes. - Inaugura-se a primeira linha telegráfica. - Começa-se a publicar-se o primeiro diário.
<b>1870</b>	- Começa a primeira linha de navegação entre Tóquio e Osaka. - Criam-se escolas populares em Tóquio. - Recomenda-se e facilita-se a vacinação. - Prepara-se a elaboração do Código civil.
<b>1871</b>	- Cria-se a Casa da Moeda em Osaka. - Começam a funcionar os primeiros serviços de correios entre as principais cidades.

<sup>126</sup> FREITAS, J. d. (s.d.). *O Imperialismo Japonês*. Lisboa, Edições Cosmos, p. 56.

SAKAIYA, T. (1993). *Japão as Duas Fases do Gigante*. Lisboa, Difusão Cultural – Sociedade Editorial e Livraria, Lda. p. 283.



	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Autorizam-se os homens a cortar o cabelo, que até essa data usavam entrançado.</li> <li>- Proíbe-se aos samurais a opressão sobre outras classes.</li> <li>- É autorizado o casamento entre as várias classes.</li> <li>- Os camponeses podem escolher os produtos que hão-de semear.</li> <li>- Abre a primeira cervejaria.</li> </ul>
<b>1872</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introdução do papel moeda.</li> <li>- Funciona o primeiro caminho-de-ferro.</li> <li>- É concedida a liberdade de escolha de profissão.</li> <li>- Criação de leis bancárias.</li> </ul>
<b>1873</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inauguração do calendário gregoriano.</li> <li>- Introdução do serviço militar obrigatório.</li> </ul>
<b>1874</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pede-se a abertura do Parlamento.</li> <li>- Funda-se o primeiro partido político.</li> <li>- Pronuncia-se o primeiro discurso público.</li> <li>- Cria-se o vício do fumo.</li> </ul>
<b>1875</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inaugura-se a primeira estação meteorológica.</li> </ul>
<b>1876</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É proibido que os civis andem armados de espadas pelas ruas.</li> <li>- Inaugura-se a primeira escola agrícola.</li> </ul>
<b>1877</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O Japão ingressa na União Postal Universal.</li> <li>- Inauguram-se os serviços telefónicos.</li> </ul>
<b>1878</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O Japão compra patentes de armamento á fábrica Hotchkiss.</li> </ul>
<b>1882</b>	Início da moderna fiação do algodão.
<b>1890</b>	Inauguração da Dieta (parlamento japonês)
<b>1894 – 1895</b>	Guerra Sino-Japonesa
<b>1902</b>	Aliança anglo-japonesa
<b>1904 -1905</b>	Guerra Russo – Japonesa
<b>1907</b>	Crash do mercado de acções
<b>1910</b>	Tratado de união entre o Japão e a Coreia
<b>1914 – 1918</b>	Primeira Guerra Mundial. O Japão desenvolve-se rapidamente. Pânico do pós-guerra
<b>1920</b>	O grande terramoto de Kanto destrói Tóquio

<b>1923</b>	Começa a grande depressão a nível mundial
<b>1929</b>	O Japão invade a Manchúria
<b>1931</b>	O Japão invade a China
<b>1937</b>	Começa a Guerra no Pacífico
<b>1941-1945</b>	A Segunda Guerra Mundial termina com a derrota do Japão.